

1. INTRODUÇÃO

Considerando as características socioculturais do futebol no Brasil, o estudo da carreira esportiva de atletas de futebol apresenta diversas questões que precisam ser analisadas a partir da especificidade desta realidade. O esporte faz parte da identidade do País e além de ser considerado a paixão nacional, é visto como uma oportunidade de ascensão social e profissional. O sonho de tornar-se um jogador de futebol profissional, adquirir status social e melhores condições financeiras para si mesmo e, muitas vezes, para toda sua família está presente em todas as “peladas” nas ruas e escolas do Brasil.

A carreira esportiva de um atleta passa por diversas fases desde a iniciação até a aposentadoria. Os atletas passam por processos de captação e seleção, longos períodos de formação envolvendo treinamento e competições, socializam-se no ambiente esportivo, alcançam ou não o alto nível e finalmente cessam a prática sistemática do desporto (SALMELA, 1994). O longo processo seletivo pelo qual estes jovens passam é extremamente conflituoso e, muitas vezes, envolve uma série de obstáculos como a separação da família e do seu meio social (amigos), a dificuldade de continuação dos estudos, o alto grau de cobrança nos treinamentos e competições e a incerteza quanto à continuidade de sua carreira esportiva.

O termo “carreira esportiva” é entendido como a prática voluntária e plurianual de uma atividade esportiva escolhida pelo atleta com o objetivo de alcançar altos níveis de desempenho em um ou vários eventos esportivos (ALFERMANN & STAMBULOVA, 2007). No entanto, devemos também levar em consideração o contexto esportivo no qual esta carreira vai ser percorrida.

O desporto no Brasil é reconhecido a partir de três manifestações segundo a Lei 9615 conhecida como Lei Pelé (BRASIL, 1998): desporto de participação, desporto educacional e desporto de rendimento.

O desporto de participação, de fundamental importância para a promoção da saúde e educação de um país, refere-se à prática esportiva como lazer não caracterizando, portanto, uma carreira esportiva.

A prática do desporto educacional, no entanto, pode se estender por toda a vida escolar e universitária da criança / jovem, e tal percurso, mesmo que não se tenha a intenção de alcançar o esporte profissional, demanda planejamento, estabelecimento de prioridades, organização da rotina escolar e ajuste às exigências acadêmicas e esportivas. Sendo assim, a trajetória de jovens praticantes de esportes nas escolas e universidades deve também ser alvo

de estudo e acompanhamento da Psicologia do Esporte, pois este período caracteriza-se como uma fase de sua carreira esportiva.

No desporto de rendimento, o estudo da carreira esportiva dos atletas tem por objetivo propiciar melhores condições de desempenho durante sua vida esportiva e melhor qualidade de vida durante e após sua carreira esportiva. Neste caso, também se deve levar em consideração o contexto cultural e socioeconômico e as particularidades da modalidade praticada.

Entre cada uma das fases da trajetória esportiva de um atleta, há um período chamado de transição. Uma transição na vida de uma pessoa é definida por Schlossberg (1981, p.5) como um “acontecimento ou processo que resulte em uma mudança de percepção sobre si mesmo e o mundo, o que conseqüentemente requer uma mudança correspondente no comportamento e forma de relacionamento desta pessoa”. O estudo destas transições aplicadas à atividade esportiva caracteriza-se como uma área de pesquisa que já vem sendo explorada pela Psicologia do Esporte, mas que ainda não aprofundou sua aplicação a todas as fases da carreira esportiva dos atletas, principalmente no Brasil.

Grande parte dos trabalhos sobre transições da carreira esportiva vem abordando variados aspectos da "aposentadoria" de atletas profissionais e os aspectos positivos e negativos deste acontecimento (BOTTERILL, 1983; CROOK & ROBERTSON, 1991; SINCLAIR & ORLICK, 1993; MURPHY, 1995; STAMBULOVA, 1997; TAYLOR & OGILVIE, 1998; SCHMIDT, HUANG & HACKFORT, 1999; SCHMIDT & HACKFORT, 2001; HUANG, SCHMIDT & HACKFORT, 2001; GORDON, LAVALLEE & GROVE, 2005; LAVALLEE, 2006). As causas mais comuns de aposentadoria esportiva identificadas por estes estudos são a idade, lesões, escolha própria e o processo seletivo.

Apesar do assunto ser alvo constante de reportagens na mídia, pouco se sabe sobre os instrumentos de suporte social e familiar que os jovens atletas brasileiros possuem. Wurth, Alfermann e Saborowski (1999) fizeram um estudo sobre os fatores pessoais e sociais que contribuíram para o término da carreira esportiva de jovens atletas alemães e perceberam que aqueles que buscam o alto nível precisam do apoio dos pais para alcançá-lo. No Brasil, todavia, pesquisas já identificaram diferenças no tipo de apoio familiar e financeiro que atletas de diferentes classes sociais recebem ao longo de sua carreira esportiva (RABELO, 2002; VIANNA JÚNIOR, 2002; SALMELA & MORAES, 2003; VIANNA JÚNIOR, RABELO, MOURTHE & SALMELA, 2005).

O estudo da trajetória esportiva de um atleta tem características diferenciadas pelo seu perfil, pela cultura organizacional da modalidade e pelo ambiente socioeconômico em que estes estão inseridos e carece, portanto, de modelos teóricos próprios que o fundamente. Schmidt e Hackfort (2001) afirmaram, no Congresso Mundial de Psicologia do Esporte realizado na Grécia, que ainda não havia teorias consistentes disponíveis, levando em conta as transições específicas das carreiras esportivas. Os modelos concentravam-se apenas na transição para a aposentadoria e tinham como referência a interrupção das atividades no âmbito do trabalho. Aspectos específicos do ambiente esportivo eram desconsiderados.

Em 2005, Hackfort e Huang propuseram a utilização da Teoria da Ação como uma perspectiva holística do estudo das transições esportivas. Samulski (2002, p.22) define a ação humana como um “processo consciente, intencional e dinâmico dirigido a uma meta, direcionado e regulado psicologicamente e realizado por meio de diferentes formas de comportamento dentro de um contexto social”. Este estudo procurará fazer um paralelo da tríade composta pelos elementos da teoria da ação – tarefa / pessoa / ambiente – com os elementos transição / atleta / contexto do futebol.

Uma característica da transição da fase amadora para a fase profissional no futebol é que ela ocorre em função do nível de desempenho alcançado pelo atleta. Caso não selecionado, este indivíduo pode ter que parar de jogar involuntariamente por falta de uma equipe que o acolha. A escolaridade, a formação esportiva inicial, os mecanismos de planejamento da carreira deste atleta e sua percepção subjetiva do ambiente do futebol serão fundamentais para que ele possa lidar com possibilidades negativas como esta e / ou possibilidades positivas como efetivar-se como atleta profissional.

Este estudo focaliza, portanto, a carreira esportiva de atletas de futebol na idade final da adolescência e início da idade adulta que se deparam com a transição do esporte amador para o esporte profissional.

1.1. Justificativa

Este estudo se justifica por caracterizar aspectos comportamentais, sociais e o contexto esportivo no qual estes jovens estão inseridos, oferecendo subsídios para ações que dêem suporte ao planejamento de seu futuro esportivo e não esportivo. Ao identificarem-se as estratégias utilizadas pelos atletas para lidar com o processo de transição pode-se estabelecer um modelo de aconselhamento vocacional e de sistemas de apoio à carreira profissional de

indivíduos nesta fase. A investigação desta etapa da vida esportiva dos atletas possibilita um novo foco de atuação para psicólogos do esporte e profissionais de Educação Física e fornece novas perspectivas formativas e de capacitação de treinadores, dirigentes e outros profissionais que lidam com estes atletas.

Outro aspecto relevante desta pesquisa é fornecer subsídios para clubes e instituições que gerem o futebol no Brasil para a construção de um plano de ação mais embasado cientificamente no que se refere à gestão esportiva e aos mecanismos de suporte à formação de jovens jogadores. Brandão, Akel, Andrade, Guiselini, Martini e Nastás (2000) em artigo de revisão de literatura afirmam que as transições do esporte infantil para o juvenil, do esporte amador para o profissional e do término da carreira, têm características próprias, sendo, portanto, necessário estudá-las separadamente. Enquanto vários estudos foram feitos sobre a fase de aposentadoria, poucos focalizaram as transições anteriores (ALFERMANN, 2005).

A Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte (ISSP) já se posicionou no sentido de chamar a atenção de desportistas e pesquisadores para perceberem o atleta não apenas no momento ou situação atual, mas no processo de desenvolvimento de sua carreira, e mesmo em um contexto histórico, cultural e social mais amplo no qual está inserido (ALFERMANN & STAMBULOVA, 2007).

Os conhecimentos produzidos a partir do estudo deste tema poderão ser bastante relevantes no que diz respeito à intervenção e aconselhamento junto a atletas, pais de atletas, treinadores e dirigentes esportivos, pois possibilitam um maior entendimento dos processos organizacionais, sociais e psicológicos que permeiam a trajetória esportiva de atletas desde a iniciação até o término e após o término de sua carreira esportiva. Muitas vezes não é dada a devida atenção a esta preparação, o que pode resultar em aproveitamento inadequado do potencial atlético, falta de apoio social e institucional, desorganização da vida não esportiva, dificuldade de adaptação a novas fases da carreira e até mesmo desistência da prática esportiva.

1.2. Objetivos

Os objetivos deste estudo foram:

- Identificar fatores relevantes na formação esportiva inicial dos atletas;
- Caracterizar o contexto familiar e social dos atletas;
- Identificar os fatores que influenciam no planejamento da carreira esportiva dos atletas;

- Analisar a percepção dos atletas acerca do contexto do futebol no qual estão inseridos.

1.3. Delimitações

Conforme sugerido por Wyllemann, Lavalée e Alfermann (1999), o estudo foi feito “in vivo” de maneira a abordar a transição durante o período em que ela realmente ocorre, ou seja, na Categoria Júnior de futebol que envolve atletas de 18 a 20 anos de idade e que se refere ao exato período em que os atletas estão vivenciando a possibilidade de uma carreira profissional futura.

Participaram desta pesquisa 186 atletas que pertencem a clubes cujas equipes profissionais disputaram a série A do Campeonato Brasileiro em 2007, sendo que 11 destes são da Seleção Brasileira Sub 20 que participou do Mundial na Categoria Júnior em 2007, no Canadá.

1.4. Limitações

O uso de questionários e entrevistas como método de coleta de dados é uma limitação no sentido de que revelam apenas o que as pessoas dizem que elas fazem, gostam ou desgostam (THOMAS & NELSON, 2002). Ou seja, alguns atletas podem ter respondido o questionário ou falado na entrevista apenas o que lhes parecia mais socialmente correto e não o que realmente acontece em sua carreira.

Para tentar contornar esta limitação, toda a coleta de dados foi feita na presença do próprio pesquisador sempre ressaltando aos voluntários a importância de responderem às perguntas a partir de suas verdadeiras impressões dos fatos abordados.

Outra limitação deste estudo foi a amostragem por conveniência composta por atletas pertencentes a clubes localizados apenas nas cidades de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Em uma cuidadosa pesquisa bibliográfica realizada por Lavallee, Wyllemann e Sinclair (2000) foram identificados estudos sobre aposentadoria de boxeadores americanos datados já da década de 50. No entanto, evidenciou-se que as publicações sobre carreira esportiva tornaram-se realmente consistentes a partir dos anos 90. Um fato que também contribuiu para o desenvolvimento desta linha de pesquisa da psicologia do esporte foi o início dos trabalhos do Grupo Especial de Estudos em Transições da Carreira Esportiva, no 8º Congresso Mundial de Psicologia do Esporte realizado em Lisboa em 1993 (LAVALLEE, WYLLEMANN & SINCLAIR, 2000). Deste então, este tema vem sendo abordado em congressos internacionais com diversas publicações de livros e artigos em revistas de reconhecimento mundial.

Nesta revisão serão abordados os principais estudos desenvolvidos a partir de temas identificados na literatura como correlatos à transição e planejamento da carreira esportiva, de forma a embasar a discussão dos resultados encontrados na pesquisa. Primeiramente, serão apresentados os modelos teóricos que dão embasamento ao estudo das transições, em seguida serão descritas as fases e transições da carreira esportiva identificadas na literatura, em especial, os estudos sobre aposentadoria. A revisão bibliográfica aborda ainda os programas de apoio à carreira do atleta e as formas de intervenção sugeridas, finalizando com os estudos relacionados às transições de jovens atletas.

2.1. Modelos teóricos sobre transições da carreira esportiva

Pelo fato da fase de aposentadoria ou término da carreira esportiva ter sido um dos focos de maior interesse dos pesquisadores, os primeiros modelos teóricos adotados eram derivados da tanatologia (estudo dos processos relativos à morte) e da gerontologia (estudo dos processos relativos ao envelhecimento). Apesar de estes modelos terem sido impulsionadores dos primeiros estudos, sua aplicabilidade ao estudo específico das transições esportivas mostrou certas limitações, pois partia da perspectiva de desenvolvimento de populações não-esportivas (WYLLEMANN, LAVALLEE & ALFERMANN, 1999), considerava a transição como um evento e não como um processo dinâmico (TAYLOR & OGILVIE, 1998) e não considerava todas as fases e transições da carreira esportiva, apenas a

aposentadoria. Os teóricos sugeriram então que o término da carreira deveria ser visto mais como um renascimento social do que uma morte social e passaram a ver tal fato como uma transição (LAVALLEE, 2000).

O modelo de transição mais freqüentemente adotado na literatura esportiva é o da adaptação humana proposta por Schlossberg (1981). Este estudo adota o conceito de transição proposto pelo autor citado que percebe a transição como processo e não apenas como um acontecimento isolado, conforme apresentado na introdução deste trabalho. Este modelo considera três aspectos preponderantes que se interagem durante a transição: as características do indivíduo que vivencia a transição (sexo, idade, nível socioeconômico, valores e experiências prévias), sua percepção particular acerca da transição e os ambientes anterior e posterior à transição (LAVALLEE, 2000).

Nesta mesma linha de trabalho, Taylor e Ogilvie (1998) propõem um modelo conceitual de adaptação ao término da carreira esportiva na tentativa de integrar as suas investigações teóricas e empíricas com atletas aposentados. Este modelo considera as causas do término da carreira, os fatores relacionados à adaptação para a transição da carreira, os recursos disponíveis para a adaptação, a qualidade da transição, fatores estressantes ou dificuldades de adaptação e formas de intervenção. O foco continua sendo apenas a transição pós-carreira esportiva.

Stambulova (1994), por sua vez, propõe o modelo analítico da carreira atlética criado a partir da análise das fases da carreira de um atleta profissional: iniciação, desenvolvimento, aperfeiçoamento, excelência e aposentadoria (BLOOM, 1985; SALMELA, 1994). Tal modelo considera os pontos críticos previsíveis das transições entre cada uma das fases e destaca a necessidade dos atletas receberem apoio psicológico a partir das especificidades e possíveis dificuldades surgidas nestes períodos que podem levar inclusive a uma aposentadoria prematura. O modelo analítico considera a carreira esportiva e as especificidades de suas diversas fases, mas não integra todos os aspectos da vida de um atleta.

O modelo desenvolvimentista da carreira esportiva de Wyllemann e Lavallee (2004) faz uma integração da vida esportiva com a vida não esportiva do atleta, entrelaçando diferentes esferas da vida de uma pessoa a partir da fase esportiva, do nível de desenvolvimento psicológico, nível psicossocial e nível de escolaridade (QUAD. 1).

Idade	10	15	20	25	30	35
Fase da carreira esportiva	Iniciação	Desenvolvimento	Excelência		Aposentadoria	
Nível psicológico	Infância	Adolescência	Idade adulta			
Nível psicossocial	Pais, irmãos, amigos	Amigos, treinador, pais	Parceiro (a), treinador		Parceiro (a) e família	
Escolaridade	Ensino fundamental	Ensino médio	Ensino superior	Ocupação profissional		

Nota: as linhas sinuosas indicam que a idade em que a transição acontece é aproximada.

QUADRO 1 - Modelo desenvolvimentista da carreira esportiva

Fonte: WYLLEMANN & LAVALLEE, 2004

Esta percepção integrada das carreiras esportiva e não-esportiva ajuda a entender a vida do atleta como um todo e destaca a importância de se considerar as outras demandas para além da vida esportiva, tais como o nível de maturidade psicológica (infância, adolescência e idade adulta), as referências de relacionamento (família, amigos, parceiros e treinadores) e o nível de escolaridade. É importante ressaltar que a relação entre a idade cronológica e as fases nas diferentes esferas é apenas uma aproximação e deve novamente ser tratada de forma individualizada e conforme o contexto sociocultural do atleta e da modalidade envolvida. A carreira esportiva de um atleta de Ginástica Olímpica, por exemplo, tem seu ciclo geralmente dos 6 (seis) aos 25 (vinte e cinco) anos, enquanto no golfe ele pode durar dos 10 (dez) aos 50 (cinquenta) anos de idade e no futebol normalmente dos 6 (seis) aos 35 (trinta e cinco) anos.

Segundo Alfermann e Stambulova (2007), o modelo mais recente que pode ser aplicado a qualquer fase é o de transição da carreira atlética. Os princípios deste modelo baseiam-se na capacidade do atleta de mobilizar recursos para lidar com a transição e as dificuldades encontradas. Os recursos do atleta envolvem fatores internos e externos: capacidade intelectual, habilidades, traços de personalidade, motivação, disponibilidade de apoio social e financeiro. Da mesma forma, as dificuldades envolvem fatores internos e

externos: falta de conhecimento ou habilidades, conflitos interpessoais, falta de condições de treinamento, falta de apoio social e financeiro. O modelo sugere ainda intervenções preventivas e até mesmo intervenções psicoterápicas ou clínicas quando se torna evidente que o atleta está em crise.

Wyllemann, Alfermann e Lavallee (2004, p.7), por sua vez, argumentam que:

Com relação às intervenções, as análises sugerem que o foco deve mudar do uso de abordagens terapêuticas tradicionais ao lidar com possíveis experiências traumáticas de término da carreira atlética para aquelas de transições da carreira e programas de desenvolvimento de habilidades para a vida com o objetivo de oferecer suporte e educação aos atletas passando por transições atléticas e não atléticas.

Eles acrescentam ainda que desenvolvimentos teóricos futuros devem considerar as características específicas de cada transição, as influências de fatores culturais e socioeconômicos, a especificidade da modalidade esportiva, assim como a aceitabilidade e aplicabilidade de intervenções e programas de apoio aos atletas.

Nesta perspectiva, será abordada agora a teoria da ação como modelo teórico para o estudo da carreira esportiva na tentativa de superar as limitações mostradas pelos modelos anteriores.

2.2. Teoria da ação aplicada ao estudo da carreira esportiva

A utilização da Teoria da Ação como embasamento teórico para o estudo da carreira esportiva oferece uma visão holística deste fenômeno esportivo incluindo um comportamento intencional e direcionado a uma meta (HACKFORT & HUANG, 2005), conforme já citado no conceito de Samulski (2002). A partir da constelação pessoa-ambiente-tarefa, pode-se compreender as possíveis inter-relações que ocorrem entre estes fatores ao longo do desenvolvimento da carreira de um atleta de maneira mais próxima da vivência humana (YOUNG, 1995).

A FIGURA 1 mostra o modelo de Situação da Ação de Hackfort (2006) aplicado à transição da carreira esportiva.

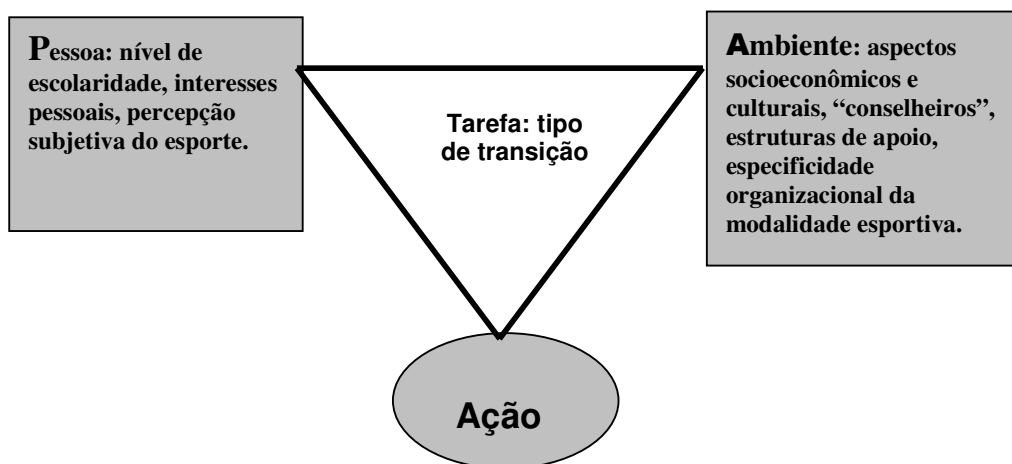


FIGURA 1 - PAT (Pessoa, Ambiente, Tarefa): O modelo de Situação da Ação aplicado às transições da carreira esportiva (adaptado de HACKFORT, 2006).

O nível de escolaridade e os interesses pessoais do atleta influenciam sua tomada de decisão que, por sua vez, é construída a partir da percepção que ele tem da situação (SCHLOSSBERG, 1981) e, portanto, representa uma ação intencional, organizada e regulada. Ao discutirem formas de aplicação da teoria da ação à psicologia do esporte, Hackfort e Henschen (2005) comentam que a regulação da ação ocorre em três fases: antecipação, realização e interpretação. Esta seqüência se aplica às estratégias de apoio e intervenções junto ao atleta em transição como, por exemplo, no planejamento prévio à transição (antecipação), no momento de vivência da transição propriamente dita (realização) e no aprendizado e lições (interpretação) pós-transição.

Cada uma destas decisões tem uma conseqüência futura como, por exemplo, parar de estudar para se dedicar mais aos treinamentos. Sendo assim, o exercício do estabelecimento de metas de curto e médio prazo é um aspecto crucial do planejamento da carreira (HACKFORT & HUANG, 2005).

A Teoria da Ação nos remete também para a importância do ambiente ou do meio onde se dá a ação esportiva, conforme sugerem também Alfermann e Stambulova (2007), Wyllemann, Alfermann e Lavallee (2004). O esporte contemporâneo é um fenômeno de

múltiplas facetas que se manifesta através de diferentes formas de acordo com a cultura e realidade social do país onde é praticado e da estrutura organizacional da modalidade esportiva. As características culturais de uma sociedade influenciam diretamente na trajetória da carreira de um atleta, pois envolvem questões como, por exemplo, gênero, religião e hábitos sociais. Os aspectos socioeconômicos são também fundamentais para compreendermos os mecanismos limitadores e facilitadores da carreira de um atleta (SALMELA & MORAES, 2003).

Por serem tarefas complexas, o planejamento e as transições da carreira envolvem uma série de decisões tomadas pelo atleta e influenciadas pelos chamados “conselheiros”. É importante destacar que neste processo a pessoa envolvida não é somente o atleta, mas todos os possíveis “conselheiros” que compõem seu ambiente social e que participam direta ou indiretamente do planejamento de sua carreira esportiva (NAUL, 1994): pais, irmãos, empresários, treinadores, psicólogos, médicos, fisioterapeutas, preparadores físicos e dirigentes. No futebol, por exemplo, é comum que jovens atletas tenham roupeiros e massagistas como “conselheiros” informais, antes de sua profissionalização.

Além das questões culturais e socioeconômicas, cada modalidade esportiva apresenta suas particularidades organizacionais tais como nível de profissionalização, diferenças nas faixas etárias relativas às fases de iniciação até a aposentadoria, calendário, oportunidades de patrocínio e estrutura de treinamento. Estas características modelam o tipo de transição (TAYLOR & OGILVIE, 1998) que o atleta terá que enfrentar, ou seja, quão desafiadora será a tarefa a ser executada. Diferentes esportes podem ter diferentes níveis de profissionalização como, por exemplo, o futebol que é totalmente profissionalizado comparado ao handebol que possui pouquíssimas equipes profissionais no Brasil, caracterizando diferentes condições de transição dependendo da modalidade envolvida.

Ao mesmo tempo em que a Teoria da Ação identifica aspectos amplos e fornece uma visão global das ações dos sujeitos envolvidos no fenômeno estudado, no caso a carreira esportiva, ela consegue aglutinar todos os mais importantes princípios conceituais e mecanismos definidos empiricamente pelos modelos teóricos analisados. Ao considerar a característica da tarefa a ser realizada, o modelo da Teoria da Ação permite que se façam inferências específicas do tipo de transição pela qual o atleta está passando, desvencilhando-se dos modelos voltados quase que exclusivamente para a transição de término da carreira. Neste estudo em particular, focaliza-se o atleta júnior (pessoa) que pertence a clubes brasileiros da 1ª divisão (ambiente) e que vivencia a transição do esporte amador para o esporte profissional (tarefa).

No próximo tópico abordaremos as diversas fases e transições da carreira esportiva identificadas na literatura.

2.3. Fases e transições da carreira esportiva

A carreira esportiva de um atleta envolve diferentes fases. Estas fases podem estar associadas à idade cronológica e à progressão pelas categorias de um determinado esporte (ex.: pré-mirim, mirim, infantil, juvenil e adulto). Estes estágios podem também estar associados ao nível de rendimento que o atleta alcança, conforme constatou Bloom (1985) em um estudo pioneiro sobre desenvolvimento de talentos. A partir deste estudo, outros autores (SALMELA, 1994; STAMBULOVA, 1994; CÔTÉ, 1999; WYLLEMANN & LAVALLEE, 2004) desenvolveram modelos de fases da carreira esportiva (QUAD.2).

Bloom (1985) e Côté (1999) focalizaram seus estudos a partir da perspectiva das fases de desenvolvimento do talento, não enfatizando as transições. Salmela (1994), Stambulova (1994) e Wyllemann e Lavallee (2004) consideram cada transição, sendo que os dois últimos autores aprofundam sua análise levando em consideração outros aspectos do desenvolvimento da vida do atleta. Esta é uma abordagem importante para que se analise a carreira de jovens atletas, pois considera aspectos psicossociais, psicológicos e as fases de escolaridade, conforme visto anteriormente.

Modelos	Bloom (1985)	Salmela (1994)	Stambulova (1994)	CÔTÉ (1999)	Wyllemann e Lavallee (2004)
Fases da carreira atlética	1.Iniciação 2.Desenvolvimento 3.Excelência	1.Iniciação 2.Desenvolvimento 3.Excelência 4.Descontinuação	1.Estágio preparatório 2.Início da especialização 3.Treinamento intensivo no esporte escolhido 4.Estágio de culminação 5.Estágio final seguido de descontinuação	1.Anos de experimentação 2.Anos de especialização 3.Anos de investimento 4.Anos de recreação	1.Iniciação 2.Desenvolvimento 3.Excelência 4.Descontinuação
Transições normativas	Transições não enfatizadas	1.Da iniciação para o desenvolvimento 2.Do desenvolvimento para a excelência 3.Da excelência para a descontinuação	1.Início da especialização esportiva 2.Transição para o treinamento intensivo no esporte escolhido 3.Do esporte infantil para o esporte juvenil / alta performance 4.Do esporte amador para o esporte profissional 5.Da culminação para o estágio final 6.Aposentadoria atlética	Transições não enfatizadas	1.Transição para o esporte organizado 2.Transição para um nível intenso de treinamento e competição 3.Transição para o esporte de alto nível ou de elite 4. Transição para fora do esporte de competição Obs.: as quatro transições atléticas são apresentadas concomitantemente com transições em outras esferas da vida do atleta

QUADRO 2 – Fases e transições da Carreira Esportiva

Fonte: ALFERMANN & STAMBULOVA, 2007

As transições apontadas no QUADRO 2 são conceituadas como normativas por serem relativamente previsíveis e estarem associadas aos estágios progressivos de uma trajetória atlética (ALFERMANN & STAMBULOVA, 2007). Já as transições não normativas são situacionais e têm menor grau de previsibilidade, por exemplo, uma contusão ou dispensa precoce de uma equipe – transições conhecidas também como “não evento” (PETITPAS, CHAMPAGNE, CHARTRAND, DANISH, & MURPHY, 1997). A imprevisibilidade e muitas vezes o fato destas transições serem involuntárias demandam que os estudiosos desenvolvam mecanismos específicos que auxiliem os atletas a lidarem com este tipo de transição (WYLLEMANN, ALFERMANN & LAVALLE, 2004).

A seguir, serão analisadas as principais características das fases apontadas no QUADRO 2 (ALFERMANN & STAMBULOVA, 2007):

Fase de iniciação / experimentação – As crianças estão envolvidas em atividades lúdicas, sem preocupação com o desempenho esportivo e experimentam diferentes esportes. No contexto brasileiro, tal fase se refere às escolinhas esportivas ou brincadeiras de rua dependendo do nível socioeconômico.

Fase de desenvolvimento / especialização – Nesta fase é feita a opção por uma única modalidade esportiva, as crianças passam a participar de competições regulares e o nível de comprometimento passa a ser crescente, o que demanda uma maior organização da rotina do atleta.

Fase de excelência – Ao entrar nesta fase, o atleta assume que deseja investir em sua carreira esportiva, tendo em alguns esportes até a opção de profissionalização. O estilo de vida do atleta passa a ser dedicado totalmente ao desempenho esportivo.

Fase de aposentadoria – A partir desta fase, o atleta passa a diminuir seu envolvimento com treinamentos e competições. Em algumas modalidades esportivas esta diminuição da carga de treinamento pode ser vivenciada de forma gradual, mas no caso do esporte profissional envolve o afastamento das competições oficiais.

Sinclair e Orlick (1993) destacam a importância de analisar a transição como um processo e não apenas um fato ou acontecimento e acrescentam que cada processo de transição pode durar de um mês a dois anos. Durante este processo, os atletas podem enfrentar desafios nos âmbitos social, psicológico, financeiro e ocupacional (HACKFORT & HUANG, 2005).

Wyllemann, De Knop, Ewing e Cumming (2000) caracterizam cada transição em que o atleta vai se adaptar às novas exigências atléticas do esporte:

Transição da fase de iniciação para a fase de desenvolvimento – Caracteriza-se por adaptações a um novo estilo de vida em função do aumento da carga de treinamento. O atleta passa a sofrer uma influência maior do treinador (SALMELA, YOUNG & KALLIO, 2000) e conviver mais regularmente com colegas de equipe. A opção pela maior dedicação a uma determinada modalidade esportiva deve ser feita pelo próprio atleta com o apoio da família.

Transição da fase de desenvolvimento para a fase de excelência – Caracteriza-se como uma fase de total dedicação, especialização do treinamento e, muitas vezes, oferece a oportunidade de profissionalização (WYLLEMANN, DE KNOP, EWING & CUMMING, 2000). A orientação dos treinadores e outros profissionais do esporte, tais como supervisores, psicólogos e diretores é crucial para o atleta lidar positivamente com esta transição. O desempenho esportivo passa a ser o foco principal da vida do atleta em detrimento da convivência social não esportiva.

Transição da fase de excelência para a fase de aposentadoria – A maioria dos estudos científicos desenvolvidos até hoje se concentrou nesta transição. As causas de aposentadoria esportiva mais comuns identificadas são a idade, processo seletivo, lesões e escolha própria (ALFERMANN, 2000). Sinclair e Orlick (1993) afirmam que a aposentadoria pode envolver momentos de crise, alívio ou uma mistura de ambos, dependendo da percepção pessoal que o atleta tem da situação, o que nos remete novamente à Teoria da Ação.

Transição da fase de aposentadoria esportiva para outra atividade profissional – Talvez seja a transição mais conflituosa, pois envolve ajustes sociais, físicos, pessoais, ocupacionais e financeiros (BRANDÃO *et al.*, 2000). Esta fase de transição deve ser vista como a principal meta do planejamento da carreira esportiva de um atleta de alto nível.

A transição para a aposentadoria esportiva é o objeto de estudo mais enfocado nas pesquisas empíricas da área. A seguir, abordaremos as principais linhas de pesquisa internacionais e os estudos realizados no Brasil sobre o assunto.

2.4. Estudos sobre aposentadoria esportiva

Os principais aspectos abordados nos trabalhos sobre término da carreira esportiva são as causas, conseqüências positivas e negativas, problemas de identidade atlética, aspectos sociais da vida do ex-atleta, programas de apoio e as formas de intervenção. Os dois últimos itens serão abordados em tópicos separados.

Independentemente das razões que levam um atleta a se aposentar, tal fato deve ser sempre considerado como um processo de múltiplas facetas (FERNANDEZ, STEPHAN, FOUQUEREAU, 2006). Taylor e Ogilvie (1998) e Hackfort e Huang (2005) destacam quatro principais causas para o término da carreira esportiva: idade, não seleção ou não alcance de índices de desempenho, contusão e escolha própria. Outros motivos também mencionados são: desejo de mudança, falta de apoio financeiro, perda da motivação, desentendimento com o treinador e desejo de dedicar mais tempo a relacionamentos pessoais (SINCLAIR & ORLICK, 1993). Alfermann (2000) enfatiza que a causa de término da carreira quase sempre é resultado de uma combinação destes fatores.

Grove, Lavalley, Gordon e Harvey (1998) fizeram uma extensa revisão de estudos sobre as reações de ex-atletas ao término da carreira esportiva. O resultado encontrado indica que 19% dos atletas vivenciaram algum distúrbio emocional. A idade, não seleção ou baixos índices de desempenho e contusões são causas usualmente associadas a tais conseqüências negativas.

Apesar de inicialmente a aposentadoria atlética passar a impressão de que é sempre um fato negativo, alguns estudos já identificaram conseqüências positivas do término da carreira. A primeira distinção a ser feita é se a decisão de se aposentar foi voluntária ou involuntária. A aposentadoria voluntária leva a uma transição mais positiva (ALFERMANN & STAMBULOVA, 2007; ALFERMANN, 2000; TAYLOR & OGILVIE, 1994) por tratar-se da liberdade de escolha do atleta. As causas de aposentadorias voluntárias estão associadas ao esgotamento do estilo de vida, realização de todas as metas esportivas, decisão de dedicar-se à vida pessoal e familiar e outras oportunidades de trabalho (ALFERMANN, STAMBULOVA & ZEMAITYTE, 2004).

A decisão de aposentar-se voluntariamente está associada também a um planejamento prévio. Estudos desenvolvidos por Sinclair e Orlick (1994); Grove, Lavalley, e Gordon (1997) e Lavalley (2005) apontam que atletas que realizaram sua transição de forma planejada

adaptaram-se de forma mais positiva do que aqueles que enfrentaram transições não planejadas.

Este fato não se restringe apenas a atletas. Lavallee (2006) desenvolveu um estudo com 56 treinadores recém-aposentados em que os resultados indicaram que estes treinadores não eram atentos e cômicos de sua carreira esportiva e que no decorrer desta, fizeram relativamente pouco planejamento para a fase pós-carreira. O treinador tem potencial para ser um importante conselheiro do atleta nos assuntos relativos à sua carreira esportiva. É importante que ele tenha uma percepção global e de longo prazo acerca de sua própria trajetória esportiva e também de seus atletas.

Com relação a aspectos não esportivos que podem influenciar a transição, Cecic Wyllemann e Zupancic (2004) sugerem que fatos positivos na vida não-esportiva não necessariamente têm efeito positivo na transição esportiva. Ao analisar a percepção de ex-atletas sobre fatores facilitadores e dificultadores da transição, ele concluiu que fatores familiares positivos, como por exemplo, gravidez de atletas femininas ou nascimento de uma criança não influenciaram na transição. No entanto, a baixa escolaridade teve um efeito negativo na transição destes atletas, possivelmente por dificultar a obtenção de uma nova ocupação não-esportiva.

Outras pesquisas empíricas, no entanto, afirmam que a maior parte dos atletas elege a família e amigos como os elementos mais importantes de suporte para a transição (SINCLAIR & ORLICK, 1994; BUSSMANN & ALFERMANN, 1994). Durante a carreira atlética, as amizades do atleta são formadas quase que exclusivamente por pessoas ligadas ao meio esportivo, mas, ao final da carreira, os amigos de fora do ambiente esportivo costumam dar mais apoio (ALFERMANN & STAMBULOVA, 2007). Portanto, é importante que se desenvolvam círculos sociais variados, dentro e fora do meio esportivo (HACKFORT & HUANG, 2005). A manutenção do contato com parentes e amigos de infância, por exemplo, pode ser um mecanismo de suporte quando ocorre o afastamento esportivo.

Gradualmente os pesquisadores foram ampliando seu foco de pesquisa, não se prendendo apenas às causas e conseqüências do final da carreira esportiva (WYLLEMANN, ALFERMANN & LAVALLEE, 2004) e atentando para a identificação de fatores relacionados à qualidade da transição. Vários estudos abordaram a relação da aposentadoria esportiva com a perda ou construção de uma nova identidade não-esportiva (BREWER, VAN RAALTE & PETITPAS, 2000; TORREGROSA, BOIXADO, VALIENTE & CRUZ, 2004; LALLY, 2007; LAVALLEE & ROBINSON, 2007). Novamente, foi sugerido que o

planejamento pré-aposentadoria poderia facilitar a transição, pois permite que gradualmente o foco seja mudado para envolvimento não-esportivos. Toda transição tem potencial para ser uma crise ou um alívio, dependendo da percepção individual que cada um tem da situação (SINCLAIR & ORLICK, 1993).

Outros estudos enfocaram também aspectos interculturais, comparando como atletas de diferentes países reagem ao término da carreira, considerando diferenças culturais e sociais (ALFERMANN, STAMBULOVA, ZEMAITYTE, 2004; STAMBULOVA, STEPHAN & JAPHAG, 2007; SCHMIDT & HACKFORT, 2001; HUANG, SCHMIDT, HACKFORT, & SI, 2001). De uma maneira geral, os resultados mostraram aspectos convergentes e divergentes e destacaram que os aspectos culturais têm um papel fundamental para o entendimento dos fatores que influenciam na transição. Sugerem, portanto, que os programas nacionais de apoio ao atleta devem considerar as particularidades sociais e culturais do país.

O primeiro estudo brasileiro sobre transições da carreira esportiva identificado por esta revisão é de autoria de Brandão *et al.* (2000) e trata-se de um artigo de revisão da literatura internacional sobre os modelos teóricos, pesquisas realizadas até então, estratégias de intervenção e programas de apoio ao atleta. Esta foi uma publicação marcante que tratou pela primeira vez no Brasil de um tema emergente no cenário internacional. No ano seguinte, este grupo de estudo liderado pela Profa. Regina Brandão e pelo Prof. Pedro Winterstein apresentou dois estudos empíricos (BRANDÃO, WINTERSTEIN, AGRESTA, PINHEIRO, AKEL, & MARTINI, 2001; WINTERSTEIN, BRANDÃO, PINHEIRO, AGRESTA, AKEL, & MARTINI, 2001) no Congresso Mundial de Psicologia do Esporte, na Grécia.

No primeiro estudo envolvendo ex-atletas de tênis, vôlei, basquete, atletismo, natação, canoagem, handebol, motociclismo e automobilismo (BRANDÃO *et al.*, 2001), percebeu-se que 71% dos atletas tomaram a decisão de se aposentarem de forma espontânea. A pesquisa concluiu que a decisão voluntária de se aposentar do esporte de alto nível, o fato de a maioria possuir curso universitário e de terem escolhido uma profissão direta ou indiretamente relacionada com o esporte justificaram uma adaptação bem sucedida. Utilizando a mesma metodologia, Winterstein *et al.* (2001) focaram seu estudo somente em atletas de futebol e perceberam que os resultados relativos aos sentimentos negativos (tristeza e conformismo) experimentados pelos ex-atletas de futebol foram mais presentes - 57% contra 32% - do que os apresentados pelo estudo com atletas de outras modalidades. Apesar disso, a pesquisa concluiu que os ex-jogadores estavam bem adaptados à vida pós-esportiva. Novamente, o fato dos ex-atletas terem se aposentado de forma espontânea e terem escolhido uma nova

profissão ligada ao futebol foi relacionado a uma transição bem sucedida. Foi identificado também o problema da total falta de apoio financeiro, social e psicológico a estes atletas por parte das organizações esportivas.

Este grupo realizou também uma pesquisa (AGRESTA, BRANDÃO, REBUSTINI, RIBEIRO & BARROS NETO, 2003) com 10 (dez) ex-atletas de futsal, com média de idade de 25.2 ± 3.4 anos, cujos resultados, ao contrário dos ex-atletas de estudos anteriores, mostraram que 70 % foram obrigados a parar de jogar repentinamente. Um dado importante que aproxima tal pesquisa do presente estudo é o fato das amostras serem compostas por atletas mais jovens. A realidade, anseios e perspectivas destes jovens atletas são totalmente diferentes da realidade de atletas que se aposentam com a idade mais avançada. Daí a necessidade de aprofundarmos as ações e os estudos em momentos anteriores à transição para a fase de aposentadoria normativa do esporte. As causas de aposentadoria mais frequentes apontadas pelo estudo foram: lesões, relacionamento com dirigentes, relacionamento com o técnico, estado de saúde, alterações no estilo de vida e surgimento de outros interesses. Com relação às principais emoções vivenciadas, tristeza e conformismo mostraram altos níveis de incidência próximos aos níveis mostrados pelos ex-atletas de futebol do estudo anterior. A pesquisa apontou ainda que somente 30% dos atletas já haviam se adaptado a uma nova vida e concluiu que a aposentadoria involuntária foi um dos fatores determinantes para as dificuldades de adaptação.

Em sua dissertação de mestrado, Agresta (2006) aprofundou seus estudos sobre aposentadoria de atletas brasileiros. Ela entrevistou 79 (setenta e nove) ex-atletas de futebol e basquete. Os resultados mostraram que, para a grande maioria, as causas da aposentadoria foram a “idade” e “outros interesses”. Com relação aos relacionamentos sociais, 45.6% afirmaram que o círculo de relacionamento mudou totalmente. O apoio psicológico veio principalmente de amigos, pais e parentes e no que diz respeito à situação econômica após o término da carreira, 45.6% afirmaram que sua situação piorou. Quanto à escolha de uma nova profissão, 64.6% confirmaram que o esporte influenciou diretamente na sua opção. A abordagem mais completa deste estudo envolvendo, dentre outros, os aspectos do relacionamento social, tipo de apoio psicológico nos momentos difíceis, situação econômica e forma de escolha de uma nova profissão nos oferece uma visão mais integral dos variados aspectos que interferem na vida do atleta em diferentes momentos de sua carreira. Se atletas maduros, muitos já consagrados no esporte, enfrentam situações difíceis de adaptação a uma nova fase da carreira esportiva, o que se dirá de um jovem atleta incerto de seu futuro.

Como se pôde constatar nesta revisão, os estudos sobre carreira esportiva desenvolvidos no Brasil focaram somente a transição final de término da carreira de atletas de diferentes esportes. Faz-se necessário que sejam levantados mais dados empíricos sobre a situação da vida esportiva dos atletas em momentos anteriores para que se possa planejar e interferir de forma educativa e preventiva no futuro profissional atlético e não-atlético de nossos jovens.

2.5. Programas de apoio à carreira do atleta

Uma vez identificada a importância do planejamento da carreira esportiva de atletas e treinadores, diversas organizações esportivas passaram a oferecer programas especializados de apoio ao atleta. Tais programas são organizados geralmente por Confederações Esportivas Nacionais (Estados Unidos), Comitês Olímpicos (Alemanha e Canadá) ou Instituições Esportivas Governamentais (Austrália e Reino Unido). No Brasil, a única instituição esportiva que oferece algum tipo de apoio é a AGAP (Associação de Garantia ao Atleta Profissional).

Estes programas visam atender principalmente atletas estudantes, atletas de alto nível e ex-atletas e oferecem mecanismos de suporte quanto às necessidades individuais e formação integral do atleta, organização do estilo de vida, orientação vocacional e pedagógica, apoio psicológico e suporte nas transições da carreira, principalmente na aposentadoria (ALFERMANN & STAMBULOVA, 2007).

Muitas vezes estas iniciativas visam unicamente à melhoria do desempenho do atleta estudante ou do atleta de alto nível através do controle de seu estilo de vida. Mas, segundo Gordon, Lavalley e Grove (2005), os programas atuais tendem a adotar uma proposta preventiva direcionada a jovens atletas, pais, treinadores e administradores a partir de uma visão holística que visa ao crescimento pessoal e ao desenvolvimento social do atleta e não somente ao sucesso e à vitória.

O QUADRO 3 mostra os principais programas de apoio à carreira do atleta no mundo.

País	Instituição	Programa
Alemanha	Centro de Treinamento Olímpico	Planejamento da Carreira do Atleta (PCA)
Austrália	Instituto Australiano de Esportes	Programa de Educação e Carreira do Atleta (ACE)
Canadá	Comitê Olímpico Canadense	Centro de Carreira de Atletas Olímpicos
Estados Unidos	Comitê Olímpico Americano	Programa de Assistência à Carreira de Atletas (CAPA)
Reino Unido	Instituto de Esportes do Reino Unido	Programa de Educação e Carreira do Atleta (ACE)

QUADRO 3 – Principais Programas Internacionais de Apoio ao Atleta

O programa alemão foi implantado em 1984 com o intuito de dar mais atenção aos campos educacional e social da formação do atleta (HACKFORT e SCHLATTMANN, 1994; EMRICH, ALTMAYER & PAPATHANASSIOU, 1994). Neste programa, a maior parte da assistência ao desenvolvimento da carreira ocorre por aconselhamento individual (HACKFORT & HUANG, 2005).

O *Athletic Career and Education Program* - ACE (Programa de Educação e Carreira do Atleta) lançado na Austrália em 1989, é o programa mais citado na literatura e enfatiza a preparação do atleta para enfrentar a vida pós-esportiva (ANDERSON & MORRIS, 2000). Ele oferece serviços nas áreas de estilo de vida, orientação educacional, aconselhamento da carreira, aconselhamento de empregos e apoio nas transições (WYLLEMANN, ALFERMANN, & LAVALLEE, 2004; QUEENSLAND ACADEMY OF SPORT, 2006). Gorely, Lavallee, Bruce, Teale e Lavallee (2001) fizeram uma avaliação deste programa e detectaram que os serviços mais usados pelos atletas foram o planejamento da carreira, orientação educacional e programas de desenvolvimento profissional.

O programa canadense iniciou-se em 1985, com o objetivo de auxiliar o atleta de alto nível a fazer a transição para uma carreira não-esportiva através de um programa de

planejamento educacional. Ele inclui ações práticas, tais como orientação na preparação do currículo, técnicas para procura de emprego, confecção de cartões pessoais e cartas de referência (SINCLAIR & HACKFORT, 2000).

Murphy (1995), ao analisar o programa norte americano, destaca os seguintes serviços de apoio ao atleta: compreender o processo da carreira esportiva e não-esportiva, desenvolver habilidades relevantes, identificar oportunidades relativas ao mercado de trabalho e identificar necessidades pessoais para adaptação a outra carreira.

O programa do Reino Unido é o mais recente deles, e já se percebeu que há a necessidade de desenvolvimento de programas de carreira esportiva direcionados especificamente a jovens atletas para que eles passem a considerar suas necessidades a longo prazo (GORDON, LAVALLE & GROVE, 2005).

As maiores dificuldades encontradas na implantação e manutenção destes programas são de caráter organizacional (ALFERMANN & STAMBULOVA, 2007). Muitas vezes os programas são implantados e logo em seguida abandonados por falta de verba (TATE, 2005). Outra dificuldade é divulgar o programa e convencer o atleta da importância e eficácia destes serviços (WYLLEMANN, ALFERMANN & LAVALLEE, 2004; ALFERMANN & STAMBULOVA, 2007). A AGAP (Associação de Garantia ao Atleta Profissional), por exemplo, é uma associação que dá apoio a ex-atletas profissionais, principalmente de futebol, fornecendo orientação quanto a oportunidades de emprego e estudo, mas também doações diretas para tratamentos de saúde e distribuição de cestas básicas. Há necessidade no Brasil, no entanto, de um programa mais amplo de apoio e aconselhamento do atleta ao longo de toda a sua carreira esportiva (AGRESTA, 2006).

Programas e serviços de apoio ao atleta ainda são escassos no Brasil e infelizmente alguns atletas não dão a devida importância ao planejamento de sua carreira, “iludidos de que a notoriedade atlética irá resolver todos seus problemas” (BRANDÃO *et al.*, 2000, p.49). O planejamento propicia uma vida esportiva e pós-esportiva muito mais estável do ponto de vista emocional e social, além do financeiro, se feito um planejamento com investimentos, negócios próprios ou preparação para assumir uma nova atividade profissional.

Petitpas e Champagne (2000) sugerem que as estratégias de intervenção mais eficientes para a implantação de um programa de apoio ao atleta são: oficinas (workshops) com a duração de 1 (um) a 3 (três) dias, aconselhamento individual, palestras e painéis de discussão. A seguir, serão apresentadas outras formas de intervenção sugeridas pela literatura.

2.6. Formas de intervenção

Com a crescente profissionalização do esporte de alto nível, cada vez mais se tem investido na formação e treinamento do atleta. No esporte moderno, o atleta de elite conta com uma equipe multidisciplinar de profissionais que lhe auxilia e maximiza sua capacidade de desempenho na competição. No entanto, esta assistência, na maioria das vezes, limita-se às ações do atleta no momento do treinamento e da competição, deixando de lado outros momentos de preparação e planejamento da vida esportiva e não-esportiva do atleta fora do ginásio, da pista, ou da piscina.

Torna-se importante, neste momento, a intervenção e o aconselhamento do psicólogo do esporte, no sentido de orientar o atleta quanto a sua carreira dentro e fora do esporte. Intervenções e aconselhamentos podem ser entendidos como processos educativos quase que indispensáveis, devido à complexidade da sociedade moderna e suas estruturas sociais (HACKFORT & SCHLATTMANN, 1994).

A formação e capacitação do profissional que vai atuar como consultor da carreira do atleta são de extrema importância. A Universidade de Tecnologia de Vitória, na Austrália, já oferece um curso específico para a certificação deste tipo de consultores - *Graduate Certificate in Athlete Career and Education Management* (Certificado de Graduação em Gerenciamento e Educação da Carreira Atlética) apontado por Gordon, Lavalley, e Grove (2005) com um curso que fundamenta o ACE australiano.

Mais delicadas ainda são determinadas transições que podem levar a crises emocionais extremas e que exigem psicoterapia e intervenção clínica e devem, impreterivelmente, ser acompanhadas por psicólogos clínicos ou até mesmo psiquiatras (ALFERMANN & STAMBULOVA, 2007; LAVALLEE *et al.*, 2000).

Diversas sugestões de estratégias de intervenção e aconselhamento são encontradas na literatura. Serão apresentados a seguir, aspectos e ações mais relevantes para as intervenções:

Habilidades Transferíveis - Consiste em ajudar o atleta a transferir habilidades desenvolvidas no esporte para outras esferas de sua vida ou outro tipo de atividade profissional. Alguns exemplos destas habilidades são: atuação sob pressão, resolução de problemas, trabalho coletivo, auto-motivação, liderança, dedicação e perseverança (MAYOCHI & HANRAHAN, 2000). Atualmente, grandes empresas têm utilizado

esportistas de sucesso, como por exemplo Bernardinho, Oscar, Luis Felipe Scolari e Torben Grael, como palestrantes para falar sobre como estas habilidades podem ser aplicadas no mercado corporativo.

Aconselhamento por ex-atletas ou atletas mais experientes (HACKFORT & HUANG, 2005) - Funciona como uma forma eficaz de sensibilizar o jovem atleta para a importância do planejamento da carreira e aconselhá-lo em momentos críticos de transição. Em um estudo de caso intitulado “*Aposentadoria no Futebol: uma transição de sucesso*”, desenvolvido no Laboratório de Psicologia do Esporte (LAPES) da Universidade Federal de Minas Gerais (FARIA, MARQUES & SAMULSKI, 2006), um dos elementos mais importantes identificados como justificativa para a aposentadoria positiva do atleta investigado foi o aconselhamento de um atleta mais experiente nos momentos que antecederam o término de sua carreira.

Preparação para o mercado de trabalho e oportunidades de emprego - Muitas vezes, um atleta dedica-se exclusivamente ao esporte por um longo período de tempo e não é preparado para enfrentar o mercado de trabalho. Procedimentos simples, tais como elaboração de currículo e cartão pessoal, preparação para entrevistas, contatos com outras áreas profissionais (orientação profissional) e capacidade de comunicação, devem ser trabalhados com o atleta (PETITPAS *et al.*, 1997).

Treinamento Mental – Sinclair e Orlick (1993, 1994) sugerem que o treinamento mental pode ser uma intervenção bastante eficiente para ajudar o atleta a lidar com as transições de sua carreira esportiva. Rotinas de estabelecimento de metas de curto, médio e longo prazo, planejamento mental e visualização de situações de sucesso da carreira podem também ser aplicadas. Resultados de pesquisas realizadas por eles indicam que atletas chegaram a dedicar de 1 (uma) a 6 (seis) horas semanais a práticas de treinamento mental voltadas para um novo foco de interesse.

Identificação de necessidades pessoais – Envolve identificar a auto-percepção do atleta quanto à sua carreira, assim como as opiniões, atitudes, comportamentos, sentimentos e crenças relativas à fase ou transição que ele está vivenciando (SINCLAIR & HACKFORT, 2000). Isto envolve também considerar outros aspectos de sua vida pessoal, como por exemplo família, amigos, lazer e serviços comunitários (MURPHY, 1995).

Identificação do contexto socioeconômico (TAYLOR & OGILVIE, 1998) – O esporte moderno pode ter diferentes significados para seu praticante. Um jovem de classe média

muitas vezes tem condição de conciliar sua vida esportiva com sua vida acadêmica. Já um jovem atleta de classe baixa pode ter o esporte como única possibilidade de ascensão social e financeira para si mesmo e sua família. É importante que se conheça o contexto sócio-econômico em que o atleta está inserido para a partir daí estabelecer a estratégia de intervenção.

Manter contato com organizações esportivas – Muitas vezes, o atleta aposentado não diminui seu interesse pelo esporte (SINCLAIR & ORLICK, 1994). Pequenas iniciativas das confederações esportivas, como por exemplo convites para eventos esportivos e envio de informativos, podem servir de suporte social para o ex-atleta. Como foi a da Confederação Brasileira de Futebol de batizar cada rodada do Campeonato Brasileiro de 2006 com o nome de ex-jogadores campeões do mundo de futebol.

Currículos adaptados para jovens atletas – O atleta estudante possui uma rotina diferenciada em função da necessidade de conciliar estudo, treinamentos, competições e viagens. Uma parceria escola / clube pode oferecer um calendário adaptado e um currículo com disciplinas que abordem temas específicos do esporte, ou mesmo orientação vocacional para a carreira esportiva e não-esportiva.

Suporte social e emocional – O apoio social e emocional ao atleta é de extrema importância nos momentos de transição (MURPHY, 1995). O consultor pode oferecer este suporte, além de preparar familiares, amigos e treinadores para tal. Encontros e seminários com pessoas da convivência do atleta podem ser instrumentos de conscientização destas pessoas para a importância do apoio social e emocional ao atleta.

2.7. Estudos sobre transições de jovens atletas

Conforme se viu anteriormente, a carreira esportiva é composta de uma seqüência de sucessivas fases, com períodos de transição entre elas. Dependendo do rendimento do atleta, ela pode acontecer a nível local, nacional, internacional, além do nível amador ou profissional, de acordo com a modalidade. Alfermann (2005) afirma que muito pouco se sabe sobre transições anteriores à aposentadoria e como outros fatores não abordados no estudo da aposentadoria, como a influência de pais e treinadores por exemplo, podem interferir no processo de transição. Há a necessidade de que seja expandido o conhecimento das transições específicas de jovens atletas a nível teórico e empírico.

Enquanto a aposentadoria de atletas de alto nível vem sendo estudada sistematicamente, pouco se tem pesquisado, por exemplo, sobre a desistência precoce (*drop-out*) da carreira esportiva de jovens atletas. Este fenômeno tem sido assumido como uma transição mais difícil de lidar do que a aposentadoria de um atleta adulto (WYLLEMANN, ALFERMANN & LAVALLEE, 2004; ALFERMANN, 2000; LAVALLE & ANDERSEN, 2000; PETLICHKOFF, 1994; BUSSMANN E ALFERMANN, 1994).

A seguir, serão apresentados estudos que abordam aspectos relacionados à transição de jovens atletas. Destacam-se primeiramente estudos que se referem à escolaridade e em seguida abordagens relativas aos objetivos específicos desta dissertação: formação esportiva inicial, contexto social e familiar, planejamento da carreira e contexto cultural do futebol brasileiro.

2.7.1. Escolaridade

Emrich, Altmeyer e Papathanassiou (1994) sugerem o binômio esporte e educação como modelo para que o atleta esteja mais bem preparado para a vida pós-esportiva, independentemente do término da carreira acontecer precocemente ou ao final de uma carreira esportiva profissional. Wyllemann e Lavallee (2004) sugerem a abordagem desenvolvimentista para lidar com transições de atletas jovens, pois esta considera os aspectos da carreira atlética, o nível de maturação psicológica, os aspectos psicossociais e as etapas de escolaridade.

A relação entre a carreira esportiva e os estudos é que, à medida que o atleta evolui em sua carreira atlética, fica mais difícil conciliar treinamento e escola, e esta é uma dificuldade constante encontrada por jovens talentos (WYLLEMANN, ALFERMANN & LAVALLEE, 2004; WYLLEMANN & LAVALLE, 2004). Por exemplo, quando o momento da transição esportiva para o esporte adulto ou profissional chega ao mesmo tempo em que se dá a transição do ensino médio para a universidade no âmbito escolar. Ou seja, são duas transições simultâneas que demandam dedicação e, às vezes, a opção pela continuação dos estudos ou pela carreira atlética. Pesquisas já identificaram que os próprios treinadores podem forçar o atleta a fazer a opção entre dedicar-se integralmente aos treinamentos ou continuar estudando (WYLLEMANN *et al.*, 2000).

Percebe-se ainda que a idade de profissionalização destes atletas tem sido cada vez mais precoce, reduzindo as oportunidades de desenvolverem outras habilidades vocacionais

em função das cargas de treinamento e competições (GORELY, LAVALLEE, BRUCE, TEALE, & LAVALLEE, 2001). De Knop, Wyllemann, Van Houcke, e Bollaert (1999) identificaram em sua pesquisa que atletas / estudantes de ensino médio mostraram relacionamentos sociais limitados e falta de habilidades acadêmicas.

Esta dificuldade de compatibilização dos estudos com o esporte pode ter conseqüências futuras bastante limitadoras quando do encerramento da carreira esportiva. Em depoimentos de atletas aposentados, Donnelly (1993) percebeu que aqueles que optaram por interromper os estudos para se dedicarem à carreira esportiva profissional se arrependeram, após a aposentadoria, de não terem se dedicado mais às suas atividades acadêmicas.

Esta é uma situação muito comum no futebol brasileiro. Muitas vezes, o atleta e a família se vêem pressionados a tomar uma decisão que não permite conciliar a escola com o esporte. Ou seja, o clube pode perder um atleta que tem potencial caso ele opte pelo estudo, ou o atleta pode ter suas possibilidades acadêmicas limitadas pela interrupção dos estudos.

2.7.2. Formação esportiva inicial

No final da década de 90, os estudiosos da carreira esportiva mudaram seu foco de análise em direção a uma perspectiva mais voltada para o desenvolvimento global da vida do atleta (WYLLEMANN, ALFERMANN, & LAVALLE, 2004). Esta mudança aconteceu paralelamente a pesquisas no campo do desenvolvimento do talento (BLOOM, 1985) e prática deliberada (ERICSSON, KRAMPE & TESCH-ROMER, 1993). Esta combinação de perspectivas teóricas vem de encontro ao objeto de estudo desta pesquisa: jovens e talentosos jogadores de futebol que têm a chance de se tornarem atletas profissionais a nível nacional e até mesmo internacional.

O Brasil é reconhecido como um “celeiro” de talentos e muito se discute sobre como estes atletas são formados (SALMELA, MARQUES E MACHADO, 2003). Bloom (1985) e sua equipe de trabalho da Universidade de Chicago desenvolveram um estudo sobre desenvolvimento de talento e analisaram os processos que auxiliaram 120 profissionais de destaque em diversas áreas (pianistas, escultores, matemáticos, neurologistas, nadadores e tenistas) a alcançarem altos níveis de desempenho. Para tanto, foram feitas entrevistas semi-estruturadas com os indivíduos, com os pais e com alguns professores e treinadores que participaram da formação destes profissionais. Os dados coletados foram então categorizados, e os pesquisadores ficaram “especialmente fascinados com as fortes similaridades no processo

de desenvolvimento do talento das diferentes áreas.” (p.17). Algumas similaridades identificadas pelo estudo sobre o desenvolvimento de talento são: (a) o talento é inicialmente visto pela criança como uma brincadeira, vai passando por um processo longo e crescente de dedicação e refinamento; (b) o ambiente familiar desenvolve na criança os princípios éticos e a importância de executar as tarefas sempre da melhor maneira possível; (c) os pais encorajam o desenvolvimento do talento em uma atividade em particular em detrimento de outras habilidades; (d) ninguém alcança o limite do desempenho em uma determinada atividade por conta própria, pois o papel da família e dos professores / treinadores é essencial na trajetória para a excelência; (e) claras evidências de que pelo menos 10 anos de conquistas e progressos são necessários para que se mantenha o compromisso com um determinado campo do talento. Finalmente, o estudo questionou as características genéticas ou habilidades ditas inatas como as únicas determinantes do talento e afirmou que há fortes indícios de que, sem um intenso trabalho de motivação, assistência, educação e treinamento, estes indivíduos nunca teriam alcançado níveis extremos de desempenho. A partir da teoria de Bloom, pode-se questionar, por exemplo, a afirmação de que no Brasil as crianças já nascem com o “dom” do futebol.

Na mesma linha de pesquisa, Ericsson, Krampe e Tesch-Romer (1993) corroboraram a teoria de Bloom introduzindo o conceito de “prática deliberada”. Ela é entendida como a prática de atividades altamente estruturadas e que exigem esforço constante com o objetivo explícito de melhoria do desempenho. A inovação metodológica de Ericsson e seus colaboradores (1993) documentou cuidadosamente as atividades diárias de indivíduos “*experts*” e quantificou o tempo de treinamento ao longo de toda sua trajetória. O estudo afirmou que a quantidade de tempo que o indivíduo dedica à prática deliberada é diretamente proporcional à melhora de seu desempenho e que são necessárias pelo menos 10.000 (dez mil) horas ou 10 (dez) anos de prática intensa para se chegar a níveis excepcionais de desempenho. Ericsson (2003) chega a dizer que, de uma forma geral, atletas de alto nível começam a treinar bastante jovens através de atividades semi-estruturadas e que o acúmulo maior de horas de prática deliberada pode ser o diferencial para que eles alcancem níveis excepcionais de desempenho se comparados com outros atletas que iniciaram tardiamente.

Tal afirmação pode ser contestada quando se considera a percepção de alguns autores (WYLLEMANN *et al.*, 2000; CÔTÉ, 1999) que afirmam que antes da transição para o esporte organizado a criança deve experimentar diferentes esportes sem especialização precoce, portanto, não caracterizando a prática deliberada. Outra preocupação é se a estruturação excessiva do treinamento nas fases iniciais limita ou não o desenvolvimento da criatividade do atleta, além de possivelmente não promover um ambiente agradável e lúdico,

influenciando no nível de motivação da criança para dedicar-se à prática da atividade esportiva.

Côté, Baker e Albernethy (2003), por sua vez, fazem um contraponto à teoria da prática deliberada. Eles afirmam que o desenvolvimento do atleta é influenciado pelas diferentes oportunidades de aprendizagem, pelos métodos de instrução aplicados e pelo ambiente emocional no qual a aprendizagem acontece. Eles identificam também 3 (três) estágios de desenvolvimento da carreira esportiva: experimentação (6 a 12 anos), especialização (13 a 15 anos), investimento (acima de 16 anos). Estes três estágios referem-se à formação do jovem atleta desde a infância até o final da adolescência e envolvem níveis de treinamento diferenciados por uma combinação de prática deliberada e jogo deliberado.

O conceito de jogo deliberado foi criado para contrastar com a prática deliberada e caracteriza-se como atividade criada para maximizar o nível de satisfação intrínseca das crianças envolvidas na atividade. Atividades de jogo deliberado são reguladas por regras adaptadas dos esportes convencionais e são monitoradas por uma criança ou adulto envolvido na atividade (CÔTÉ *et al.*, 2003). Tal prática possibilita à criança experimentar diferentes esportes, criar novos movimentos e desenvolver diferentes habilidades. A prática do jogo deliberado na fase de experimentação pode ser, então, um mecanismo eficiente para a aquisição de habilidades diferenciadas por parte do atleta “expert” (SALMELA, MARQUES E MACHADO, 2003). O futebol de rua pode ser caracterizado como uma atividade típica de jogo deliberado, pois o objetivo é divertir-se, é orientado pelo processo, é estabelecido e monitorado pelas próprias crianças, não é focado na correção imediata, e suas fontes de prazer são predominantemente intrínsecas.

No caso do contexto brasileiro, outro elemento que pode ser importante na formação de jovens jogadores é a prática do futsal nas idades iniciais. O futsal é apontado por alguns estudos (DRUBSCKY, 2003; SALMELA, MARQUES E MACHADO, 2003) como um importante instrumento formador de atletas habilidosos de futebol de campo. No passado, jogadores como Tostão, Rivelino e Zico, e no presente, Kaká, Ronaldinho e Robinho, deram seus primeiros passes em uma quadra de futsal. Apesar de reconhecido pela FIFA e já possuir ligas profissionais em diversos países, o futsal é um esporte genuinamente brasileiro, praticado regularmente por milhares de crianças em clubes e escolas, e ainda pouco praticado em outros países.

2.7.3. Contexto familiar e social

Apesar de a carreira esportiva de um atleta ser considerada um projeto pessoal, as ações de um indivíduo são baseadas também em processos estabelecidos pela aprendizagem, socialização, regras, convenções, normas e representações sociais (HACKFORT & HUANG, 2005).

Tratando-se da carreira de um atleta jovem, além da família, o ambiente social inclui os amigos, os colegas de equipe, os treinadores e outros profissionais ou indivíduos que constituem a organização esportiva.

Diversos estudos (BLOOM, 1985; WYLLEMANN *et al.*, 2000; CÔTÉ *et al.* 2003; DURAND-BUSH, SALMELA, & THOMPSON, 2005) afirmam que o papel dos pais no desenvolvimento da carreira de atletas é crucial e tem influência direta inclusive no nível de desempenho que o atleta pode alcançar. Nestas pesquisas, atletas de alto nível destacam a importância dos pais em toda sua trajetória rumo à excelência.

Côté (1999) apresenta dados empíricos que o papel dos pais vai mudando à medida que a carreira se desenvolve. A partir do seu modelo das fases da carreira esportiva, ele afirma que o envolvimento dos pais começa nas idades iniciais, no sentido de motivar os filhos para a prática de atividades esportivas variadas. Na fase de especialização, os pais dão suporte para que o filho faça sua opção por um determinado esporte. Na fase de investimento, os pais respondem por várias demandas, inclusive financeira, e promovem um ambiente positivo para o aperfeiçoamento das habilidades atléticas do filho(a). CÔTÉ finaliza, então, dizendo que o envolvimento dos pais continua relevante, porém, mais distante, quando os jovens adultos fazem a transição para a fase de excelência.

Wyllemann *et al.* (2000) destacam que a influência dos pais na vida do atleta pode ter aspectos positivos e negativos. Os pontos positivos estão associados principalmente ao apoio emocional e financeiro, e os pontos negativos referem-se à pressão por resultados ou expectativas irreais. Eles atribuem ainda aos pais a responsabilidade de ajudar o atleta a ter uma vida balanceada entre esporte, estudo e vida social (estar com os amigos, namorar). A conclusão a que se chega é que os pais, bem ou mal, influenciam o desempenho e a qualidade das transições que o atleta vivencia e, portanto, devem ser incluídos no processo de formação do atleta e envolvidos em “iniciativas educativas que mostrem como seu envolvimento pode ser benéfico para o jovem atleta” (p.157).

Outro trabalho desenvolvido com jovens atletas alemães descobriu que o papel dos pais é importante, mas deve ser equilibrado, ou seja, pais desinteressados e com pouco

envolvimento podem ser tão negativos quanto o pai que dá apoio excessivo, protege ou cobra exageradamente (WUERTH, LEE & ALFERMANN, 2004). Neste mesmo estudo foram detectadas diferenças entre o tipo de apoio da mãe e do pai. As mães se vêm oferecendo compreensão e reconhecimento, enquanto os pais se vêm dando mais aconselhamento comportamental como, por exemplo, faça isto e não faça aquilo.

Com relação a outros meios sociais, De Knop *et al.* (1999) alertam para a importância dos amigos na decisão do jovem atleta de continuar os estudos ou a carreira atlética. As relações de convivência no círculo de amizade influenciam o caminho a ser escolhido, em função das limitações de convivência com o grupo social provocadas pelos compromissos esportivos. Por outro lado, a partir do momento em que se criam fortes laços de amizade no meio esportivo e os amigos também praticam o esporte escolhido, a prática e dedicação aos compromissos esportivos podem ser motivadas por esta convivência (CÔTÉ *et al.*, 2003; PUMMEL, HARWOOD & LAVALLEE, in press).

Sobre a participação dos treinadores no processo de transição, Salmela, Young e Kallio (2000) fizeram um estudo sobre como as transições envolvem o atleta, o treinador e os pais. Ainda que o papel do treinador seja imprescindível para o desenvolvimento da competência técnica do atleta, ele pode influenciar também outras decisões e comportamentos extra-campo do atleta. Para além da preparação técnica, o treinador deve ser responsabilizado pela formação do atleta para a vida, incluindo-se aí o aconselhamento quanto aos aspectos relativos à organização e planejamento de sua carreira esportiva. Recomenda-se que treinadores e administradores esportivos conversem com o atleta quando ele está ativo e não apenas no final da carreira ou no momento crítico de uma transição (STAMBULOVA ALFERMANN, CÔTÉ & STATLER, 2007).

Alfermann e Würth (2001) conduziram um estudo de 2 (dois) anos com jovens atletas de handebol, basquete e hóquei, e perceberam que os atletas orientados por treinadores que oferecem mais instrução e reforço a nível técnico e emocional tiveram transições mais bem sucedidas rumo a outra fase atlética do que aqueles atletas orientados por treinadores menos atentos a estes aspectos.

No contexto brasileiro, diversos estudos enfocaram o tipo de apoio oferecido e o nível socioeconômico das famílias (MORAES, SALMELA, RABELO & VIANNA JÚNIOR, 2000; MORAES, SALMELA, RABELO, LIMA & LOBO, 2001; RABELO, MORAES & SALMELA, 2001; RABELO, 2002; VIANNA JÚNIOR, 2002; VIANNA JÚNIOR, RABELO, MOURTHE & SALMELA, 2005). Estes estudos compararam o nível socioeconômico de famílias brasileiras cujos filhos praticavam diferentes modalidades

esportivas. Famílias de atletas de tênis, por exemplo, eram majoritariamente de classe média alta e investiam regularmente em equipamentos e viagens. Enquanto famílias de atletas de futebol eram de baixo poder aquisitivo e pouca instrução e, em função disto, quase nenhum investimento financeiro podia ser feito na carreira dos filhos (VIANNA JÚNIOR *et al.*, 2005). Ainda assim, tanto os jogadores de futebol quanto os tenistas foram capazes de alcançar o alto nível.

Rabelo (2002), em tese de mestrado sobre o papel dos pais no desenvolvimento de jovens atletas de futebol, concluiu que os atletas tinham poucos recursos financeiros e quase nenhum apoio dos pais. Os resultados mostraram que 80% das famílias entrevistadas recebiam entre R\$300,00 e R\$750,00, sendo que 65% tinham apenas o curso primário. No estudo de Moraes et al (2000), foram pesquisados 23 jovens atletas de futebol, e os resultados também indicaram pouco envolvimento dos pais e recursos financeiros limitados.

Um aspecto comum a alguns destes estudos (RABELO, 2002; VIANNA JÚNIOR 2002; VIANNA JÚNIOR *et al.*, 2005) é que a expectativa da família é de que o filho se torne um atleta profissional mas, ao mesmo tempo, querem que o atleta seja bem sucedido enquanto estudante e tenha uma profissão reconhecida.

2.7.4. Planejamento da carreira do jovem atleta

Conforme visto anteriormente, os estudos sobre aposentadoria de atletas adultos salientam a importância do planejamento prévio para se conseguir uma transição positiva. A melhor forma de promover adaptações positivas deve ser o planejamento desde o primeiro momento da carreira esportiva. O equilíbrio da escola com o treinamento, as rotinas diárias, as relações sociais e o investimento necessário são aspectos que podem fazer parte do planejamento do atleta desde a mais jovem idade. Mesmo que o objetivo não seja seguir uma carreira esportiva profissional, há que se planejar o tempo e as demandas da carreira esportiva amadora com o desenvolvimento de uma carreira não-esportiva.

Em estudo desenvolvido com jovens atletas australianos, Bobridge Gordon, Walker e Thompson (2003) avaliaram os efeitos de um programa de assistência à carreira aplicado a esta população. De acordo com os atletas, os aspectos mais relevantes foram as intervenções práticas, tais como organização do currículo, preparação para entrevistas, estabelecimento de metas e compreensão das opções de trabalho. Eles relataram também que houve aumento da confiança sobre suas habilidades de tomada de decisão e o desenvolvimento de recursos e

habilidades para alcançar as metas relativas às suas carreiras. Eles reconheceram ainda que a aquisição de habilidades práticas e autoconfiança os capacitaram a desenvolverem oportunidades de trabalho fora do ambiente esportivo.

As dificuldades mais comuns encontradas por jovens atletas no que diz respeito ao planejamento da carreira são relativas às restrições aos relacionamentos sociais (sair com os amigos, namorar, ir a festas), à organização do tempo e das rotinas diárias (WYLLEMANN, LAVALLEE, & ALFERMANN, 1999).

Stambulova (2007) apresentou, em Simpósio no 12º Congresso Europeu de Psicologia do Esporte, os resultados de 6 (seis) estudos desenvolvidos com atletas de diferentes esportes que fizeram a transição do esporte juvenil para o esporte adulto. Os resultados indicaram que os atletas estavam sob altos níveis de estresse e precisavam encontrar tempo e energia para tudo. Dentre as estratégias utilizadas pelos atletas para lidar de forma positiva com a transição, foram apontados o planejamento prévio, estilo de vida equilibrado, controle do estresse, do tempo e da energia, e mecanismos eficientes de recuperação. O aconselhamento e a orientação prática para a utilização destes recursos devem, portanto, fazer parte da formação e da rotina do jovem atleta.

Um aspecto abordado por Murphy (1995) diz respeito ao corte ou dispensa de jovens atletas. Ele cita as altas expectativas de jovens americanos com relação à profissionalização no esporte e o limitadíssimo número de atletas que chegam a atingir tal estágio. No Brasil, as conhecidas peneiradas do futebol (MORAES & MEDEIROS FILHO, 2006) envolvem milhares de crianças anualmente e, quando selecionado, o atleta passa ainda por processos seletivos regulares a cada categoria galgada. As chances de profissionalização são muito pequenas e, não havendo suporte psicológico e um acompanhamento escolar e ocupacional, a possibilidade de conflitos emocionais e desajuste social é muito alta.

A Federação Européia de Psicologia do Esporte (FEPSAC, 1999) afirma que os efeitos dos estudos da carreira esportiva podem ser vistos sob dois aspectos: uma visão restrita, que considera apenas as conquistas esportivas, e uma visão mais ampla, que considera o desenvolvimento pessoal do atleta. Resta saber qual a visão assumida pelos clubes e órgãos esportivos reguladores aos quais os atletas estão vinculados.

No próximo tópico então será abordado o contexto do futebol no Brasil para que se possa entender a estrutura na qual estes atletas estão inseridos.

2.7.5. Contexto cultural do futebol brasileiro

O futebol é uma manifestação que no Brasil possui vários significados e implicações nos âmbitos esportivo, social, político, econômico e até mesmo religioso. Este tópico tratará de caracterizar as especificidades da cultura do futebol no Brasil e como esta variedade de olhares se interpõe na vida de nossos jovens jogadores de futebol.

Apenas recentemente, os estudos sobre desenvolvimento e transição da carreira esportiva começaram a considerar o contexto cultural no qual estes fenômenos ocorrem (STAMBULOVA, STEPHAN & JAPHAG, 2007). Valores, crenças, normas e tradições muitas vezes podem ajudar a traduzir determinados resultados encontrados em pesquisas.

Salmela e Moraes (2003) alertam que os modelos desenvolvidos nas áreas de talento e formação de jogadores foram construídos a partir de estudos empíricos com atletas e famílias de países desenvolvidos, tais como Estados Unidos, Canadá e Austrália. A realidade socioeconômica e educacional em países em desenvolvimento como o Brasil é completamente diferente. Portanto, os modelos construídos por autores estrangeiros devem ser reinterpretados a partir dos resultados empíricos de pesquisas feitas no Brasil.

Pesquisas recentes identificaram algumas fragilidades na estrutura organizacional e na formação esportiva de jovens atletas de futebol no Brasil. A partir da análise das conhecidas peneiradas de clubes de futebol, Moraes e Medeiros Filho (2006) identificaram dois mecanismos de facilitação para o recrutamento de atletas: apadrinhamento e adulteração da idade. A pesquisa indicou ainda um baixo nível de aproveitamento de atletas causado pelo despreparo e por falhas no sistema de avaliação. A utilização de recursos escusos é uma estratégia infelizmente ainda presente nos métodos de captação e seleção de talentos, mas esta mentalidade tem sido combatida pelos próprios clubes, que perceberam a necessidade de maior profissionalização nesta etapa da formação dos jogadores (DRUBSKY, 2003). Ao abordar a gestão esportiva atual, Mascarenhas (2004) acredita que “o futebol brasileiro, em suma, vive um momento de profunda reorganização, muito prejudicada pelas mundialmente conhecidas estruturas de corrupção e má gestão” (p.98).

Ao analisarem o papel dos treinadores em diferentes contextos culturais, Salmela e Moraes (2003) perceberam que jovens jogadores de futebol brasileiros têm pouco acesso ao treinamento estruturado, comparando-se aos modelos de formação esportiva de países desenvolvidos. No entanto, esta limitação pode ser superada pela enorme quantidade de horas dedicadas diariamente à prática do futebol durante seu tempo livre. “Esta auto-aprendizagem

assumida pelos jovens jogadores brasileiros parece sugerir um *Futebol Darwinista*, onde apenas o melhor sobrevive” (p. 283).

A estrutura esportiva do futebol no Brasil, apesar de notadamente estar passando por um processo de profissionalização da gestão e da área técnico / esportiva, principalmente nas equipes da 1ª divisão, ainda tem um longo caminho a percorrer para se desvencilhar dos vícios organizacionais do passado.

No âmbito político-social, o futebol no Brasil tem um histórico que vai do elitismo inicial e proibição da prática para os negros; passa pelo processo de democratização no início do século XX em função da mágica habilidade de jogadores negros como Leônidas da Silva e Domingos da Guia; consolida sua popularidade interna e externa com os primeiros títulos mundiais; vive a ditadura militar durante a qual conquista mais um título; passando então por um período de 24 anos, de certa forma, apagados até as Copas de 1994 e 2002 (MURAD, 2004). Hoje, o País já vive a agitação política, social e econômica da organização de uma copa que acontecerá somente em 2014.

A paixão do povo brasileiro pelo futebol foi construída historicamente e associada às conquistas e ao reconhecimento internacional do futebol brasileiro, dando uma identidade à nação. O jovem jogador que nasce e cresce em meio a este ambiente constrói a expectativa de se tornar profissional e fazer parte desta história. Se, no passado, a motivação destes jovens era baseada apenas no prazer de jogar, hoje ela é impulsionada pela perspectiva de ascensão social e financeira que o futebol pode trazer para o atleta e sua família. No entanto, é sabido que apenas um grupo seletíssimo de jovens consegue alcançar esta condição (DRUBSCKY, 2003).

Outro aspecto associado ao contexto cultural do futebol no Brasil é a crescente mercantilização deste esporte. Para além da discussão levantada entre os modernos, defensores do mercado, e os românticos, defensores da pureza do futebol (SOUTO, 2004), o fato é que a maior fonte de renda dos clubes brasileiros atuais é a venda de jogadores. Os clubes pequenos vendem para os clubes grandes, que vendem para o exterior, constituindo uma cadeia de produção e comercialização onde o produto é o jovem talento brasileiro.

Este caráter mercantilista atraiu a atenção de outros setores da sociedade e fez com que outros personagens se tornassem parte da estrutura do futebol como, por exemplo, os empresários, os clubes empresa e as empresas de marketing esportivo (DRUBSCKY, 2003). A presença destas pessoas e instituições aumentou as redes de relacionamento com as quais o atleta, sua família e o clube passaram a lidar. Como em qualquer outra atividade, existem bons e maus profissionais, mas o que chama atenção é que a legislação a respeito é quase

inexistente. Para se tornar um agente FIFA, por exemplo, basta fazer uma prova sobre legislação esportiva e fazer o depósito junto à Instituição de uma determinada quantia em dinheiro. Não há sequer um curso de capacitação para que este profissional tenha conhecimento do tipo de suporte que ele deve oferecer ao jovem atleta.

Uma mudança marcante nas relações entre os clubes e os atletas no futebol brasileiro foi a já citada Lei Pelé (Lei 9615 – BRASIL, 1998), que dá a opção aos clubes de futebol de fazer o primeiro contrato profissional com o jovem atleta a partir dos 16 (dezesseis) anos de idade, tendo este contrato a duração de 3 (três) meses a 5 (cinco) anos. E é uma lei extremamente controversa. Por um lado, extinguiu o passe e deu mais liberdade aos atletas, fazendo com que os clubes fossem mais cuidadosos, pois não eram mais os “donos” do jogador. Por outro lado, a assinatura do contrato no caso de negociação do atleta garante ressarcimento ao clube em valor proporcional ao salário do jovem atleta, e a não-assinatura do contrato deixa o jogador livre para ir para outro clube. “Avaliar e selecionar mal um jogador, por exemplo, pode levar o clube a perder um talento precioso ou onerar o departamento amador em compromissos longos, até cinco anos, com jovens que não darão nenhum retorno” (DRUBSCKY, 2003, p. 161).

É bom lembrar que as nuances de relacionamento com empresários, empresas de marketing, assinaturas e prazos de contratos passaram a fazer parte do cotidiano do atleta a partir dos 16 (dezesseis) anos de idade.

Outro componente cultural do futebol brasileiro que envolve valores, símbolos e superstições que influenciam o comportamento de dirigentes, treinadores, jogadores e torcedores é a religiosidade. Salmela e Marques (2004) analisaram a presença de aspectos religiosos no comportamento dos atletas, na preparação para competições e na perspectiva do torcedor. O artigo sugere que os treinadores e dirigentes devem lidar com estes aspectos de maneira extremamente cuidadosa, respeitando a opção religiosa dos atletas, pois a fé e a superstição podem influir até mesmo em seu desempenho dentro de campo.

Ao finalizar esta revisão bibliográfica, percebe-se que os estudos apresentados mostram a necessidade de se obterem dados empíricos específicos da transição abordada, considerando o cenário estrutural do futebol no Brasil. Para tanto, foi escolhido um método combinado de coleta de dados, conforme descritos nos procedimentos metodológicos.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. Tipo de pesquisa

Esta pesquisa procurou fornecer uma visão holística do perfil dos atletas e do ambiente em que eles se constituem, nomeadamente, os aspectos relativos à escolaridade, formação esportiva inicial, contexto socioeconômico, planejamento da carreira e percepção do contexto do futebol, caracterizando-se como uma pesquisa descritiva (THOMAS & NELSON, 2002).

A pesquisa teve ainda um componente combinado de coleta e análise de dados que buscou aproveitar os benefícios do estudo quantitativo e qualitativo. Segundo Thomas e Nelson (2002), a pesquisa quantitativa tende a centralizar-se na análise da situação problema ao separar e examinar os componentes de um fenômeno, enquanto a pesquisa qualitativa busca compreender o significado para os participantes de uma experiência em um ambiente específico e de que maneira os componentes combinam-se para formar o todo.

A expansão deste tipo de pesquisa de método combinado vem se desenvolvendo notadamente nas ciências sociais e humanas (CRESWELL, 2003) e já foi identificada por especialistas na área de transição da carreira esportiva como uma metodologia eficiente que permite que os dados qualitativos complementem e explicitem os dados quantitativos (WYLLEMANN, LAVALLEE & ALFERMANN 1999). Os dados quantitativos foram coletados através de questionário, enquanto os dados qualitativos foram coletados através de uma entrevista semi-estruturada. Ambos os instrumentos serão detalhados posteriormente. Os procedimentos descritos a seguir são propostos por Thomas e Nelson (2002) para este tipo de pesquisa.

3.2. Delimitação da amostra

O questionário foi aplicado em 197 (cento e noventa e sete) jogadores de futebol, Categoria Júnior, que compreende atletas na faixa etária de 18 a 20 anos de idade, no período de julho a novembro de 2007. No entanto, 11 (onze) questionários foram inutilizados, totalizando uma amostra final de 186 (cento e oitenta e seis) atletas. Os critérios para a não-

utilização dos questionários citados foram os seguintes: (a) preenchimento de mais de uma opção nas questões de múltipla escolha e (b) não-preenchimento de mais de 10% das questões do questionário. Tais critérios foram adotados por mostrarem uma possível não-compreensão ou indisposição para responder às perguntas de forma fidedigna.

Todos os atletas pertencem a clubes cujas equipes profissionais disputaram a Série A do Campeonato Brasileiro de 2007. Tal delimitação teve o intuito de utilizar atletas de equipes com consistência na formação de profissionais. A amostra foi delimitada a atletas pertencentes aos clubes localizados nas cidades de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. Além do preenchimento do questionário, foram realizadas entrevistas com um total de 7 (sete) atletas escolhidos a partir de critérios que serão descritos posteriormente.

3.3. Cuidados éticos

Este estudo respeitou todas as normas estabelecidas pelo Conselho Nacional de Saúde e pelo Tratado de Ética de Helsinki envolvendo pesquisas com seres humanos. O Projeto de Pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (*ANEXO 1*) foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa – COEP – da Universidade Federal de Minas Gerais através do parecer número ETIC 384/07 (*ANEXO 2*). O parecer do COEP recomendou que fosse feito também um TCLE para os supervisores e diretores dos clubes, o que foi prontamente providenciado pelo pesquisador (*ANEXO 3*). O projeto foi aprovado também pelo Departamento de Pós-graduação da EEEFTO da UFMG (*ANEXO 4*). Foram encaminhados dois documentos aos dirigentes das entidades esportivas às quais os atletas pertenciam: (a) uma carta de apresentação do projeto (*ANEXO 5*), a fim de informá-los sobre os objetivos, relevância da pesquisa e procedimentos metodológicos do estudo e (b) uma carta de apoio institucional da Escola Brasileira de Futebol (*ANEXO 6*), órgão vinculado à Confederação Brasileira de Futebol. Todos os voluntários leram o Consentimento Pós-Informado (*ANEXO 7*) e assinaram o TCLE para que ficassem cientes de que a qualquer momento poderiam, sem constrangimento, deixar de participar do projeto. Foram tomados todos os cuidados no intuito de preservar a privacidade dos voluntários, sendo que a saúde e o bem-estar destes estavam acima de qualquer outro interesse.

3.4. Instrumentos

Este estudo utilizou dois instrumentos para coleta de dados. O primeiro foi um questionário de 46 questões (*ANEXO 8*) desenvolvido a partir do *Athletic and Postathletic Questionnaire* (Questionário Atlético e Pós-Atlético) de Hackfort, Emrich, e Papathanassiou (1997, traduzido para o português por Samulski) e do *Sports Career Transitions Questionnaire* (Questionário de Transições da Carreira Esportiva) de Stambulova (1995). Algumas questões foram adaptadas e/ou acrescentadas, considerando-se aspectos específicos da fase de transição estudada e do contexto do futebol no Brasil. Tais questões foram identificadas a partir da revisão de literatura e da análise do questionário por 5 (cinco) diretores / supervisores, todos com mais de 10 anos de experiência com atletas de categorias de base. O questionário foi então submetido à validação de conteúdo por 5 (cinco) *experts* na área de Psicologia do Esporte (PARTNEY & WATKINS, 2002). Apenas uma questão relativa ao uso de álcool e drogas foi retirada do questionário. Tal alteração foi feita após um estudo piloto feito com 35 atletas, em que o diretor / supervisor solicitou aos atletas que não preenchessem tal questão. Além desta alteração, o estudo piloto possibilitou a adequação dos procedimentos de coleta e das orientações necessárias para a compreensão e correto preenchimento dos questionários por parte dos atletas.

O questionário é composto por cinco partes, de acordo com os objetivos do estudo: (a) Dados gerais e escolaridade, (b) Formação esportiva inicial, (c) Contexto familiar e social, (d) Planejamento da carreira e (e) Contexto do Futebol. Com exceção das perguntas de números 45 e 46, que são abertas, todas as outras perguntas são de múltipla escolha, sendo que 20 (vinte) destas questões têm opção final aberta (“outro”), para detectar alguma categoria de resposta que não constasse das opções.

O segundo instrumento foi uma entrevista semi-estruturada (*ANEXO 9*) aplicada em atletas indicados pelos diretores / supervisores com o objetivo de obter dados complementares à análise quantitativa (GROVE *et al.*, 1998). A entrevista semi-estruturada caracteriza-se por um roteiro de perguntas previamente estabelecido de acordo com os tópicos abordados pela pesquisa, mas que tem flexibilidade de ser extrapolado ou redirecionado de acordo com o desenvolvimento das respostas do entrevistado. Cabe ao pesquisador identificar aspectos relevantes que sejam pertinentes aos objetivos do estudo e abordá-los com novas perguntas não pré-estabelecidas.

3.5. Procedimentos da coleta de dados

O primeiro contato com os clubes foi feito via telefone junto aos diretores / supervisores das categorias de base. Após a explicação dos objetivos e procedimentos do estudo, foram enviadas, via eletrônica, a carta da apresentação da UFMG, a carta de apoio institucional da EBF / CBF e o questionário para apreciação do dirigente. Após o aceite formal do clube, a visita era agendada.

Todas as coletas foram feitas pelo próprio pesquisador e seus assistentes nas instalações dos clubes ou hotéis, em local confortável previamente preparado e sem pressão de tempo. Um kit contendo prancheta, caneta, o questionário e o TCLE eram entregues aos atletas. Antes do início do preenchimento do questionário, era feita a explicação dos objetivos do estudo, orientava-se quanto à forma de preenchimento das questões e reiterava-se a importância da veracidade das respostas, sempre com linguagem simples e clara. Os atletas foram ainda alertados que, durante o preenchimento do questionário, quaisquer dúvidas poderiam ser sanadas pelo pesquisador. O preenchimento do questionário durava, em média, 25 minutos por atleta.

Após o término da coleta de dados com o grupo de atletas, o supervisor / diretor indicava um atleta que pudesse participar da entrevista semi-estruturada. Conforme sugerido por Creswell (2003), a coleta de dados qualitativa foi feita com indivíduo selecionado pelo dirigente. Após orientação do pesquisador e conhecedor das características de seus jogadores, o dirigente indicava o atleta a partir da vivência deste acerca do fenômeno estudado e de sua capacidade de explanar sobre tal fenômeno, neste caso, falar sobre sua carreira esportiva. As entrevistas duraram em média 15 minutos, foram gravadas e depois transcritas.

Um dado adicional foi coletado junto aos diretores / supervisores relativo à carga horária anual de treinamento de cada categoria do clube. Tal dado foi coletado também em forma de entrevista.

Finda a coleta, uma carta de agradecimento era entregue ao dirigente e era assumido o compromisso do retorno dos resultados do estudo para o clube esportivo.

3.6. Análise dos dados

A análise quantitativa dos dados foi feita através do pacote estatístico SPSS (Statistical Package for Social Sciences) para Windows, versão 11.0. Os dados contínuos foram analisados de forma descritiva (média e desvio padrão), e os dados categóricos ou nominais, por distribuição de frequência (percentual). Os resultados então foram colocados em forma de gráficos e tabelas, utilizando-se o programa Microsoft Office Excel.

A análise qualitativa das entrevistas foi feita por categorização de dados. Inicialmente, as entrevistas foram transcritas utilizando-se o aparelho Dictator/Transcriber BI-85 SONY ®. Depois de transcritas, as respostas das entrevistas foram divididas em pequenos textos ou vinhetas narrativas (THOMAS & NELSON, 2002) que expressavam uma idéia ou informação compreensível. Estes pequenos textos foram categorizadas por assunto por 3 (três) pesquisadores separadamente, de acordo com o conteúdo das informações. Posteriormente, as categorizações foram analisadas em conjunto pelos mesmos 3 (três) pesquisadores, e aquelas vinhetas categorizadas de forma diferente foram discutidas até que chegasse a um consenso. Na apresentação dos resultados, as citações das entrevistas foram identificadas do código A1 até A7, sendo que cada código refere-se a um determinado atleta. Os nomes próprios dos atletas e clubes citados nos depoimentos foram substituídos para garantir o anonimato dos voluntários.

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados serão apresentados de acordo com a ordem cronológica dos objetivos da pesquisa. Ou seja, primeiramente serão apresentados os dados gerais e escolaridade e em seguida os resultados relativos à formação inicial, contexto familiar e social, planejamento da carreira e contexto do futebol. As citações diretas coletadas nas entrevistas serão apresentadas ao longo do texto para que se possa visualizar o aspecto quantitativo através dos números mostrados pelos gráficos e tabelas, e em seguida, adicionar o componente qualitativo da percepção dos atletas acerca do aspecto abordado.

4.1. Dados gerais e escolaridade

A média de idade dos atletas participantes da pesquisa foi de 18,46 anos ($\pm 0,82$), sendo que 26,4% nasceram na mesma cidade do clube onde jogam e 73,6% nasceram em outras localidades. Do total de atletas do estudo, 52,2% moram no alojamento do clube, ou seja, distantes da família (GRÁF. 1).

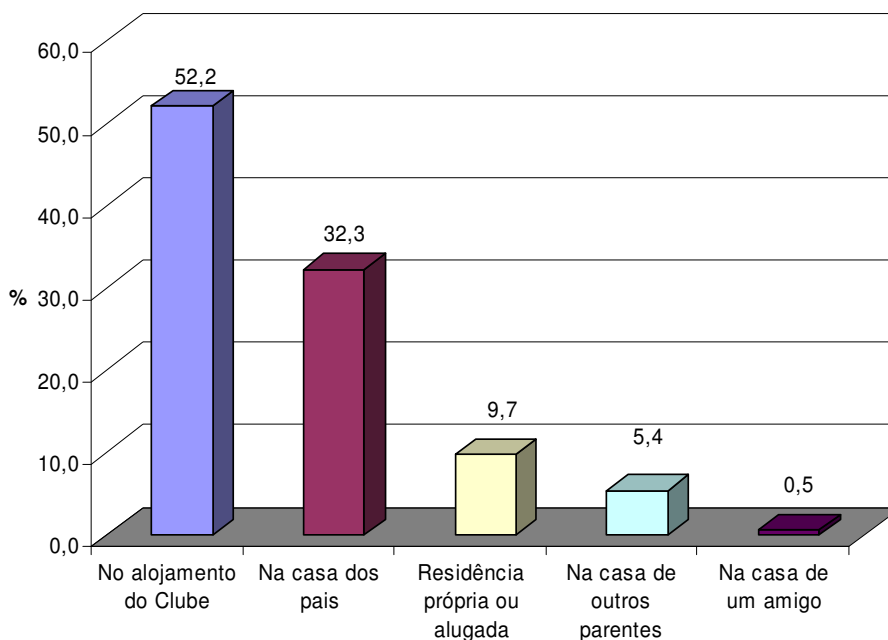


GRÁFICO 1 – Local onde moram

Quanto à escolaridade, a TABELA 1 mostra até que série os atletas cursaram ou estão cursando. Pelo fato da idade mínima dos atletas desta pesquisa ser de 18 anos e considerando que normalmente nesta idade os jovens cursam o 3º ano do Ensino Médio, ao somarmos os percentuais desde a 1ª série do Ensino Fundamental até a 2ª série do Ensino Médio, pode-se afirmar que pelo menos 53,2% estão defasados em relação aos estudos.

TABELA 1 – Escolaridade dos Atletas

Até que série escolar você cursou ou está cursando	Percentual %
1a série do Ensino Fundamental	1,1
2a série do Ensino Fundamental	0,5
3a série do Ensino Fundamental	0,5
5a série do Ensino Fundamental	1,1
6a série do Ensino Fundamental	0,5
7a série do Ensino Fundamental	1,6
8a série do Ensino Fundamental	5,4
1a série do Ensino Médio	19,9
2a série do Ensino Médio	22,6
3a série do Ensino Médio	33,9
Curso superior (interrompido)	12,9
Total	100,0

Com relação às dificuldades de conciliar estudos e treinamentos, observe os depoimentos abaixo:

“Foi difícil, teve um ano até que eu parei de estudar, mas futebol mesmo já ensina como é importante ter estudo, através de negociações, de saber falar, e não pude deixar de lado, terminei o terceiro ano com muito sacrifício, mas terminei.”A4

“Essa é a parte mais difícil, porque eu era acostumado a estudar com a minha mãe em cima, sempre em cima... porque estudo muita gente gosta, outros não gostam, eu não gostava, Aqui já mudou um pouco, o clube facilita muito porque a gente tem escola aqui dentro, mas mesmo assim eu já comecei a desandar no estudo, minha mãe longe, eu acho que (a escola dentro do clube) foi o que ajudou bastante senão eu não teria me formado. É muito difícil conciliar os treinos porque normalmente treinamos dois períodos, e estudar à noite exige um pouco de vontade, determinação. Se você quer, você tem que fazer isso mesmo.”A2

Outro aspecto relevante diz respeito ao fato dos atletas terem interrompido seus estudos (GRÁF. 2). Mais da metade dos atletas chegou a interromper os estudos.

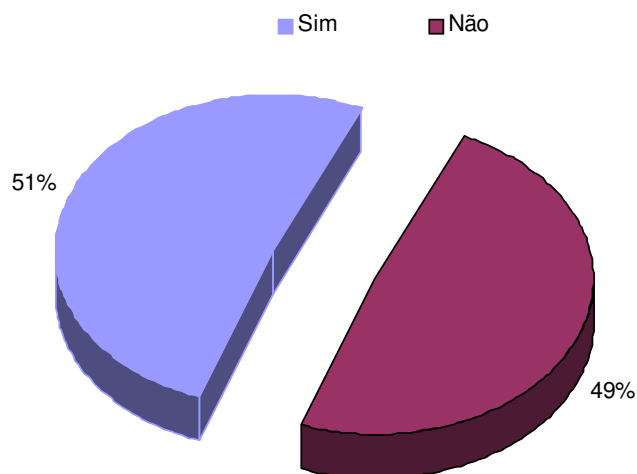


GRÁFICO 2 – Você chegou a parar de estudar para jogar futebol?

Ainda com relação à escolaridade, foram dadas 5 (cinco) opções para que os atletas pudessem mensurar o grau de dificuldade que eles tiveram para conciliar os treinamentos e competições do futebol com os estudos, e 57% deles acreditam ser “Relativamente Difícil” estudar e jogar futebol ao mesmo tempo.

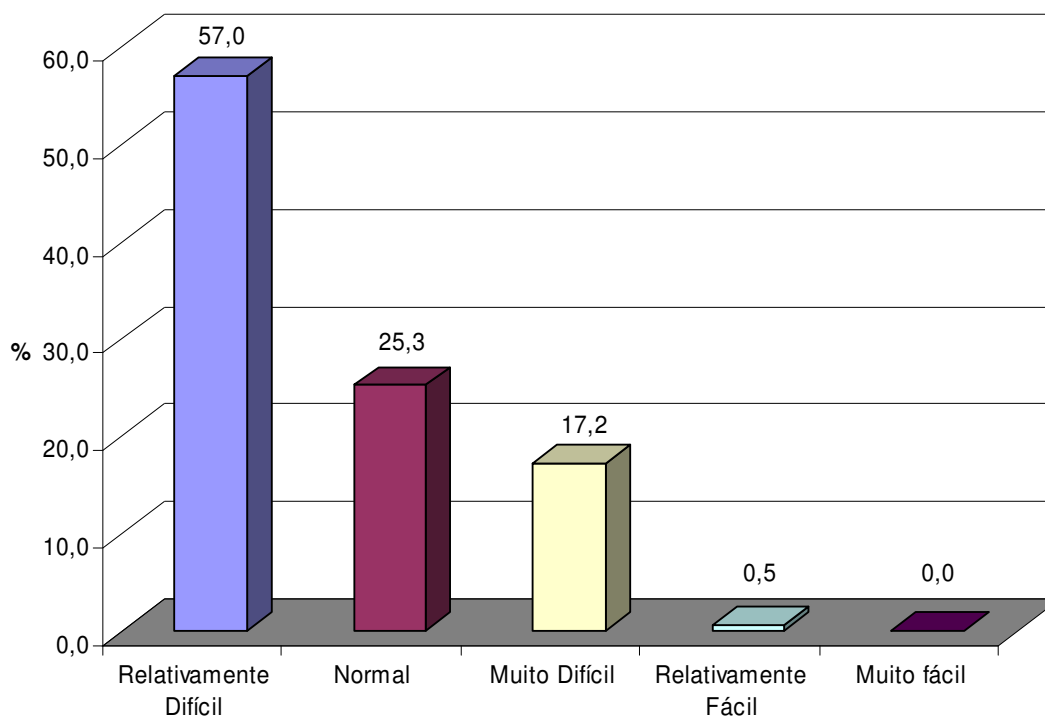


GRÁFICO 3 – O que você acha de estudar e jogar futebol ao mesmo tempo?

4.2. Formação esportiva inicial

Os dados levantados neste tópico nos ajudaram a traçar um perfil da trajetória destes atletas até chegarem à Categoria Júnior de um clube profissional do futebol brasileiro para que pudéssemos, posteriormente, discutir, com dados da revisão bibliográfica, quais as similaridades e diferenças na formação esportiva deste grupo de jovens atletas comparados a outros estudos.

A primeira pergunta se relacionava ao local onde eles aprenderam a jogar futebol. A rua ainda é o cenário principal da formação inicial destes jovens jogadores de futebol (GRÁF. 4). No entanto, a escolinha, uma instituição esportiva relativamente recente no futebol brasileiro, surge com um percentual relevante (33,9%), apontada pelos atletas como local da aprendizagem inicial do futebol.

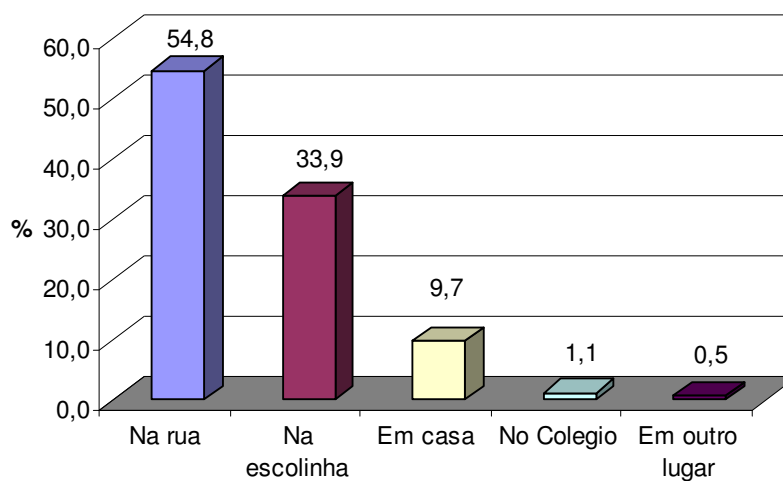


GRÁFICO 4 - Onde você aprendeu a jogar futebol?

O tempo de prática de jogo livre ou do jogo deliberado descrito por Côté et al,(2003) pode ser entendido como o número de horas que os atletas jogavam futebol antes de se tornarem federados ou se envolverem em treinamento formal. Nesta amostra, a média de horas que os atletas jogavam por dia era de 4,71 horas ($\pm 2,68$), Há uma mudança também no local aonde a prática era realizada, conforme mostram os GRÁFICOS 5 e 6.

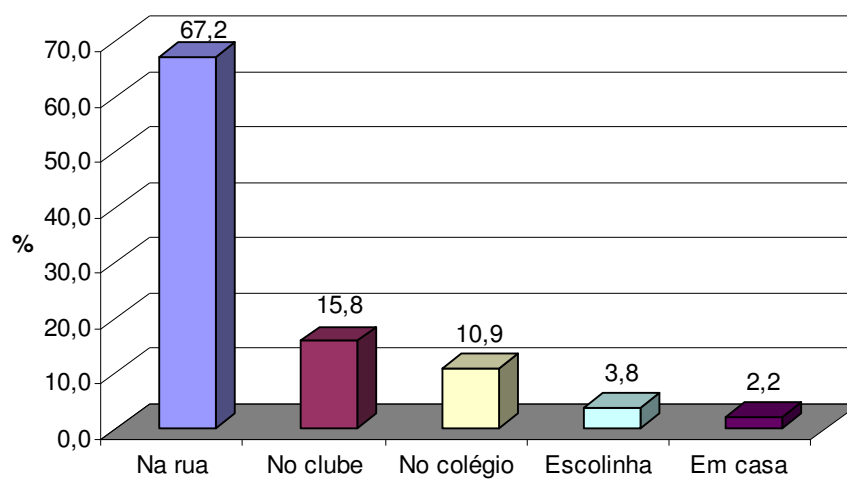


GRÁFICO 5 – Onde você jogava bola antes de se federar?

Quando perguntados sobre aonde começaram a ter treinos regulares, surgem novamente as chamadas “escolinhas de futebol” (GRÁF. 6), em que a maioria dos atletas (53,8%) começaram com a média de idade de 8,95 anos ($\pm 2,78$), sendo que nestes locais eles treinavam uma média de 10,08 ($\pm 6,99$) horas semanais.

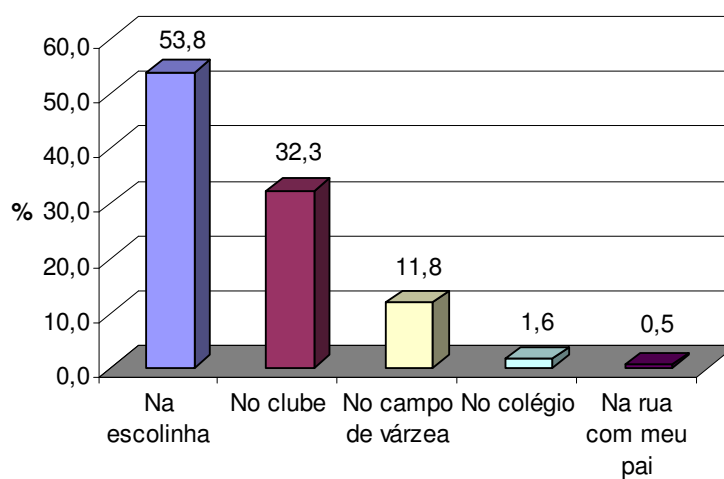


GRÁFICO 6 – Onde você começou a ter treinos regulares?

Outro dado coletado junto aos diretores / supervisores de categorias de base foi a média anual de horas de treinamento de cada categoria (TAB.2). Estes dados foram coletados a partir do planejamento anual dos clubes.

TABELA 2 - Carga horária anual de treinamento por categoria

Categoria	Faixa Etária	Mínimo	Máximo	Média de horas anuais	Desvio Padrão
Mirim	13 anos	210	517	376	162,87
Pré-infantil	14 anos	264	564	434	130,13
Infantil	15 anos	528	799	650	119,90
Juvenil	16 e 17 anos	630	846	747	73,58
Júnior	18, 19 e 20 anos	752	1081	867	125,53

O depoimento do atleta A2 reflete bem a progressão esportiva desde a brincadeira de rua até o início da cobrança nos treinamentos mais estruturados.

“Começou como uma grande brincadeira... depois, no começo do juvenil, quando começamos a ter mais profissionalismo, mais cobrança, você começa a ir para uns torneios mais pesados, com outras equipes brasileiras, até no exterior a gente já foi. Ali eu falei, eu quero isso pra minha vida, quero ser um jogador profissional de futebol, que é meu grande sonho, sempre foi meu grande sonho, mas ali que eu comecei a batalhar mesmo e procurar meu espaço.”A2

A partir destes dados, calculamos a média de horas de treinamento pela qual estes atletas passaram ao longo de sua trajetória esportiva (FIG.2). Foi considerada a idade inicial de 13 anos, pois a média de idade na qual estes atletas foram federados foi de 12,41 anos ($\pm 2,57$). Federar-se diz respeito ao momento em que o jogador é oficialmente registrado junto às federações estaduais como atleta do clube, portanto, participando de treinamentos e competições regulares.

$$\begin{array}{c}
 \boxed{\begin{array}{l} 13 \text{ anos} \\ 376 \end{array}} + \boxed{\begin{array}{l} 14 \text{ anos} \\ 434 \end{array}} + \boxed{\begin{array}{l} 15 \text{ anos} \\ 650 \end{array}} + \boxed{\begin{array}{l} 16 \text{ e } 17 \text{ anos} \\ 747 \times 2 \end{array}} + \boxed{\begin{array}{l} 18, 19 \text{ e } 20 \text{ anos} \\ 867 \times 3 \end{array}} \\
 \\
 = \\
 \boxed{\begin{array}{l} \text{Total} \\ 5.555 \\ \text{horas} \end{array}}
 \end{array}$$

FIGURA 2 - Horas de treinamento após federado

Analisando a FIGURA 2, podemos inferir que a média de horas de treinamento destes atletas ainda está distante do tempo de treinamento de 10.000 horas sugerido por Ericsson *et al.*(1993) para alcançar o nível de excelência. Há que se ressaltar, no entanto, que não está sendo considerado aqui o tempo de prática anterior ao momento de registro na federação e nem a qualidade do treinamento a que estes atletas foram submetidos para que se caracterize efetivamente a prática deliberada.

Dois outros aspectos discutidos na revisão bibliográfica foram coletados: com relação à prática do futsal como diferencial no desenvolvimento da habilidade dos jogadores brasileiros e à prática de esportes variados (experimentação ou *sampling years*) antes da especialização em uma determinada modalidade, conforme sugerido por Côté (1999). Do total de atletas, 80,6 % treinaram futsal em equipes e escolinhas e 68,3 % não praticaram ou treinaram outros esportes antes de se associar a um clube de futebol, confirmando a monocultura do futebol na iniciação destes jovens.

O GRÁFICO 7 diz respeito às pessoas identificadas pelos atletas como envolvidas na sua aprendizagem do futebol. Quase metade dos atletas acredita que aprendeu a jogar sozinho. Treinadores e professores foram reconhecidos apenas por 13,5% como as pessoas que lhes ensinaram a jogar futebol.

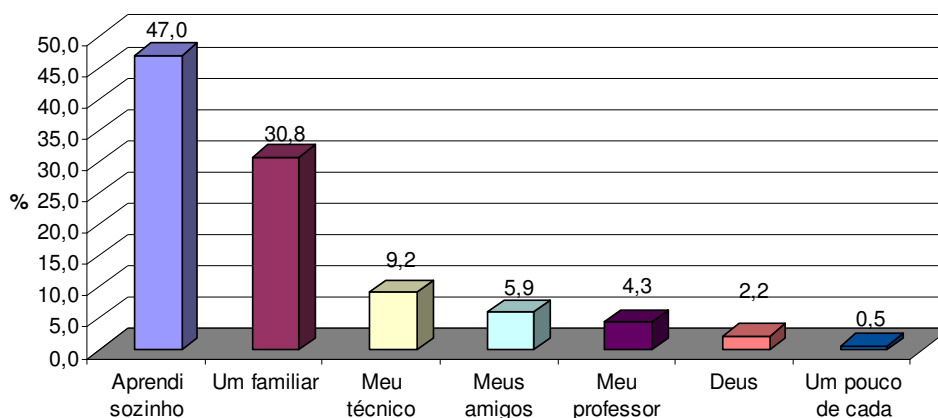


GRÁFICO 7 – Quem te ensinou a jogar futebol?

Quanto aos aspectos motivacionais do início da carreira esportiva, os familiares surgem como os maiores motivadores.

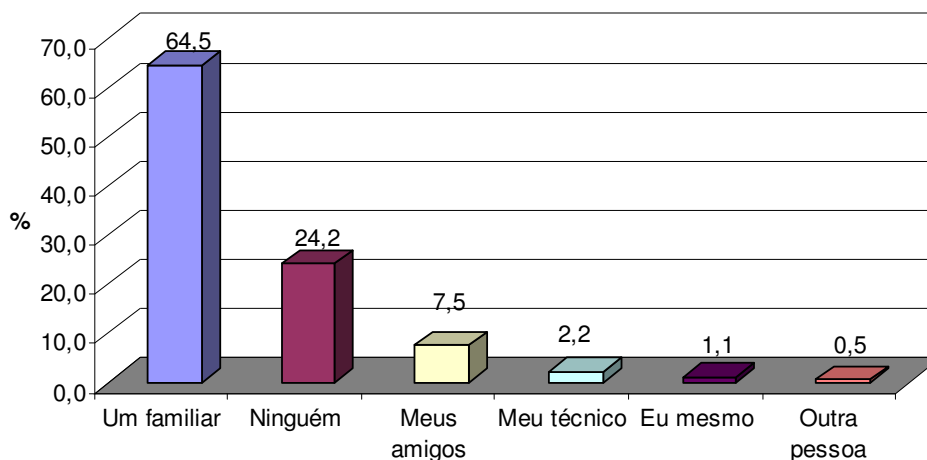


GRÁFICO 8 – Quem te motivou a jogar futebol?

Quanto ao primeiro encaminhamento para o clube de futebol, surge a pessoa do olheiro, conforme apontado por Drubscky (2003). Professores e familiares foram os outros agentes de captação identificados pelos atletas. Curiosamente, apenas um atleta (0,5%) foi encaminhado por um empresário (GRÁF. 9).

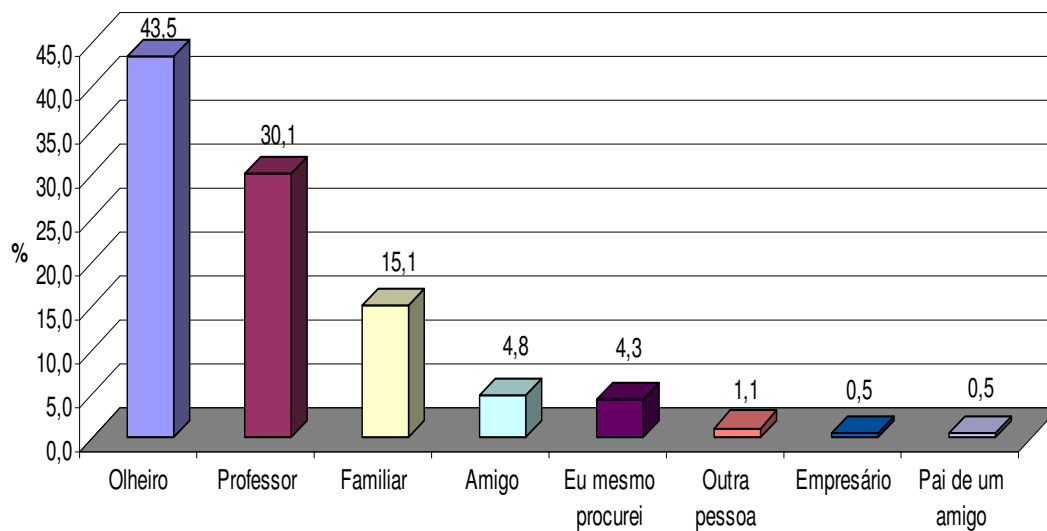


GRÁFICO 9 – Através de quem você teve seu primeiro contato com um clube?

A partir do momento em que os jovens são indicados para um clube, eles passam pelas ditas “peneiradas” (MORAES & MEDEIROS FILHO, 2006), que são testes avaliativos que decidem se o atleta está apto ou não a fazer parte da equipe. No grupo de atletas deste estudo, a média de idade na qual eles realizaram seu primeiro teste foi de 11,55 anos ($\pm 2,46$). Estes jovens podem fazer vários testes até serem aceitos em uma equipe e, em nossa amostra, foram encontrados jogadores que chegaram a fazer 10 testes até que fossem aceitos em um clube de futebol.

“Até hoje, desde o tempo que eu estou aqui, acho que eu e um ou dois sobrevivemos, Nesses anos aqui, muita gente que passou, que eu não vejo mais, e alguns que eu vejo, estão em outros clubes, e roda, e vai aqui, vai ali, não pára...”A7

Conforme descrito na revisão de literatura, a Lei Pelé mudou as regras de profissionalização de jovens jogadores de futebol no Brasil, e estes atletas passaram a poder assinar seu primeiro contrato a partir de 16 anos de idade. Os resultados de nosso estudo mostram que 88,2% dos jogadores já assinaram seu primeiro contrato profissional, e isto foi feito quando eles tinham em média 16,99 anos ($\pm 0,85$). Outro dado interessante é que 75,5% já assinaram um termo de compromisso com algum empresário, agente ou procurador. A TABELA 3 mostra um resumo da média de idade destes garotos em momentos importantes de sua trajetória esportiva.

TABELA 3 – Resumo das idades de referência

	Idade Mínima	Idade Máxima	Média	Desvio padrão
Com quantos anos você começou a ter treinos regulares?	4	16	8,95	2,77
Com quantos anos você fez seu primeiro teste?	5	18	11,55	2,46
Com quantos anos você se federou na sua primeira equipe?	6	18	12,41	2,56
Com que idade você assinou seu primeiro contrato como profissional?	13	19	16,99	0,85

4.3. Contexto familiar e social

No que diz respeito ao nível socioeconômico das famílias dos atletas (GRÁF, 10), os resultados indicam, ao se somar os percentuais, que 79,6 % das famílias pertencem à classe média baixa (renda de 5 a 10 salários mínimos) ou classe baixa (renda de ½ a 2 salários mínimos), conforme os critérios do IBGE. Foi pedido ainda aos atletas que não incluíssem sua renda própria, apenas das pessoas que moravam na casa da família.

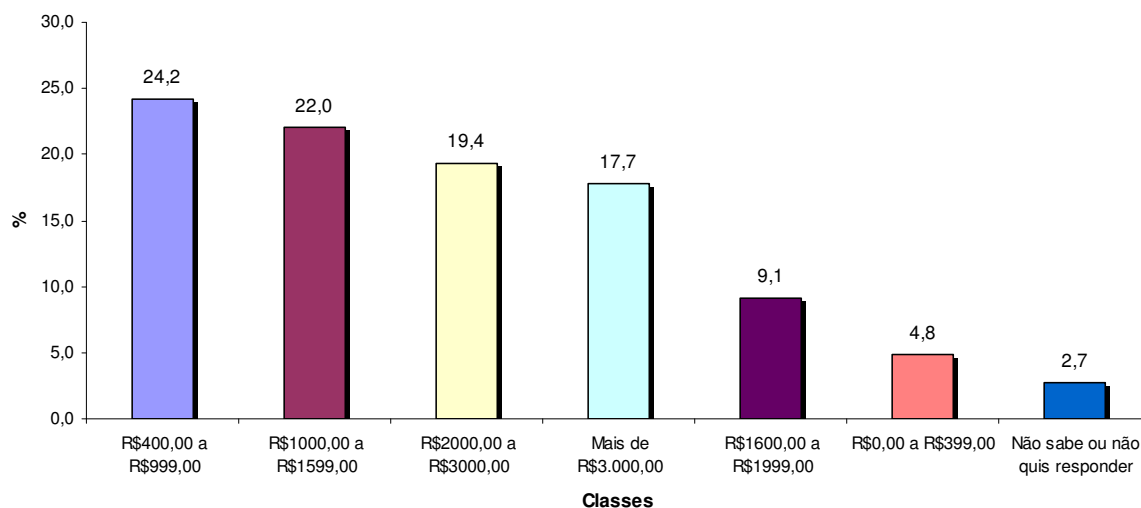


GRÁFICO 10 – Renda familiar sem considerar a renda do atleta.

Há, no entanto, condições socioeconômicas diferenciadas entre as famílias, e estas diferenças podem propiciar oportunidades distintas, conforme demonstram os relatos abaixo:

“Tem uma condição financeira boa, razoável pro dia de hoje, de vez quando, nos feriados, ou eu vou pra lá, ou se tiver jogo aqui eles estão vindo pra cá, eles vêm pra cá sem problema algum, dando apoio total sempre, da família. Acho que é o mais importante, do meu pai, da minha mãe, meus irmãos, isso é muito bom pra seguir em frente.”A7

“Muitos pararam, alguns jogam em clube pequeno, outros jogam no clube de várzea. Muitos pararam porque a família também já não tinha condição pra ficar correndo atrás, tem muito moleque que pára com qualidade, moleque que se for pra time grande consegue mais alguma coisa, mas só que tem que parar pra ajudar, essa é a realidade. Em vários casos dos meus amigos aconteceu isso”. A6

As TABELAS 4 e 5 indicam o nível de escolaridade dos pais dos atletas, sendo que no caso do pai, 33,9% cursaram integralmente ou parcialmente apenas o Ensino Fundamental. Quanto às mães, 30,1 % têm curso superior.

TABELA 4 – Escolaridade do pai

Série	Percentual %
1a série do Ensino Fundamental	2,7
3a série do Ensino Fundamental	1,6
4a série do Ensino Fundamental	5,4
5a série do Ensino Fundamental	4,8
6a série do Ensino Fundamental	4,8
7a série do Ensino Fundamental	2,2
8a série do Ensino Fundamental	12,4
1a série do Ensino Médio	6,5
2a série do Ensino Médio	4,3
3a série do Ensino Médio	24,7
Curso superior	24,7
Não soube ou não quis informar	5,9

TABELA 5 – Escolaridade da mãe

Série	Percentual %
1a série do Ensino Fundamental	2,2
2a série do Ensino Fundamental	1,1
3a série do Ensino Fundamental	2,2
4a série do Ensino Fundamental	4,3
5a série do Ensino Fundamental	4,8
6a série do Ensino Fundamental	3,8
7a série do Ensino Fundamental	4,3
8a série do Ensino Fundamental	12,4
1a série do Ensino Médio	3,2
2a série do Ensino Médio	5,9
3a série do Ensino Médio	22,0
Curso superior	30,1
Não soube ou não quis informar	3,2

A revisão bibliográfica ressalta a importância dos pais para o sucesso dos filhos no âmbito esportivo. No entanto, 75% dos atletas precisaram se mudar de casa para jogar futebol, ou seja, passaram parte da adolescência distante dos pais. A média de idade na qual estes jovens saíram de casa foi de 13,56 anos ($\pm 2,60$) (GRÁF, 11).

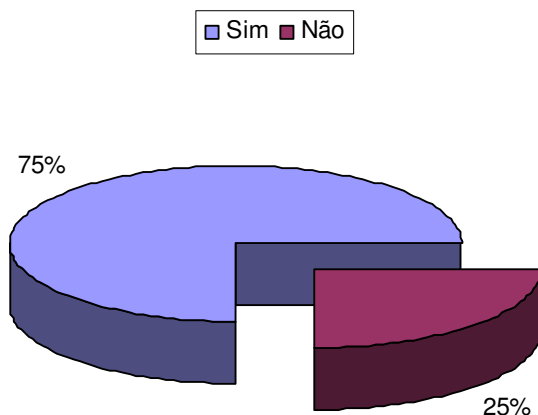


GRÁFICO 11 – Você precisou mudar da casa dos seus pais para jogar futebol?

“Foi a época mais difícil, com 12 anos de idade, ali que eu tinha que decidir se era ou não (jogador)...tinha época que eu me trancava no banheiro e ficava chorando e não contava e não contei nenhuma vez para minha mãe que eu chorava, porque se fosse contar ela ia querer que eu fosse embora, o primeiro mês foi barra, ficar longe da mãe”. AI

Apesar de passarem grande parte do tempo distante dos pais, na percepção dos atletas, o apoio que recebem é elevado, principalmente quanto aos aspectos motivacionais e emocionais (TAB.6).

TABELA 6 – Qual grau de apoio seus pais podiam lhe oferecer?

Aspecto	Nenhum apoio %	Pouco apoio %	Apoio razoável %	Muito apoio %	Apoio total %
Transporte para treinos e jogos	8.6	11.8	18.3	14.0	47.3
Apoio financeiro	7.5	13.4	21.0	13.4	44.6
Incentivo a continuar treinando	1.1	2.2	0.5	7.6	88.6
Apoio emocional em situações difíceis (contusões, dispensas, etc)	1.6	2.2	1.6	10.8	83.9

“Sempre, desde o começo, a minha família foi o fator principal, estou aqui por causa deles, e por mim também, pois sempre gostei de futebol, e eles me apoiaram em tudo, tanto em transporte, em tudo que eles puderam me ajudar até hoje eles sempre me ajudam”.A5

Quanto ao aspecto social de contato com os amigos, os GRÁFICOS 12 e 13 mostram a mudança nos círculos de amizade causada pelo envolvimento com o futebol.

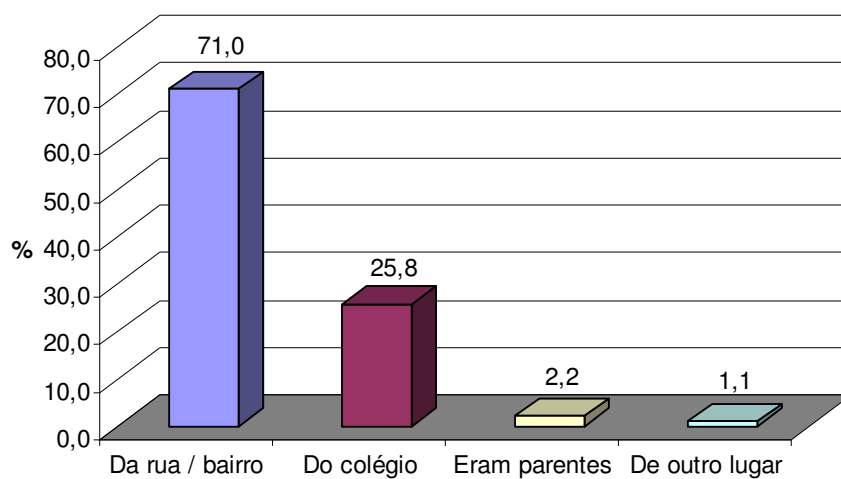


GRÁFICO 12 – De onde eram seus amigos antes de você se tornar jogador de futebol?

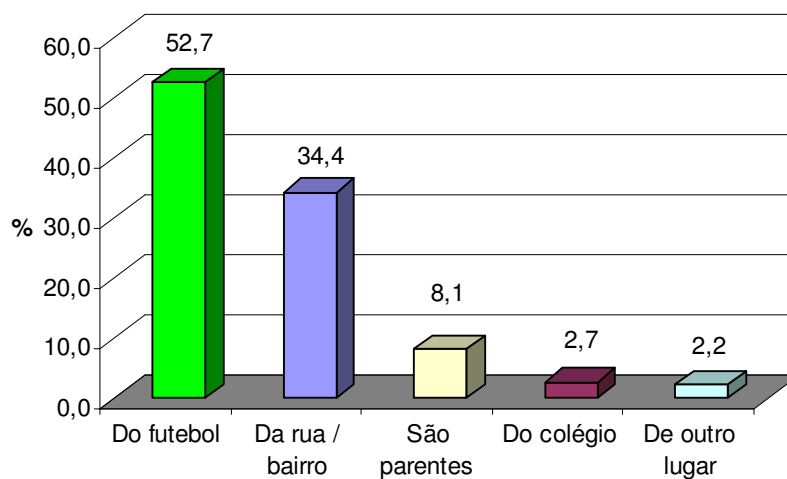


GRÁFICO 13 – Hoje, de onde são seus amigos?

“... mas a maior dificuldade que tem é que cada um é de um canto, cada um tem uma criação diferente. Acho que o mais difícil é respeitar a privacidade de cada um, tem gente que vem da Bahia, outro vem de São Paulo, outro do Rio... Conviver com 80 caras diferentes que você nunca viu, tem cara se tornando seu melhor amigo, é bem difícil, mas depois que acostumou também aí é só brincadeira, só resenha”. A1

Dos atletas participantes, 48,4% afirmaram sentirem falta de fazer outras atividades fora do ambiente do futebol. As atividades mais citadas por este grupo foram: estar com a família, namorar e sair com os amigos.

O GRÁFICO 14 mostra, na percepção dos atletas, como ficou sua vida social com relação à convivência com os amigos, lugares que freqüentava e tempo para o lazer após o envolvimento com o futebol.

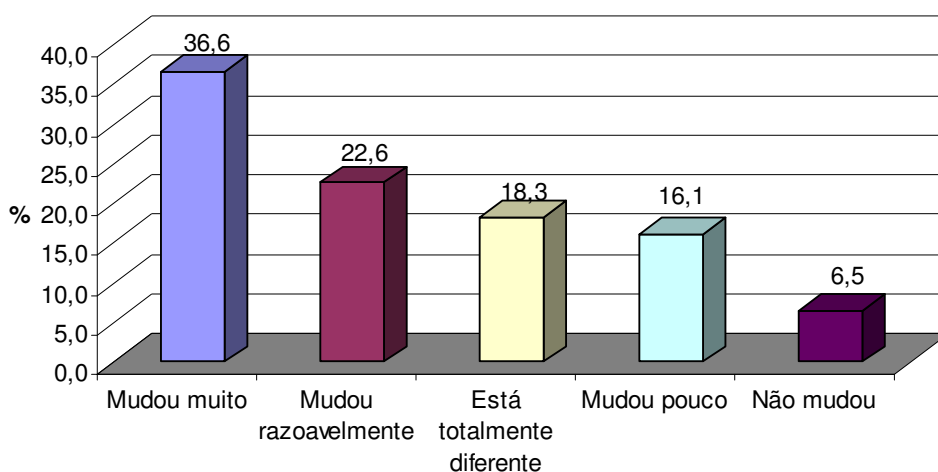


GRÁFICO 14 – Como ficou sua vida social depois de você ter se tornado jogador de futebol?

Um aspecto levantado na entrevista de um atleta é sobre as abordagens feitas por pessoas interessadas apenas em tirar proveito da situação (*namoradas e falsos amigos*).

“... mas muda bastante coisa, porque você é visto de outro jeito, porque querendo ou não o povo já pensa... mesmo sendo Júnior, já pensa que você ganha bem, não sabe a situação que você tem... futebol é muita imprensa, o povo só vê na televisão, já pensa um monte de coisa que não é realidade, e querendo ou não você já é tratado de outro jeito por isso”. A6

4.4. Planejamento da Carreira

No que diz respeito ao planejamento da carreira, a primeira pergunta feita foi qual era a expectativa do atleta com relação à profissão de jogador de futebol. Foi solicitado que se colocasse em ordem de prioridade, e o aspecto familiar foi considerado pela maioria dos atletas (58.1%) como o mais importante (GRÁF.15).

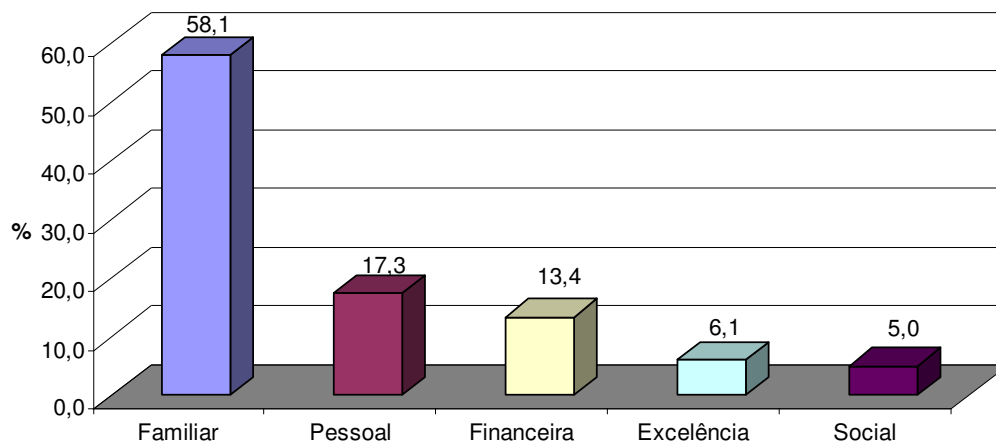


GRÁFICO 15 - Quais são suas expectativas com relação à profissão de jogador de futebol?

Com o objetivo de identificar quem eram as pessoas que ofereciam suporte aos atletas com relação aos assuntos do futebol, perguntou-se aos atletas quem eram seus “maiores” conselheiros. A figura do pai foi a mais mencionada pelos atletas, com 56,5%. Surge aqui como opção para 14% dos atletas o empresário e, surpreendentemente, o técnico foi indicado como conselheiro por apenas 4,8% dos atletas.

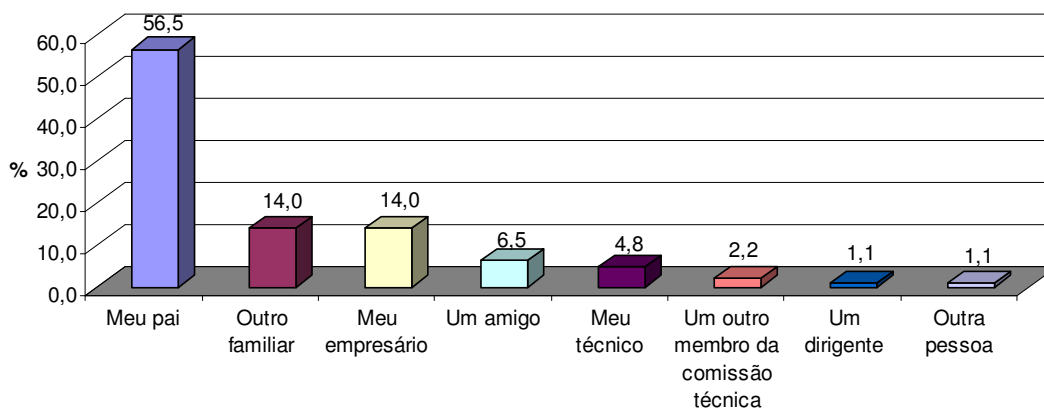


GRÁFICO 16 – Hoje, quem é seu maior conselheiro com relação aos assuntos do futebol?

A TABELA 7 mostra a percepção dos atletas sobre o grau de planejamento dedicado a diferentes aspectos de sua carreira esportiva. Os estudos foram os aspectos de menor foco de planejamento, enquanto formas de ajudar a família é um aspecto ao qual a maioria dos atletas (82.8%) sempre dedica planejamento.

TABELA 7 – Grau de planejamento

Questões	Grau de planejamento				
	Nunca planejei %	Planejo um pouco %	Planejo mais ou menos %	Planejo bastante %	Planejo sempre %
Estudos: parar ou continuar a estudar, fazer universidade	9.1	17.7	30.1	27.4	15.6
Formas de dar apoio à família: dar ajuda financeira, visitar os pais, etc	0.5	1.6	0.5	14.5	82.8
Decisões relativas ao futebol: negociação de contrato ou ajuda de custo, transferências, projetos futuros	1.6	3.8	17.2	35.5	41.9
Estabelecimento de metas nos treinos e jogos	2.7	2.2	7.1	21.7	66.3
Cuidados pessoais: alimentação, sono, saúde	1.1	2.2	11.3	33.9	51.6
Controle financeiro: gastos e economias	2.2	4.3	12.4	37.3	43.8

Quando perguntados se já haviam pensado com que idade iriam parar de jogar, a grande maioria dos atletas respondeu que “Não” (GRÁF.17).

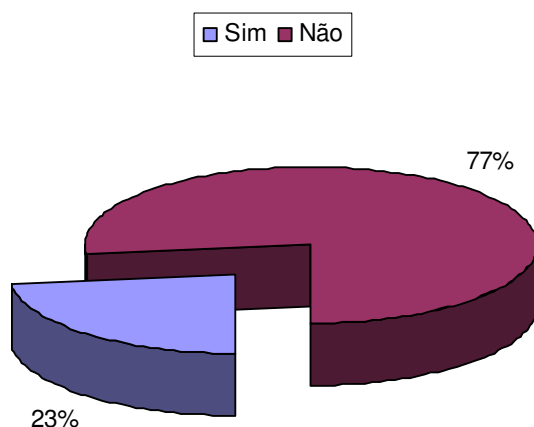


GRÁFICO 17 – Você já pensou com que idade irá parar de jogar futebol?

No entanto, com relação a planejar ter outra profissão depois de parar de jogar futebol, pouco menos da metade (49%) afirmou que “Sim”.

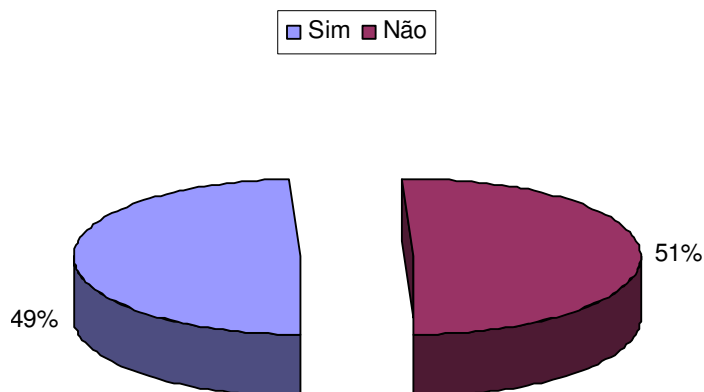


GRÁFICO 18 – Hoje, você planeja ter outra profissão depois de parar de jogar futebol?

“... eu quero demais me tornar jogador profissional... mas se não der... porque jogador é uma vida muito ingrata, vai que aconteça uma contusão amanhã! Eu já tenho que pensar num estudo, fazer um vestibular, fazer uma faculdade, fazer outra profissão, eu não posso ficar agarrado no futebol... a vida continua.”A2

Deste total que planeja ter outra profissão, 81,9% pensam ter uma profissão associada ao futebol, e 18,1% tem a intenção de escolher uma profissão não associada ao futebol.

“Sempre fico conversando com minha namorada, que ela vai se formar em fisioterapia, então fico brincando com ela, que mais lá na frente eu vou montar uma clínica pra ajudar ela, e pra nos ajudar, pra ter o nosso dinheiro, pra quando parar, ter uma renda..., vou ajudar meus irmãos, vou fazer alguma coisa pra que possa ter uma renda quando acabar o futebol.”A7

Perguntados se acham importante o auxílio de um profissional para ajudá-los a planejar sua carreira esportiva, 75,1% responderam que “Sim” e, para este grupo, o profissional mais indicado para dar este apoio é o empresário, conforme o GRÁFICO 19.

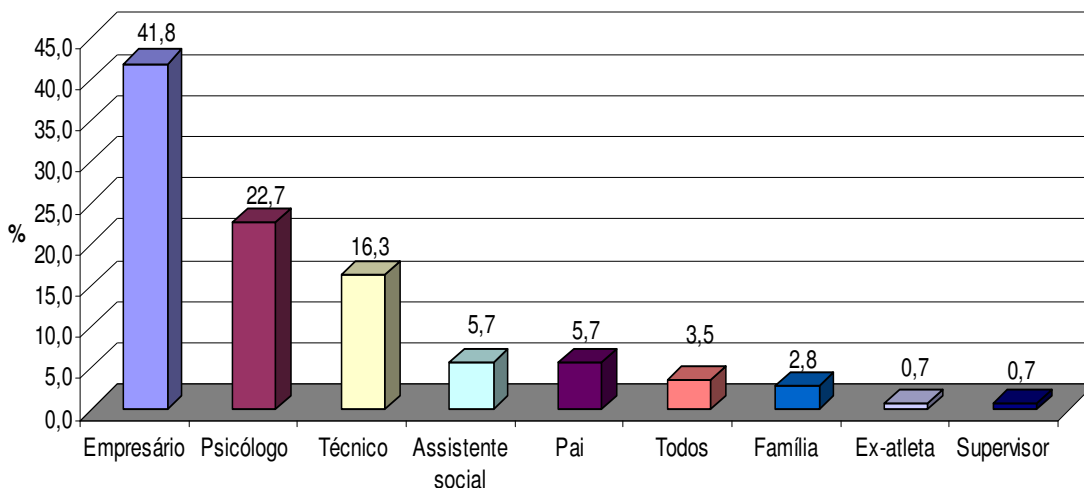


GRÁFICO 19 – De quem você gostaria de receber ajuda no planejamento de sua carreira?

Interessante perceber que o psicólogo surge como o segundo profissional mais escolhido. A presença da figura do psicólogo no futebol foi corroborada quando 78,3% dos atletas responderam que já participaram de algum trabalho com um psicólogo do esporte.

4.5. Contexto do futebol

O último objetivo do estudo é obter dados relativos à percepção que os atletas têm acerca do ambiente do futebol. Perguntou-se, então, o grau de benefício que o futebol havia lhes oferecido até então. A maioria dos atletas reconhece benefícios altos ou altíssimos com relação à motivação, saúde, educação e formação para a vida. Status social / fama e condições financeiras são percebidos pela maioria como benefício razoável (TAB.8).

TABELA 8 – Grau de benefícios

Áreas	Grau de benefício				
	Nenhum %	Baixo %	Razoável %	Alto %	Altíssimo %
Motivação	0	1,1	4,9	40,2	53,8
Status social/ fama	9,7	22,2	45,9	14,1	8,1
Saúde	0,5	0,5	3,2	26,3	69,4
Educação	1,1	2,7	10,8	38,2	47,3
Formação para a vida	0	3,3	7,7	28,4	60,3
Condições financeiras	5,4	15,7	47,0	23,8	8,1
Amizades	0,5	4,3	15,2	34,8	45,1

“O conhecimento que eu tive, porque eu saí de casa muito cedo, saí de casa aos 11 anos. Saí criança e aprendi a praticamente virar homem quando a gente é criança ainda. Aprendi muita coisa, Pra mim as amizades que fiz, os conhecimentos que eu tive em outros lugares, porque eu já passei por vários lugares, acho que isso foi muito importante pro meu crescimento.”A3

Por outro lado, quando perguntados sobre os problemas enfrentados no futebol, dificuldade nos estudos e distância da família foram os mais freqüentes, em que mais da metade dos atletas já enfrentou desde alguns problemas até muitíssimos problemas, Os problemas com contusão também chamam a atenção por se tratarem de jovens atletas, considerando que 81,2% deles já enfrentaram desde poucos a muitíssimos problemas, conforme mostra a TABELA 9.

TABELA 9 - Frequência de problemas

Problemas	Nenhum problema	Poucos problemas	Alguns problemas	Vários problemas	Muitíssimos problemas
Contusões	18,8	43,5	28,0	6,5	3,2
Dificuldades nos estudos	8,6	23,8	33,5	24,9	9,2
Falta de apoio financeiro	22,7	27,6	24,9	17,8	7,0
Mau relacionamento com dirigentes	61,4	28,3	7,1	2,7	0,5
Mau relacionamento com a comissão técnica	73,0	21,6	3,8	0,5	1,1
Mau relacionamento com outros atletas	58,4	32,4	6,5	2,7	0
Distância da família	26,9	22,6	20,4	9,7	20,4
Indisciplina	77,3	16,8	4,3	1,6	0
Falta de estrutura do clube (condições de treinamento)	52,7	22,0	18,3	4,8	2,2

“... o futebol faz o cara amadurecer muito, o cara tem que tomar cuidado também porque pode se perder no mundo do futebol. Igual um cara que eu contava muito que morreu há pouco tempo, o Professor A, ele sempre falava, futebol arruma a vida de poucos e desarruma a vida de muitos...”A1

Para enfrentar estes problemas, a grande maioria dos atletas indica que membros familiares foram os que mais ajudaram. Novamente, o treinador é indicado por pouquíssimos atletas (GRÁF.20).

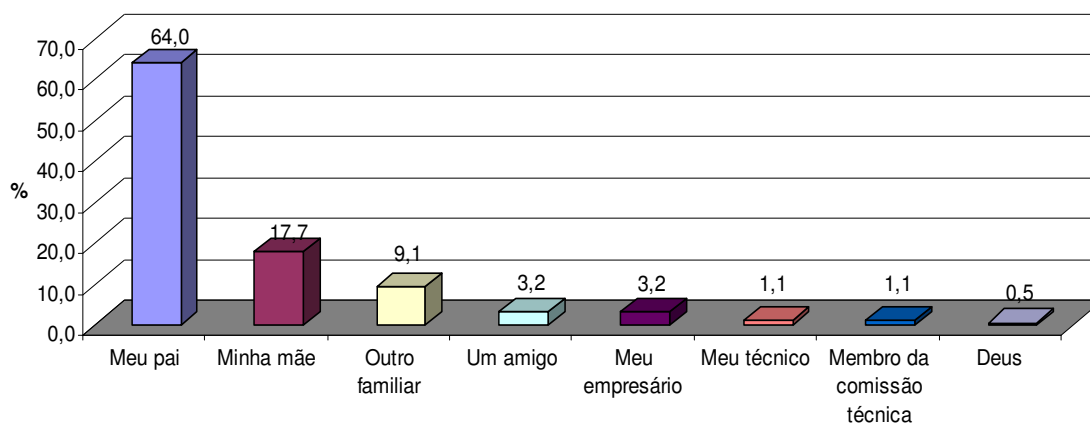


GRÁFICO 20 - Quem mais o ajudou a enfrentar estes problemas?

Especificamente sobre os clubes e o grau de suporte oferecido, o único aspecto que mostra maior frequência de “Nenhum” e “Pouco suporte” são os estudos (TAB.10).

TABELA 10 – Grau de suporte do clube

Aspectos	Grau de suporte	Nenhum	Pouco	Suporte	Muito	Suporte
		suporte	suporte	razoável	suporte	total
		%	%	%	%	%
Contusões		1,6	2,7	12,4	27,4	55,9
Estudos		12,9	12,4	23,1	19,4	32,3
Aspectos psicológicos e emocionais		3,8	9,2	25,5	31,0	30,4
Aspectos financeiros		2,2	9,7	43,0	24,7	20,4
Planejamento da sua carreira esportiva		3,8	15,1	26,3	26,9	28,0

A TABELA 11 mostra os aspectos que os atletas gostam ou não gostam. Com relação aos aspectos que agradam ou não agradam os atletas no ambiente do futebol, pediu-se aos atletas que escolhessem dentre 5 (cinco) opções desde “Detesto” até “Gosto Muito”. Percebeu-se aí que os aspectos que mais atraem estes atletas no ambiente do futebol são “Ambiente de competição”, “Retorno financeiro”, “Viajar e conhecer outros lugares”, “Contato com os colegas” e “Satisfação pessoal”. Sobre cada um destes aspectos, mais de 90% dos atletas declararam gostar ou gostar muito (TAB.11).

TABELA 11 – Percepção acerca do ambiente do futebol

Ambiente do futebol	Detesto	Não gosto	Indiferente	Gosto	Gosto muito
	%	%	%	%	%
Ambiente de competição	1,1	0	5,4	39,5	54,1
Sucesso	1,1	1,6	12,4	42,2	42,7
Retorno financeiro	0,5	0,5	8,6	33,9	56,5
Viajar e conhecer outros lugares	0	0,5	3,3	19,6	76,6
Rotina de treinos	1,6	3,8	18,6	54,6	21,3
Contato com os colegas	0	1,6	8,6	49,2	40,5
Contato com a imprensa	3,8	7,6	36,8	36,2	15,7
Reconhecimento social e fama	0	1,1	24,5	41,8	32,6
Satisfação pessoal	1,1	0,5	3,3	20,7	74,5

Por mais que estes atletas tenham enfrentado problemas no meio do futebol, a percepção deles é quase sempre positiva. Perguntado sobre problemas enfrentados no clube, o atleta A1 fez o seguinte depoimento:

*“Comigo teve mais lá no outro clube, que não tinha nada. Não tinha segurança, tinha que lavar o banheiro, tinha que tirar o chuveiro e limpar senão não saía água, tinha que arrumar os quartos, lavar os quartos todos, porque lá tinha pouca gente, então ficava muito sujo... porque lá é bem antiga a concentração, Chegava lá de noite... tudo escuro, não tinha luz, não tinha café da manhã, Aí tinha que treinar, o material era muito ruim, o campo era quase de terra, as bolas eram muito ruins... fiquei lá dos 12 anos aos 14 anos, 2 anos nessa ralação... **mas era bom demais.**” A1*

O depoimento abaixo reforça a hipótese de que o que impulsiona estes atletas é o sonho de se tornar profissional, ir para o exterior, ficar rico e ajudar a família. Mesmo que para poucos, os sonhos acontecem.

“O que ficou marcado para mim mesmo foi aqui no clube, por exemplo, o Antônio chegou depois de mim, família bem humilde, você via o cara e o cara queria, tinha vontade, treinava. Até dois meses atrás estava com a gente aqui, hoje já está na Holanda jogando, bem, ajudando a família... e o Antônio quando chegou aqui não sabia nem falar direito, você tinha que ver o cara falando, não sabia nada, não sabia nem chutar direito, e hoje, graças a Deus, ele conseguiu vencer.” A1

Quanto à percepção dos atletas sobre quais fatores mais ajudaram em suas carreiras como jogadores de futebol, as respostas mais frequentes foram: o apoio da família, os amigos, força de vontade e Deus. Os fatores citados como os que mais dificultaram foram: distância da família, contusões e falta de dinheiro.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1. Escolaridade

Os resultados relativos à escolaridade corroboram as afirmações de Wyllemann, Alfermann e Lavalée (2004) e Wyllemann e Lavalée (2004) de que jovens atletas envolvidos no esporte de competição têm dificuldade de conciliar estudos e vida esportiva. Mais da metade dos atletas de nosso estudo estão defasados em relação à série correspondente à sua faixa etária, o que vem de encontro aos resultados de De Knop et al, (1999) com atletas europeus que demonstraram dificuldades no rendimento acadêmico. Mais da metade também chegou a parar de estudar em algum momento da vida acadêmica, o que pode levá-los a se arrependem futuramente, conforme constatou Donnelly (1993) em pesquisa com atletas aposentados.

O fato da maioria destes atletas não morarem com os pais certamente é um agravante ilustrado pelo depoimento do atleta A2 ao citar que seus problemas começaram quando ele passou a morar no alojamento do clube e não havia mais a presença da mãe para exigir os estudos. Neste mesmo depoimento, ele afirma que o fato do clube possuir uma escola dentro de duas instalações foi o que o ajudou a continuar estudando. É louvável que existam clubes brasileiros com esta preocupação. Esta iniciativa possibilita também que os currículos destas escolas sejam adaptados, podendo incluir conteúdos aplicados ao meio esportivo e à realidade dos atletas, tais como línguas estrangeiras, linguagem midiática, planejamento da carreira e informática. Cursos de formação técnica também podem ser uma alternativa interessante para estes atletas, pois não demandam o tempo de dedicação de um curso universitário e dão uma opção de atividade profissional pós-carreira esportiva, independentemente de quando a aposentadoria acontecer - aos 21 anos de idade, caso o atleta seja dispensado pelo clube, ou aos 35 anos, quando parar de jogar.

Um aspecto que pode ser limitador da escola instalada dentro do clube é a diversificação dos círculos sociais (HACKFORT & HUANG, 2005), pois, ao freqüentarem uma escola regular, os atletas têm contato com outros jovens não envolvidos com o esporte, possibilitando novas amizades. Treinando e estudando no clube, o contato social fica restrito aos colegas do futebol.

5.2. Formação esportiva inicial

Os resultados encontrados neste estudo confirmam que as peladas na rua continuam sendo o principal espaço de iniciação ao futebol no Brasil, corroborando as afirmações de Salmela, Marques e Machado (2003). No entanto, um percentual expressivo (33,9%) dos atletas afirma que aprendeu a jogar futebol na escolinha. As escolinhas parecem estar se proliferando, principalmente nos grandes centros urbanos, aonde não é mais possível jogar na rua por questões de espaço e de segurança.

Os resultados mostram também que a escola não foi um espaço de formação esportiva para estes atletas. A escolinha e o clube são os principais locais onde se deu esta iniciação, ao contrário do modelo americano, em que o encaminhamento atlético é feito pelo sistema escolar (PETITPAS et al, 1997).

Outro fato a ser discutido é que o contato destas crianças com o treinamento especializado está acontecendo antes da idade sugerida pela literatura, que é dos 13 aos 15 anos (CÔTÉ, BAKER & ABERNETHY, 2003; DRUBSCKY, 2003). A média de idade na qual os atletas de nossa amostra iniciaram os treinamentos regulares foi de 8,95 anos ($\pm 2,77$). Este contato precoce com o treinamento estruturado depende muito da formação do treinador e da qualidade do treinamento, pois pode ser um fator limitador da criatividade, espontaneidade e motivação típicas das brincadeiras de rua. Pode estar havendo no Brasil uma transição, em que o jogo deliberado (CÔTÉ, 1999) está cedendo espaço para a prática deliberada (ERICSSON *et al.*, 1993).

Apesar do contato com o treinamento organizado acontecer precocemente, o número de horas de prática informal ainda é relativamente alto, 4,71 ($\pm 2,68$) horas por dia, corroborando a teoria de Salmela e Moraes (2003) de que o elevado tempo de prática informal das crianças de países em desenvolvimento pode fomentar o desenvolvimento de atletas *experts*. O relato do atleta A2 corresponde também aos resultados das pesquisas de Bloom (1985) sobre desempenho de alto nível, ao dizer que o futebol começa como uma brincadeira e depois vai ficando sério.

Já na fase de especialização, o tempo de treinamento nas categorias de base identificado na TABELA 2 nos permite projetar que estes atletas alcançarão as 10.000 horas de prática deliberada por volta dos 24 anos de idade, momento no qual eles atingiriam o auge do desempenho esportivo. Há que se considerar que a coleta destes dados em especial teve como fonte de informação o supervisor e/ou o diretor das categorias de base, não tendo o mesmo rigor científico feito por Ericsson *et al.* (1993), pois fugia ao escopo deste estudo. Esta

quantificação do número de horas, no entanto, não considera a qualidade do treinamento oferecido ao atleta. Um treinamento realmente estruturado exige organização, metas e controle que garantam que determinada qualidade técnica, tática, física ou psicológica, esteja sendo efetivamente otimizada. Há que se aprofundar os estudos quanto a eficiência das metodologias de treinamento empregadas pelos treinadores brasileiros, para que se possa caracterizar o trabalho como sendo, realmente, uma prática deliberada.

Quanto aos tipos de práticas realizadas pelos atletas, os resultados indicam que Drubsky (2003) e Salmela, Marques e Machado (2003) estão corretos ao afirmarem que o futsal é um elemento importante na formação do jogador brasileiro de futebol de campo, pois mais de 80% dos atletas declararam terem treinado futsal em sua formação inicial. No entanto, no que diz respeito à prática de outros esportes, os resultados desta pesquisa não confirmam os resultados de Wyllemann *et al.* (2000) e CÔTÉ (1999), pois a maioria não praticou outros esportes nesta fase inicial. Salmela, Marques e Machado (2003) já haviam levantado a hipótese de que no Brasil não havia a prática de diferentes esportes na fase de experimentação, mas eles argumentam que pode haver experimentação de atividades diversificadas do ponto de vista motor dentro do próprio futebol. A prática em diferentes espaços e ambientes, tais como os jogos na rua, na praia, na várzea, na quadra de futsal, o futevôlei, e a utilização de diferentes tipos de bolas como, por exemplo, bola de plástico, borracha e bola de meia, podem oferecer diversidade motora comparável à prática de diferentes modalidades.

No que se refere às pessoas importantes na formação destes atletas, a resposta da maioria deles de que aprenderam a jogar futebol sozinhos corrobora a hipótese de Salmela & Moraes (2003) de que, pelo menos na iniciação, a formação do atleta de futebol no Brasil depende mais da dedicação própria deste atleta do que de mecanismos organizados de detecção e desenvolvimento do talento, como acontece em países desenvolvidos.

Com relação à família, no entanto, os resultados são contrários ao que afirmam Rabelo (2002) e Vianna *et al.* (2005) e corroboram os resultados de Durand-Bush *et al.* (2005). Na percepção dos atletas, os familiares foram os principais motivadores para o início de sua carreira esportiva.

Novamente, percebe-se pouca presença do treinador e do professor como agentes de ensino de futebol na iniciação, embora a figura do professor tenha sido indicada por uma parte dos atletas como responsável pelo encaminhamento ao primeiro clube de futebol. Parece, portanto, que treinadores e professores não são reconhecidos pelos atletas como tendo um papel importante na sua formação inicial, nem mesmo no sentido de motivar e estimular a

prática do esporte, em contraponto ao que afirmam Wyllemann & Lavallee (2004) e Salmela, Young e Kallio (2000), ao considerarem o sistema desportivo de outras culturas. Novos estudos sobre o real papel e atuação dos treinadores brasileiros na formação inicial de atletas de futebol devem ser desenvolvidos.

Dois outros personagens citados por Drubscky (2003) confirmaram sua presença no cenário do futebol deste grupo de atletas. O olheiro foi o principal mecanismo de captação destes jogadores e 75,5% dos atletas já têm compromisso com um empresário, agente ou procurador. Estes indivíduos são comprovadamente, então, parte da estrutura de captação e encaminhamento de jovens atletas no Brasil. Há que se aprofundarem os estudos sobre a atuação destes indivíduos para promover sua capacitação.

5.3. Contexto familiar e social

Os resultados referentes ao nível socioeconômico das famílias dos jogadores foram bem próximos daqueles identificados por Rabelo (2002) e Vianna Junior *et al.* (2005), confirmando que a maioria das famílias de atletas de futebol tem menor poder aquisitivo. O baixo poder aquisitivo das famílias justifica o menor apoio financeiro se comparado ao apoio emocional e motivacional. Todavia, existe uma parcela considerável de famílias (17,7%) com poder aquisitivo acima de R\$3.000,00 mensais. O grau de instrução dos pais de atletas desta pesquisa, por sua vez, foi mais elevado do que aqueles encontrados por Rabelo (2002). Estes dados podem sugerir que já há maior aceitação social por parte destas famílias de maior poder aquisitivo e melhor instrução com relação à opção do filho de se tornar jogador de futebol. O futebol que começou elitizado e racista, depois se democratizou e perdeu status, pode estar voltando a atrair as elites como uma prática profissional aceitável.

A distância dos pais é um fator agravante com relação ao tipo de apoio oferecido por estes. Na média, os atletas deixam de morar com os pais com menos de 13 anos de idade. Esta é uma característica específica do futebol no Brasil e que diferencia o tipo de apoio sugerido por outros autores (BLOOM, 1985; WYLLEMANN *et al.*, 2000; CÔTÉ *et al.*, 2003; DURAND-BUSH *et al.*, 2005). A maioria destes jovens não tem contato diário com os pais e ainda assim acredita que tem apoio, principalmente com relação aos aspectos emocionais.

Os GRÁFICOS 12 e 13 mostraram as mudanças drásticas no círculo de amigos dos atletas que, antes de se tornarem jogadores de futebol, tinham os amigos da rua, do bairro e da escola como referência, sendo que hoje estas amizades concentram-se no meio esportivo.

Novamente, a distância parece ser o fator limitador para que estes atletas mantenham suas amizades de origem, conforme sugerido por Hackfort e Huang (2005). A importância de relacionamentos sociais consistentes identificada em outros estudos (DE KNOP *et al.*, 1999; CÔTÉ *et al.*, 2003; PUMMEL *et al.*, *in press*) apresenta características diferentes neste contexto, pois as amizades construídas no futebol são fruto de convivência e não da afinidade. O amigo que aconselha pode ser o mesmo que toma o lugar no time.

A grande maioria dos atletas percebe que sua vida social mudou de alguma forma após tornar-se jogador de futebol. Quase a metade dos atletas afirma sentir falta de fazer outras atividades fora do futebol e cita o contato com a família, os amigos e a namorada como o que mais sente falta, acompanhando os resultados de Wylemann, Lavalée e Alfermann (1999). É importante ressaltar que estes jovens estão no momento de transição também no âmbito psicossocial, onde as referências estão voltadas para os pais, os amigos, a parceira e o treinador, conforme indicado por Wyllemann e Lavalée (2004) em seu modelo desenvolvimentista.

Não há dúvida de que o círculo social destes atletas precisa ser ampliado. Para tanto, cabe aos clubes facilitar o contato dos atletas com suas famílias e promover um ambiente social positivo. A partir dos programas de apoio ao atleta analisados neste estudo, pode-se sugerir também que os clubes ofereçam programas educativos com encontros, seminários e intervenções junto às famílias, treinadores e outras pessoas de convívio dos jogadores. O acompanhamento individualizado dos atletas por parte de profissionais especializados, tais como psicólogos e assistentes sociais, parece também imprescindível.

5.4. Planejamento da carreira

A família surge novamente como a principal referência no que diz respeito às expectativas dos atletas com relação ao futebol e ao planejamento de sua carreira. Ajudar a família é o principal anseio destes atletas e o pai e outros familiares são considerados os principais conselheiros para a maioria dos atletas, o que demonstra uma atuação direta ainda marcante da família, mesmo que à distância, o que é compatível com os dados de CÔTÉ (1999).

Nesta fase da carreira esportiva, o empresário começa a ter um papel mais importante para uma parte dos atletas, enquanto o treinador continua com uma atuação bastante apagada, ao contrário do que é sugerido por Salmela, Young e Kallio (2000), Côté *et al.* (2003) e

Alfermann e Wurth (2001). A falta de reconhecimento do treinador como uma pessoa importante para o atleta nos assuntos esportivos pode estar associada à estrutura das categorias de base no Brasil. A maioria dos clubes brasileiros possui um treinador para cada categoria, o que implica que o atleta terá o mesmo treinador por no máximo 2 (dois) anos. A mudança de treinador, por si só, já é um aspecto negativo (REDMOND & GORDON, 2005) e dificulta a aproximação atleta / treinador. O processo seletivo constante também pode promover este distanciamento, pois o mesmo treinador que aconselha é quem dispensa o atleta, fazendo com que este não tenha a confiança necessária para se dirigir ao treinador.

De uma maneira geral, os resultados mostram que há um nível razoável de planejamento por parte dos atletas, com exceção do planejamento relativo aos estudos, que mais uma vez apresenta dificuldades em ser conduzido. Uma sugestão feita por Wyllemann, Lavallee e Alfermann (1999) é a orientação individualizada aos atletas no que diz respeito à organização do tempo para treinamento e estudos. A priorização dos estudos no planejamento da carreira destes jovens é imprescindível, pois se trata do mecanismo mais importante de preparação para um possível término de vida esportiva e conseqüente adaptação a uma nova atividade não esportiva.

Os resultados referentes à aposentadoria mostram pouca preocupação por parte dos atletas com relação a este assunto. Isto pode ser considerado previsível, visto que estes atletas estão ainda lutando para se firmarem como profissionais, e não é o momento ainda de se exigir um planejamento a tão longo prazo. Porém, o resultado da pergunta sobre a escolha de outra profissão (81,9% dos atletas que planejam ter uma profissão depois de parar de jogar escolheram uma profissão ligada ao futebol) corresponde aos resultados de vários estudos (WINTERSTEIN *et al.*, 2001; BRANDÃO *et al.*, 2001; NORTH & LAVALLEE, 2004; AGRESTA, 2006; HACKFORT & HUANG, 2005) que identificaram a escolha de uma profissão ligada ao esporte como um fator facilitador para a transição pós-carreira esportiva.

A maioria dos atletas respondeu também que acha importante o auxílio de algum profissional para ajudá-lo no planejamento de sua carreira esportiva. A escolha do empresário como o mais indicado para tal serviço pode partir da percepção de que o planejamento da carreira se limita a conseguir bons contratos. Há que ser feito, então, um trabalho de conscientização dos atletas e de capacitação dos empresários acerca de outras dimensões que envolvem o planejamento da carreira (ex. emocional, ocupacional, social, financeira).

Um aspecto significativo destes resultados foi a constatação da presença do psicólogo nestes clubes. Quanto à atuação destes profissionais, estudos que avaliaram programas de apoio a jovens atletas (NORTH & LAVALLEE, 2004; GORELLY *et al.*, 2001) sugerem que

as intervenções tenham caráter aplicado como, por exemplo, organização da rotina diária, estabelecimento de metas, visualização de situações da vida cotidiana, elaboração de currículo e preparação para entrevistas.

5.5. Contexto do futebol

A percepção que estes atletas têm sobre o futebol é extremamente positiva, mesmo que eles tenham enfrentado problemas graves ao longo de sua carreira. Esta postura otimista pode estar associada à visão de que para se atingir uma meta (sonho) pode-se fazer qualquer sacrifício.

Os problemas mais enfrentados pelos atletas são dificuldades nos estudos, distância da família e contusões. Os dois primeiros estão associados ao planejamento e tipo de apoio social e podem ser minimizados conforme já sugerido anteriormente. Já as contusões são mais difíceis de lidar por seu caráter não-normativo (imprevisibilidade). É preocupante o fato destes atletas em idade tão jovem já estarem enfrentando problemas de contusões. Trabalhos de prevenção fisioterápica podem diminuir o risco, mas, no esporte de competição, a contusão é quase inevitável. Os clubes e seus profissionais devem estar prontos para oferecer apoio médico e emocional nestes momentos.

A família surge novamente como o principal instrumento de apoio nestes momentos difíceis. Curiosamente, a figura da mãe tornou-se uma categoria à parte dado o percentual de atletas que indicaram esta pessoa. O pai continua sendo uma referência, mas quando o assunto é de caráter mais pessoal, o colo ou a voz da mãe são insubstituíveis. Este resultado corrobora os resultados de Wuerth, Lee e Alfermann (2004) que identificaram o pai como apoio para assuntos comportamentais e a mãe como apoio para assuntos emocionais.

A percepção dos atletas acerca dos clubes também é bastante positiva. Talvez o fato da amostra ser de atletas que pertencem a clubes da 1ª divisão indique melhor estrutura e serviços de apoio ao atleta por parte dos clubes.

É importante chamar a atenção para o depoimento do atleta A1, quando ele fala do colega que foi para o exterior. Esta é uma possibilidade crescente para o jovem jogador brasileiro e caracteriza-se também como uma transição típica do futebol que acontece principalmente em países em desenvolvimento. A FIGURA 3 mostra os possíveis caminhos destes jovens.

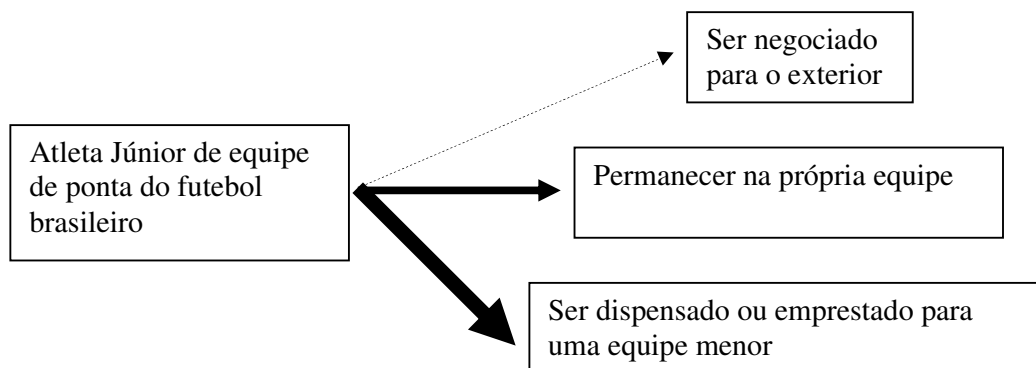


FIGURA 3 – Caminhos do jovem atleta de futebol

Estas possibilidades tão distintas fazem da transição do futebol amador para o profissional no Brasil um processo extremamente complexo, pois é necessário preparar o atleta para situações extremas. Há a necessidade de se preparar estes atletas para diferentes possibilidades da vida esportiva, desde o término precoce até a fama internacional. Ou seja, a tarefa a ser executada (preparação para a carreira não-esportiva ou para a carreira internacional) implica diferentes encaminhamentos a nível pessoal (educação e orientação especializada) e quanto à intervenção nos ambientes esportivo (clube, empresário) e não-esportivo (família) do atleta.

Estudos demográficos longitudinais devem ser desenvolvidos para identificar qual o caminho que estes atletas estão percorrendo, principalmente aquele tomado pelos que não obtiveram sucesso esportivo.

6. CONCLUSÕES

A partir dos resultados e da discussão feita à luz da revisão bibliográfica, as conclusões deste trabalho serão expostas de acordo com os objetivos traçados inicialmente.

Formação esportiva inicial – A formação esportiva inicial destes atletas se deu principalmente na prática do futebol de rua. O tempo dedicado à prática informal é bastante elevado e pode ter forte influência no desenvolvimento do desempenho futuro de jogadores. Em um segundo momento, as escolinhas passam a ser o espaço de prática da modalidade, fato este que leva a um início precoce da especialização do treinamento - por volta dos 9 (nove) anos de idade. A formação esportiva escolar pareceu pouco relevante na trajetória destes jogadores, enquanto a vontade própria (ou auto motivação) e a família foram bastante importantes no encaminhamento e motivação para a prática do futebol. Quanto ao tipo de prática, o futsal surgiu como um mecanismo importante de iniciação técnica. Por outro lado, estes atletas não vivenciaram a prática de diferentes modalidades esportivas nesta fase, ao contrário do que acontece com crianças talentosas de países desenvolvidos.

Contexto familiar e social – A maioria das famílias destes jogadores é de classe socioeconômica média-baixa e baixa e com nível de instrução mediano. No entanto, há também um grupo razoável de famílias de classe média e média-alta que procura se ajustar e dar apoio à prática do filho. A distância da família é um dos principais problemas enfrentados pelos atletas. Ao ingressar na vida esportiva, há uma mudança drástica nos círculos e práticas sociais dos atletas. Aquilo que mais sentem falta é namorar e sair com os amigos.

Planejamento da carreira – De uma maneira geral, os atletas apresentaram um nível razoável de planejamento de suas atividades esportivas, com exceção do planejamento dos estudos. Pouca atenção é dada ao planejamento de uma carreira não-esportiva futura; no entanto, a maioria daqueles que o fazem optam por uma carreira associada ao futebol. Apesar da distância, a família é a principal referência quanto ao planejamento da vida esportiva do atleta. O pai é o principal conselheiro da maioria, enquanto o empresário vem tendo um papel crescente. A atuação do treinador como agente de apoio ao planejamento da carreira destes jogadores é bastante limitada.

Contexto do futebol – A percepção destes atletas acerca do futebol é extremamente positiva, apesar dos problemas enfrentados. O sonho de se tornar um atleta profissional parece superar qualquer dificuldade. O que eles mais gostam no futebol é viajar e conhecer outros lugares, a satisfação pessoal proporcionada e o ambiente de competição. Os principais problemas enfrentados são os estudos, a distância da família e as contusões. Na visão dos atletas, a família continua sendo seu principal instrumento de apoio.

Ao finalizar este estudo, recomenda-se que sejam desenvolvidas outras pesquisas, tais como:

- Estudos comparativos interculturais de atletas na mesma faixa etária;
- Estudos longitudinais e demográficos que identifiquem o caminho tomado pelos atletas cuja carreira esportiva não atingiu a profissionalização;
- Estudos que diagnostiquem a formação e atuação de empresários de jovens atletas;
- Estudos sobre a percepção dos treinadores acerca do planejamento da carreira do jovem atleta;
- Estudos que identifiquem de forma mais detalhada as formas de suporte oferecidas pela família.

REFERÊNCIAS

- AGRESTA M.C., BRANDÃO, M.R.F., REBUSTINI, F., RIBEIRO F.A., BARROS NETO, T.L. Terminación de la carrera deportiva en jugadores de futsal [abstract]. In: **Libro de resúmenes del II Congreso Internacional de Psicología Aplicada al Deporte**; 2003 nov 12-15; Madri, Espanha. Madri: Dykinson. p. 137, 2003.
- AGRESTA, M.C. **Causas e conseqüências do término de carreira esportiva em jogadores brasileiros de basquetebol e futebol profissional**. 2006. x, 87f. Dissertação (Mestrado) - Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2006.
- ALFERMANN, D. Career transition and concomitant changes in athletes. In: **Proceedings of the 11th World Congress of Sport Psychology**; 2005 Aug 5-19; Sydney, Austrália. Sydney: International Society of Sport Psychology, 2005. CD ROM.
- ALFERMANN, D. & STAMBULOVA, N. Career Transitions and career termination. In: G. Tenenbaum e R. C. Eklund (Eds), **Handbook of Sport Psychology** (3rd ed., p.712-736). New York, Wiley, 2007.
- ALFERMANN, D., STAMBULOVA, N., ZEMAITYTE, A. Reactions to sport career termination: a cross-national comparison of German, Lithuanian, and Russian athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, 5, p. 61-75, 2004.
- ALFERMANN, D. & WÜRTH, S. Coach-athlete interaction in youth sport. In A. PAPAIOANNOU, A., GOUDAS, M. & Y. THEODORAKIS, Y. (Eds.) In: **The dawn of the new millennium. Program and proceedings of the 10th World Congress of Sport Psychology**. Thessaloniki, Greece: Christodoulidi Pub., v.3, p. 165-166, 2001.
- ALFERMANN, D. Causes and Consequences of Sport Career Termination. In: Lavallee, D. & Wyllemann, P. (Eds.), **Career Transitions in Sport: International Perspectives**. Morgantown, WV: Fitness Information Technology, p. 45-58, 2000.
- ANDERSON, D. & MORRIS, T. Athlete Lifestyle Programs. In: LAVALLEE, D. & WYLLEMANN, P. (Eds.) **Career Transitions in Sport: International Perspectives**. Morgantown, WV: Fitness Information Technology, p. 58-79, 2000.
- BLOOM, G. **Developing talent in young people**. New York: Ballantine Books, 1985.
- BOBRIDGE, K., GORDON, S., WALKER, A. & THOMPSON, R.. Evaluation of a career transition program for youth cricketers. **Australian Journal of Career Development**, 12, p. 19-27, 2003.
- BOTTERILL, C. What endings tell us about beginnings. In: ORLICK, T.; PARTINGTON, J.T.; SALMELA, J.H. **Mental Training for Coaches and Athletes**. Coaching Association of Canada, p. 164-165, 1983.
- BRANDÃO, M.R.F.; AKEL, M.C.; ANDRADE, S. A.; GUISELINI, M. A. N.; MARTINI, L. A; NASTÁS, M. A. Causas e Conseqüências da Transição de Carreira Esportiva: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**; 8(2): p. 49-58, 2000.

BRANDÃO M.R.F.; WINTERSTEIN, P.; AGRESTA, M.; PINHEIRO, C., AKEL, M.C.; MARITINI, L. Career transitions of former Brazilian top level athletes. In: PAPAIOANNOU, A.; GOUDAS, M.; THEODORAKIS, Y (Eds.) **The dawn of the new millennium. Program and proceedings of the 10th World Congress of Sport Psychology**. Thessaloniki, Greece: Christodoulidi Pub., v.3, p. 1-2, 2001.

BRASIL, 1998. Presidência da República, Casa Civil. Lei 9.615, de 24 de março de 1998. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 de março de 1998.

BREWER, B.W.; VAN RAALTE J.L. & PETITPAS, A.J. Self-identity issues in sport career transitions. In: LAVALLEE, D. & WYLLEMANN, P. (Eds.) **Career Transitions in Sport: International Perspectives**. Morgantown, WV: Fitness Information Technology, p. 29-43, 2000.

BUSSMANN, G. & ALFERMANN, D. Drop out and the female athlete – A study with track and field. In: HACKFORT, D. (Ed), **Psycho-Social Issues and Interventions in Elite Sports**, Frankfurt am Main, Peter Lang, p. 89-128, 1994.

CECIC, E.S.; WYLLEMANN, P.; ZUPANCIC, M. The effect of athletic and non-athletic factors on the sports career termination process. **Psychology of Sport and Exercise**, 5, p. 45–60, 2004.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **The sport Psychologist**, 13, p. 395-417, 1999.

CÔTÉ, J.; BAKER, J. & ABERNETHY, B. From Play to Practice: A Developmental Framework for the Acquisition of Expertise in Team Sports. In: STARKES, J.L; ERICSSON, K.A (Eds.) **Expert performance in sports: advances in research on sports expertise**. Champaign, IL: Human Kinetics, p. 89-113, 2003.

CRESWELL, J. Research Design: **Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2003. 246 p.

CROOK, J.M. & ROBERTSON, S.E. Transitions out of elite sport. **International Journal of Sport Psychology**. 22, p. 115-127, 1991.

DE KNOP, P.; WYLLEMANN, P.; VAN HOUCKE, J. & BOLLAERT, L. Sports management - An European approach to the management of the combination of academics and elite-level sport. In BAILEY, S. (Ed.) **Perspectives – The interdisciplinary series of Physical Education and Sport Science**. v1, School sport and competition. Oxford: Meyer & Meyer Sport, p. 49-62, 1999.

DONNELLY, P. (1993). Problems associated with youth involvement in high-performance sport. In: CAHILL, B. R. & PERAL, A. J. (Eds.), **Intensive participation in children's sports**. Champaign, IL: Human Kinetics, p. 95-126, 1993.

DURAND-BUSH, N.; SALMELA, J.H. & THOMPSON, K.A. The Role of Parents in the Development and Maintenance of Expertise in Sport. In: **Proceedings of the 11th World Congress of Sport Psychology**; 2005 Aug 5-19; Sydney, Australia. Sydney: International Society of Sport Psychology, 2005. CD ROM.

DRUBSCKY, R. **O Universo Tático do Futebol: Escola Brasileira**. Belo Horizonte: Health, 2003, 336 p.

EMRICH, E.; ALTMAYER, L. & PAPATHANASSIOU, V. Career counseling in an Olympic Center – a German experience. In: HACKFORT, D. (Ed), **Psycho-Social Issues and Interventions in Elite Sports**. Frankfurt am Main: Peter Lang, p. 199-235, 1994.

ERICSSON, K. A.; KRAMPE, R. & TESCH-RÖMER, C. The Role of Deliberate Practice in the Acquisition of Expert Performance. **Psychological Review**. v. 100, n. 3, p. 363-406, 1993.

ERICSSON, K.A. Development of Elite Performance and Deliberate Practice: An Update From the Perspective of the Expert Performance Approach. In: STARKES, J. L. & ERICSSON, K. A. (Eds.) **Expert performance in sports: advances in research on sports expertise**. Champaign, IL: Human Kinetics, p. 49-83, 2003.

FARIA, C. A., MARQUES, M. & SAMULSKI, D. Aposentadoria no Futebol: estudo de caso de uma transição de sucesso. In: **IV Fórum Brasil Esporte – Buscando Excelência Esportiva**, 4., Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais – Centro de Excelência Esportiva, 2006. CD-ROM.

FEPSAC. Fepsac and Sports Career Transitions. In: WYLLEMANN, P.; LAVALLEE, D. & ALFERMANN, D. (Eds). **Career transitions in competitive sports**. Biel, Switzerland: European Federation of Sport Psychology Monograph Series, p. 27-29, 1999.

FERNANDEZ, A.; YANNICK, S. & FOUQUEREAU, E. Assessing reasons for sports career termination: Development of the Athletes' Retirement Decision Inventory (ARDI) **Psychology of Sport and Exercise**, 7, p. 407–421, 2006.

GORDON, S.; LAVALLEE, D. & GROVE, R. J. Career Assistance Program Interventions in Sports. In: **Handbook of Research in Applied Sport and Exercise Psychology: International Perspectives**. Morgantown: West Virginia University, p. 233-243, 2005.

GORELY, T., LAVALLEE, D., BRUCE, D., TEALE, B., LAVALLEE, R A sampling of perceptions of potential users of Australian Athlete Career and Education Program. **Academic Athletic Journal**, 15, p. 11-21, 2001.

GROVE, R.J.; LAVALLEE, D. & GORDON, S. Coping with retirement from sport: The influence of athletic identity. **Journal of Applied Sport Psychology**, 9, p. 191-203, 1997.

GROVE, J. R., LAVALLEE, D., GORDON, S. & HARVEY, J. H. Account-Making: A model for understanding and resolving distressful reactions to retirement from sport. **The sport Psychologist**, 12, p. 52-67, 1998.

HACKFORT, D. A Conceptual Framework and Fundamental Issues for Investigating the Development of Peak Performance in Sports. In: HACKFORT, D. & TENEBBAUM, G. (Eds.) **Essential Processes for Attaining Peak Performance**. Oxford: Meyer & Meyer Sport (UK), p. 11-25, 2006.

- HACKFORT, D. & HENSCHEN, K. The Action Theory Approach in Sport Psychology. In: **Proceedings of the 11th World Congress of Sport Psychology**; 2005 Aug 5-19; Sydney, Australia. Sydney: International Society of Sport Psychology; 2005. CD ROM.
- HACKFORT, D. & HUANG, Z. Considerations for Research on Career Counseling and Career Transition. In: **Handbook of Research in Applied Sport and Exercise Psychology: International Perspectives**. Morgantown: West Virginia University, p. 245-255, 2005.
- HACKFORT, D. EMRICH, E. & PAPATHANASSIOU. V. **Nachsportliche Karriereverläufe. Eine Untersuchung zu berufsbezogenen Karrieren ehemaliger Spitzensportler**. Schorndorf: Hofmann, 1997.
- HACKFORT, D. & SCHLATTMANN, A. Career counseling and environmental management for elite athletes. In: HACKFORT, D. (Ed) **Psycho-Social Issues and Interventions in Elite Sports**. Frankfurt am Main: Peter Lang, p. 132-198, 1994.
- HUANG, Z.; SCHMIDT, U.; HACKFORT, D.; SI, G. Career Transition of Former Elite Athletes: preliminary results of a cross-cultural study between China and Germany. In: PAPAIOANNOU A, GOUDAS M, THEODORAKIS Y. (Eds). **The dawn of the new millennium. Programme and Proceedings of the 10th World Congress of Sport Psychology**; 2001 May 28-Jun 2; Skiathos, Greece. P 151-153. 2001.
- LALLY, P. Identity and athletic retirement: A prospective study. **Psychology of Sport and Exercise**, 8, p. 85–99, 2007.
- LAVALLEE, D. & ROBINSON, H. K. In pursuit of an identity: A qualitative exploration of retirement from women's artistic gymnastics. **Psychology of Sport and Exercise**, 8, p. 119–141, 2007.
- LAVALLEE, D.; WYLEMANN, P. & SINCLAIR, D. Career Transitions in sport. An annotated bibliography. In: LAVALLEE, D. & WYLLEMANN, P. (Eds.) **Career Transitions in Sport: International Perspectives**. Morgantown, WV: Fitness Information Technology, p. 207-258, 2000.
- LAVALLEE, D. Theoretical Perspectives on Career Transitions in Sport. In: LAVALLEE, D. & WYLLEMANN, P. (Eds). **Career Transitions in Sport: International Perspectives**. Morgantown, WV: Fitness Information Technology, p. 1-27, 2000.
- LAVALLEE, D. Career Awareness, Career Planning, and Career Transition Needs Among Sports Coaches. **Journal of Career Development**, v. 33, n. 1, p. 66-79, 2006.
- LAVALLEE, D & ANDERSEN, M. Leaving sport: Easing career transitions. In: ANDERSEN, M. (Ed.), **Doing Sport Psychology**. Champaign, IL: Human Kinetics, p. 223-236, 2000.
- LAVALLEE, D. The effect of a life development intervention on sports career transition adjustment. **The Sport Psychologist**, 19, p. 193-202, 2005.

MASCARENHAS, G. Tensões e mudanças recentes na cultura e na gestão do futebol brasileiro: entre a tradicional base local e as forças do Mercado. In: GARGANTA, J.; OLIVEIRA, J. & MURAD, M. (Eds) **Futebol de muitas cores e sabores: reflexões em torno do desporto mais popular do mundo**. Porto: Campo das Letras, p. 87-100, 2004.

MAYOCHI, L. & HANRAHAN, S. J. Transferable Skills for Career Change. In: LAVALLEE, D. & WYLLEMANN, P. (Eds). **Career Transitions in Sport: International Perspectives**. Morgantown, WV: Fitness Information Technology, p. 95-110, 2000.

MORAES, L. C. & MEDEIROS FILHO, E. S. Estudo do processo de seleção de jovens futebolistas. In: **Anais do XII Congresso Brasileiro: Psicologia do Esporte e do Exercício: Teoria e Aplicação**, São Paulo, 4 a 6 de Maio de 2006. São Paulo, USJT, 2006. CD ROM.

MORAES, L. C.; SALMELA, J. H.; RABELO, A. S.; VIANNA JÚNIOR, N. S. The Development of Exceptional Performance of Young Brazilian Soccer Players. In: **Proceedings of 15th Annual Conference of the Association for Advancement of Applied Psychology**, Nashville, Denton, TX: RonJon, p. 41, 2000.

MORAES, L. C.; SALMELA, J. H.; RABELO, A. S.; LIMA, M. S.; LOBO, I. L. B. O. Desenvolvimento de Jovens Atletas de Voleibol. In: **Anais do VIII Congresso Brasileiro de Psicologia do Esporte**, 2001, Belo Horizonte. Belo Horizonte, 2001.

MURAD M. A História social do futebol brasileiro: alguns elementos para a sua compreensão. In: GARGANTA, J.; OLIVEIRA, J. & MURAD, M. (Eds) **Futebol de muitas cores e sabores: reflexões em torno do desporto mais popular do mundo**. Porto: Campo das Letras, p. 73-86, 2004.

MURPHY, S. Transitions in Competitive Sports: Maximizing Individual Potencial. In: Murphy, S. (Ed). **Sport Psychology Interventions**. Human Kinetics, p. 331-345, 1995.

NAUL, R. The elite athlete career: Sport pedagogy must counsel social and professional problems in life development. 237- 253. In: HACKFORT, D. (Ed) **Psycho-Social Issues and Interventions in Elite Sports**. Frankfurt am Main: Peter Lang, p. 237-253, 1994.

NORTH, J. & LAVALLEE, D. An investigation of potential users of career transition services in the United Kingdom. *Psychology of Sport and Exercise*, 5, p. 77-84, 2004.

PARTNEY, L. G & WATKINS, M. P. **Foundations of Clinical research: applications to practice**. 2a Ed., Upper Saddle River, New Jersey: Prentice Hall, 2002.

PETLICHKOFF, L. M. Dropping out of sport: Speculation versus Reality. In: HACKFORT, D. (Ed) **Psycho-Social Issues and Interventions in Elite Sports**. Frankfurt am Main, Peter Lang, p. 59-87, 1994.

PETITPAS, A. J., CHAMPAGNE, D., CHARTRAND, J., DANISH, S., & MURPHY, S. **Athlete's guide to career planning: Keys to success from the playing field to professional life**. Champaign, IL: Human Kinetics, 1997, 226 p.

PETITPAS, A. J. & CHAMPAGNE, D. Practical Considerations in Implementing Sport Career Transitions Programs. In: LAVALLEE, D. & WYLLEMANN, P. (Eds.) **Career Transitions in Sport: International Perspectives**. Morgantown, WV: Fitness Information Technology, p. 81-93, 2000.

PUMMELL, B; HARWOOD C. & LAVALLE, D. Jumping to the next level: A qualitative examination of within-career transition in adolescent event riders. **Psychology of Sport and Exercise**. In press.

QUEENSLAND ACADEMY OF SPORT. **Athlete Career and Education Directory**. QAS, Nathan, Australia, 2006.

RABELO, A. S.; MORAES, L. C.; SALMELA, J. H. The Role of Parents in the Development of Young Brazilian Athletes in Soccer. In: **Proceedings of 16th Annual Conference of the Association for Advancement of Applied Psychology**. Orlando. Denton, TX: RonJon. p. 52, 2001.

RABELO, A. S. **O Papel dos Pais no Desenvolvimento de Jovens Atletas de Futebol**. 104f. 2002. Dissertação (Mestrado) Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

REDMOND, J. & GORDON, S. Transition into Elite Sport and the Development of Athletic Identity. In: **Proceedings of the 11th World Congress of Sport Psychology**; 2005 Aug 5-19; Sydney, Australia. Sydney: International Society of Sport Psychology, 2005. CD ROM.

SALMELA, J.H. & MARQUES, M.P. Religion, superstition and football in Brazil. **Insight – The FA Coaches Association Journal**, 3 (7), p.22-23, 2004.

SALMELA, J. H. & MORAES, L. C. Development of Expertise: The role of Coaching, Families and Cultural Aspects. In: STARKES, J. L. & ERICSSON, K. A. (Eds.) **Expert Performance in Sports: Advances in research on Sport Expertise**. Champaign, IL: Humans Kinetics, p. 274-294, 2003.

SALMELA, J. H.; YOUNG, B. W & KALLIO, J. Within-Career Transitions of the Athlete-Coach-Parent. In: LAVALLEE, D. & WYLLEMANN, P. (Eds.) **Career Transitions in Sport: International Perspectives**. Morgantown, WV: Fitness Information Technology, p. 181-193, 2000.

SALMELA, J. H. MARQUES M. P. e MACHADO, R. The informal structure of football in Brazil. **Insight – The FA Coaches Association Journal**, 1 (7), p. 17-19, 2003.

SALMELA, J. H. Phases and transitions across sport careers. In: HACKFORT, D. (Ed) **Psycho-Social Issues and Interventions in Elite Sports**. Frankfurt am Main, Peter Lang, p. 11-28, 1994.

SAMULSKI, D. **Psicologia do Esporte: manual para Educação Física, Fisioterapia e Psicologia**. São Paulo: Editora Manole, 2002.

SCHLOSSBERG, N. K. A model for analyzing human adaptation to transition. **The Counseling Psychologist**, 9, p. 2-18, 1981.

SCHMIDT, U.; SI, G.; HUANG, Z.; HACKFORT, D. A Comparison Between the Career Transitions of Former Chinese and German Top Class Athletes – Theoretical and Methodological Consideration. In: **Proceedings of the 10th European Congress of Sport Psychology**, 1999, Julho 7-12, Praga, Republica Tcheca. Praga: Charles University Press, p. 151-153, 1999.

SCHMIDT, U. & HACKFORT, D. Convergent and Divergent Results of a Bi-National Study on Career Transition of Former French and German top athletes. In: PAPAIOANNOU, A.; GOUDAS, M.; THEODORAKIS, Y. **In the dawn of the new millennium. Programme and Proceedings of the 10th World Congress of Sport Psychology**; 2001 May 28-Jun 2; Skiathos, Greece. p. 5-7, 2001.

SINCLAIR, D. A. & ORLICK, T. Positive transitions from high-performance sport. **The Sport Psychologist**, 7, p. 138-150, 1993.

SINCLAIR, D. A. & ORLICK, T. The effects of Transition in high performance sport. In: HACKFORT, D. (Ed) **Psycho-Social Issues and Interventions in Elite Sports**, Frankfurt am Main: Peter Lang, p. 29-55, 1994.

SINCLAIR, D.A. & HACKFORT, D. The Role of The Sport Organization in The Career Transition Process. In: LAVALLEE, D. & WYLLEMANN, P. (Eds.), **Career Transitions in Sport: International Perspectives**. Morgantown, WV: Fitness Information Technology, p. 131-142, 2000.

SOUTO, S. M. Futebol: entre o simbólico e o Mercado. In: GARGANTA, J.; OLIVEIRA, J. & MURAD, M. (Eds) **Futebol de muitas cores e sabores: reflexões em torno do desporto mais popular do mundo**. Porto: Campo das Letras, p. 119-135, 2004.

STAMBULOVA, N. The Transition from junior to senior sports: A summary of six Swedish studies. In: **Proceedings of the 12th European Congress of Sport Psychology**. 4 a 7 de setembro de 2007, Grécia, p. 126-127, 2007. CD ROM.

STAMBULOVA, N.; ALFERMANN, D.; CÔTÉ, J. & STATLER, T. Career Development and Transition of Athletes. In: **Proceedings of the 12th European Congress of Sport Psychology**. 4 a 7 de setembro de 2007, Grécia, p. 103-107, 2007. CD ROM.

STAMBULOVA, N., STEPHAN, Y., JAPHAG, U. Athletic retirement: A cross-national comparison of elite French and Swedish athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, 8, p. 101-118, 2007.

STAMBULOVA, N. Transitional Period of Russian Athletes Following sports Career Termination. In: **Proceedings of the IXth World Congress of Sport Psychology**; 1997, Julho 5-9; Netanya, Israel. International Society of Sport Psychology; p. 658-660, 1997.

STAMBULOVA, N.B. Sports Career Transitions of Russian Athletes. **Proceedings of the IX FEPSAC Congress**. Brussels, Belgium, 1995, p. 867-873.

STAMBULOVA, N. Developmental sports career investigations in Russia: A post-perestroika analysis. **The Sport Psychologist**, 8,p.221-237, 1994.

TATE, G. "Sliding to Success" – The Development of an Olympic Winter Sport's Athlete Assistance Program. In: **Proceedings of the 11th World Congress of Sport Psychology**; 2005 Aug 5-19; Sydney, Australia. Sydney: International Society of Sport Psychology, 2005. CD ROM.

TAYLOR, J. & OGILVIE, B.C. A conceptual model of adaptation to retirement among athletes. **Journal of Applied Sport Psychology**, 6, p. 1-20, 1994.

TAYLOR, J.; OGILVIE, B. Career transition among elite athletes: is there life after sports? In: WILLIAMS, J. M. (ed). **Applied Sport Psychology: Personal Growth to Peak Performance**, 3rd ed. Mountain View, CA: Mayfield, p. 429-444, 1998.

THOMAS, J.R & NELSON, J. K. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 3^a ed. Porto Alegre: Artmed, 2002. 419 p.

TORREGROSA, M.; BOIXADO'S M., VALIENTE, L. & CRUZ, J. Elite athletes' image of retirement: the way to relocation in sport. **Psychology of Sport and Exercise**, 5, p. 35-43, 2004.

VIANNA JÚNIOR, N. S. **A influência dos pais no desenvolvimento de jovens atletas de tênis**. 134 p. 2002. Dissertação (Mestrado). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2002.

VIANNA JÚNIOR, N. S.; RABELO, A. S.; MOURTHE, K. & SALMELA, J. H. Families in Sport in Brazil. In: **Proceedings of the 11th World Congress of Sport Psychology**; 2005 Aug 5-19; Sydney, Australia. Sydney: International Society of Sport Psychology, 2005. CD ROM.

WINTERSTEIN P; BRANDÃO, M. R. F.; PINHEIRO, C.; AGRESTA, M.; AKEL, C. M.; MARTINI, L.; Transition in sports career in Brazilian professional soccer players. In: PAPAIOANNOU, A.; GOUDAS, M. & THEODORAKIS, Y. **In the dawn of the new millennium. Programme and Proceedings of the 10th World Congress of Sport Psychology**; 2001 May 28-Jun 2; Skiathos, Greece. Thessaloniki: Christodoulidi, p. 3-4, 2001.

WUERTH, S.; LEE, M. J. & ALFERMANN, D. Parental involvement and athletes' career in youth sport. **Psychology of Sport and Exercise**, 5, p. 21–33, 2004.

WURTH, S; ALFERMANN, D. & SABOROWSKI, C. Determinants of Career Dropout in Youth Sport. In: **Proceedings of the 10th European Congress of Sport Psychology**; 1999, Julho 7-12, Praga, República Tcheca. Praga: Charles University Press, p. 298-300, 1999.

WYLLEMANN, P. & LAVALLEE, D. A developmental perspective on transitions faced by athletes. In: WEISS, M. (Ed.), **Developmental sport and exercise psychology: A lifespan perspective**. Morgantown, WV: Fitness Information Technology, p. 507-527, 2004.

WYLLEMANN, P.; ALFERMANN, D. & LAVALLEE, D. Career transitions in sport: European perspectives. **Psychology of Sport and Exercise**, 5, p. 7-20, 2004.

WYLLEMANN, P.; LAVALLEE, D. & ALFERMANN, D. (Eds.) **Career transitions in competitive sports**. Biel, Switzerland: European Federation of Sport Psychology Monograph Series, 1999.

WYLLEMANN, P.; DE KNOP, P.; EWING, M. E., & CUMMING, S. P. Transitions in youth sport: A developmental perspective on parental involvement. In: LAVALLEE, D. & WYLLEMANN, P. (Eds.) **Career transitions in sport: International perspectives**. Morgantown, WV: FIT Publications, p. 143-160, 2000.

YOUNG, R. **An action approach to career counseling**. *ERIC Digest*. Ottawa: Canadian Guidance and Counseling Foundation. 1995. Disponível em: <www.de.gov/databases/ERIC_Digests/ed404579.html> Acesso em 17 de junho de 2007.

ANEXOS

Anexo 1 - TCLE



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu entendi qual é a importância da minha participação neste estudo a partir do contato que tive com os pesquisadores envolvidos. Eu li e compreendi todos os procedimentos que envolvem esta pesquisa, bem como os seus objetivos, e tive tempo suficiente para considerar a minha participação no estudo. Eu perguntei e obtive as respostas para todas as minhas dúvidas. Eu sei que posso me recusar a participar deste estudo ou que posso abandoná-lo a qualquer momento sem qualquer tipo de constrangimento. Eu também compreendo que os pesquisadores podem decidir a minha exclusão do estudo por razões científicas, sobre as quais eu deverei ser devidamente informado. Tenho uma cópia deste formulário, o qual foi assinado em duas vias idênticas.

Portanto, aqui forneço o meu consentimento para participar do estudo intitulado:

“ANÁLISE DA TRANSIÇÃO DA CARREIRA ESPORTIVA DE ATLETAS DE FUTEBOL DA FASE AMADORA PARA A FASE PROFISSIONAL”

Local: _____

Data: ___/___/2007

Assinatura do voluntário: _____

Declaro que expliquei os objetivos deste estudo ao voluntário, dentro dos limites dos meus conhecimentos científicos.

Prof. Mauricio Pimenta Marques

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!

Mauricio Pimenta Marques

Em caso de dúvidas sobre o questionário e/ou a pesquisa, favor entrar em contato:

E-mail: chopinho@csa.g12.br

Tels: 55-31-78118375 ou 55-31-3499-2331

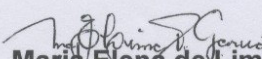
Anexo 2 – Parecer Comitê de Ética

UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais
Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG - COEP**Parecer nº. ETIC 384/07****Interessado(a): Prof. Dietmar Martin Samulski
Departamento de Esportes
EEFFTO-UFMG****DECISÃO**

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 26 de setembro de 2007, o projeto de pesquisa intitulado "**Análise da transição da carreira esportiva de atletas de futebol da fase amadora para a fase profissional**" bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, mas com a seguinte recomendação: que sejam envolvidos os diretores e supervisores dos atletas em um TCLE formalmente explicitado, uma vez que trabalham diretamente com os referidos atletas.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.



Profa. Dra. Maria Elena de Lima Perez Garcia
Coordenadora do COEP-UFMG

Anexo 3 – TCLE Supervisores e diretores



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO Supervisor / Diretor

Enquanto supervisor / diretor de futebol entendo a importância da minha participação e dos atletas da minha equipe neste estudo a partir do contato que tive com os pesquisadores envolvidos. Eu li e compreendi todos os procedimentos que envolvem esta pesquisa, bem como os seus objetivos, e tive tempo suficiente para considerar a minha participação no estudo. Eu perguntei e obtive as respostas para todas as minhas dúvidas. Eu sei que posso me recusar a participar deste estudo ou que posso abandoná-lo a qualquer momento sem qualquer tipo de constrangimento. Eu também compreendo que os pesquisadores podem decidir a minha exclusão do estudo por razões científicas, sobre as quais eu deverei ser devidamente informado. Tenho uma cópia deste formulário, o qual foi assinado em duas vias idênticas.

Portanto, aqui forneço o meu consentimento para participar do estudo intitulado:

“ANÁLISE DA TRANSIÇÃO DA CARREIRA ESPORTIVA DE ATLETAS DE FUTEBOL DA FASE AMADORA PARA A FASE PROFISSIONAL”

Local: _____

Data: ___/___/2007

Assinatura do supervisor / diretor voluntário: _____

Declaro que expliquei os objetivos deste estudo ao voluntário, dentro dos limites dos meus conhecimentos científicos.

Prof. Mauricio Pimenta Marques

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!

Mauricio Pimenta Marques

Em caso de dúvidas sobre o questionário e/ou a pesquisa, favor entrar em contato:

E-mail: chopinho@csa.g12.br

Tels: 55-31-78118375 ou 55-31-3499-2331

Anexo 4 – Parecer Colegiado



Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Av. Pres. Antônio Carlos nº 6227 – CEP 31270-901
Belo Horizonte – Minas Gerais - Brasil

Histórico:

O Colegiado de Pós-Graduação, no dia 28 de maio de 2007, enviou-me o projeto intitulado: "Análise da transição da carreira esportiva de atletas de futebol da fase amadora para a fase profissional". O autor do projeto é o mestrando desta instituição, Mauricio Pimenta Márquez, orientado pelo Prof. Dietmar Martin Samulski, que é o responsável pelo projeto.

Mérito:

O objetivo do projeto é analisar a transição da carreira esportiva de jovens atletas de futebol da fase amadora para fase profissional, com especial atenção aos fatores relevantes na formação esportiva, ao contexto familiar e social, aos fatores que influenciam no planejamento da carreira esportiva e à percepção dos atletas acerca do contexto do futebol no qual eles estão inseridos.

A fundamentação teórica do projeto é atual e abrangente. O tema é relevante e o autor apresenta uma justificativa adequada. A metodologia prevê todas as etapas do estudo e os cuidados éticos foram contemplados. O projeto será enviado ao COEP após sua aprovação no Colegiado de Pós-Graduação.

Parecer:

Somos favoráveis à aprovação do projeto.

Prof. Dr. Emerson Silami Garcia

Dr. Emerson Silami Garcia
Professor Titular
Departamento de Esportes
Escola de Educação Física/UFMG

*Aprovado
Ad. Referência*

4/04/2007

Prof. Dr. Dietmar Martin Samulski
Sub-Coordenador do Colegiado do Curso de Mestrado em
Educação Física
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E
TERAPIA OCUPACIONAL - UFMG

Anexo 5 – Carta de Apresentação

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E
TERAPIA OCUPACIONAL



Carta de Apresentação

Belo Horizonte, _____ de 2007.

Prezado Sr. _____,

Venho, por meio desta, apresentar-lhe o mestrando Mauricio Pimenta Marques, professor de Educação Física e aluno do Curso de Mestrado em Treinamento Esportivo da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que, orientado por mim, desenvolve um projeto objetivando analisar a transição da carreira esportiva de atletas de futebol da Categoria Júnior.

Através da aplicação de questionários e entrevistas realizadas em equipes de futebol júnior, pretendemos identificar fatores relevantes na formação esportiva inicial dos atletas; caracterizar o contexto familiar e social dos atletas; identificar os fatores que influenciam no planejamento da carreira esportiva dos atletas e analisar a percepção dos atletas acerca do contexto do futebol no qual estão inseridos.

Com o intuito de respaldar a idoneidade e a cientificidade deste projeto junto aos atletas e clubes, gostaríamos de informar que contamos também com o apoio da Escola Brasileira de Futebol, órgão vinculado à Confederação Brasileira de Futebol.

Gostaríamos ainda de ressaltar que durante a coleta de dados serão adotados todos os procedimentos éticos necessários, garantindo, assim, o ANONIMATO a todos os participantes e clubes. Declaramos também que as informações obtidas serão utilizadas somente para fins científicos e nos comprometemos a enviar-lhe uma cópia do trabalho quando este for concluído. Além disso, colocamo-nos à sua inteira disposição para esclarecer quaisquer dúvidas a respeito da pesquisa em questão.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Dietmar Samulski
Diretor do CENESP - UFMG

Anexo 6 – Carta de apoio institucional da EBF



Rio de Janeiro, 13 de junho de 2007

DECLARAÇÃO DE APOIO INSTITUCIONAL

Prezado Diretor / Supervisor,

A Escola Brasileira de Futebol, instituição vinculada à CBF, vem através desta manifestar o seu apoio ao projeto de mestrado do Prof. Mauricio Pimenta Marques, orientado pelo Prof. Dr. Dietmar Samulski no programa de pós-graduação em treinamento esportivo da Universidade Federal de Minas Gerais.

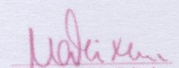
O projeto tem como principal objetivo analisar a transição da carreira esportiva de atletas de futebol da categoria júnior.

Para tanto, gostaríamos de solicitar a gentileza de participação do seu clube, no sentido de colaborar com o desenvolvimento da pesquisa.

Consideramos que tal projeto, que tem como intenção fornecer subsídios científicos na área de psicologia do esporte aplicada ao futebol, deverá se somar aos esforços desta instituição na busca da modernização, apoio à pesquisa e crescimento do futebol brasileiro.

Atenciosamente,

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL


Marco Antonio Teixeira
Secretário General – CBF

Anexo 7 – Consentimento Pós-informado



CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO:

Convido Vossa Senhoria, como atleta de futebol no ambiente competitivo, a participar da pesquisa **“ANÁLISE DA TRANSIÇÃO DA CARREIRA ESPORTIVA DE ATLETAS DE FUTEBOL DA FASE AMADORA PARA A FASE PROFISSIONAL”**.

Este documento fornece informações sobre o estudo, além de apresentar-lhe outros detalhes sobre o trabalho que você estará participando. Como pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais, solicitamos de Vossa Senhoria a colaboração referente à análise das questões de transição da carreira esportiva da fase amadora para a fase profissional contidas no material que lhe envio.

Gostaria ainda de ressaltar que durante a pesquisa serão adotados todos os procedimentos éticos necessários, garantindo, assim, o ANONIMATO a todos os participantes. Declaramos também que as informações obtidas serão utilizadas somente para fins científicos.

Você está recebendo um envelope contendo 1 (um) questionário com 46 questões. Desde já agradeço sua contribuição voluntária, pois sem ela não seria possível desenvolver tal estudo, e pedimos para que assine o termo de compromisso que segue em anexo.

Informo ainda que quaisquer dúvidas referentes ao projeto devem ser encaminhadas ao Comitê de Ética em Pesquisa de UFMG, localizado na Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II, 2º andar, Sala 2005, Belo Horizonte, tel. 31 3499-4592, ou aos pesquisadores:

Pesquisador Responsável: Dr. Dietmar Samulski – 31 34992331

Orientando: Mauricio Marques – 31 34992331

Prof. Mauricio Pimenta Marques

Anexo 8 - Questionário de Transição no FutebolCódigo do atleta: _____
Não preencher**Amador / Profissional****A – Dados gerais e escolaridade**

1. Nome (opcional): _____
2. Data de nascimento: ____/____/____
3. Local de nascimento: Cidade: _____ Estado: _____
4. Aonde você mora?

<input type="checkbox"/> Na casa dos meus pais	<input type="checkbox"/> Na casa de outros parentes	<input type="checkbox"/> No alojamento do clube	<input type="checkbox"/> Em outro lugar. Qual? _____
--	---	---	--

5. Até que série escolar você cursou ou que série está cursando?

<input type="checkbox"/> 1ª série	<input type="checkbox"/> 2ª série	<input type="checkbox"/> 3ª série	<input type="checkbox"/> 4ª série	<input type="checkbox"/> 5ª série	<input type="checkbox"/> 6ª série
<input type="checkbox"/> 7ª série	<input type="checkbox"/> 8ª série	<input type="checkbox"/> 1º ano	<input type="checkbox"/> 2º ano	<input type="checkbox"/> 3º ano	<input type="checkbox"/> Curso superior

6. Você chegou a parar de estudar para jogar futebol? () Sim () Não

7. O que você acha de estudar e jogar futebol ao mesmo tempo?

<input type="checkbox"/> Muito fácil	<input type="checkbox"/> Relativamente fácil	<input type="checkbox"/> Normal	<input type="checkbox"/> Relativamente difícil	<input type="checkbox"/> Muito difícil
--------------------------------------	--	---------------------------------	--	--

B – Formação esportiva inicial

8. Onde você aprendeu a jogar futebol?

<input type="checkbox"/> No colégio	<input type="checkbox"/> Na escolinha	<input type="checkbox"/> Na rua	<input type="checkbox"/> Em casa	<input type="checkbox"/> Em outro lugar Qual? _____
-------------------------------------	---------------------------------------	---------------------------------	----------------------------------	--

9. Antes de se federar, quantas horas por dia você jogava bola (incluindo pelada e brincadeiras)? ____ horas. Aonde?

<input type="checkbox"/> No colégio	<input type="checkbox"/> No clube	<input type="checkbox"/> Na rua	<input type="checkbox"/> Em casa	<input type="checkbox"/> Em outro lugar Qual? _____
-------------------------------------	-----------------------------------	---------------------------------	----------------------------------	--

10. Com quantos anos você começou a ter treinos regulares? ____ anos. Aonde?

<input type="checkbox"/> No colégio	<input type="checkbox"/> No clube	<input type="checkbox"/> Na campo de várzea	<input type="checkbox"/> Na escolinha	<input type="checkbox"/> Em outro lugar Qual? _____
-------------------------------------	-----------------------------------	---	---------------------------------------	--

11. Na época em que você começou a ter treinos regulares, quantas horas por dia você treinava? ____ horas. Quantas vezes por semana? ____ vezes.

12. Você já treinou futsal em equipe ou escolinha? () Sim () Não

13. Antes de se associar a um clube, você praticou ou treinou outros esportes? () Sim () Não

Qual(is)? _____

14. Quem te ensinou a jogar futebol (marque apenas uma resposta)?

<input type="checkbox"/> Uma pessoa da minha família	<input type="checkbox"/> Meu técnico	<input type="checkbox"/> Meus amigos	<input type="checkbox"/> Aprendi sozinho	<input type="checkbox"/> Meu professor	<input type="checkbox"/> Outra pessoa. Quem? _____
--	--------------------------------------	--------------------------------------	--	--	--

15. Quem te motivou a jogar futebol (marque apenas uma resposta)?

<input type="checkbox"/> Uma pessoa da minha família	<input type="checkbox"/> Meu técnico	<input type="checkbox"/> Meus amigos	<input type="checkbox"/> Ninguém	<input type="checkbox"/> Meu professor	<input type="checkbox"/> Outra pessoa. Quem? _____
--	--------------------------------------	--------------------------------------	----------------------------------	--	--

16. Através de quem você teve seu primeiro contato com um clube (marque apenas uma resposta)?

<input type="checkbox"/> De um olheiro	<input type="checkbox"/> De um professor	<input type="checkbox"/> De uma pessoa da minha família	<input type="checkbox"/> Eu mesmo procurei	<input type="checkbox"/> De outra pessoa. Quem? _____
--	--	---	--	---

17. Com quantos anos você fez seu primeiro teste para entrar em um time? _____

18. Quantos testes você fez até hoje? _____

19. Com quantos anos você se federou na sua primeira equipe? _____

20. Quantos dias por semana você treina? _____ Quantas horas por dia? _____

21. Você já assinou com algum clube seu primeiro contrato como profissional?

() Sim () Não. Caso tenha respondido "sim", em que ano? _____

22. Você ou sua família já assinaram algum termo de compromisso com algum empresário, agente ou procurador? () Sim () Não

C – Contexto familiar e social

23. Quantas pessoas moram na sua casa (sem contar você)? _____

24. Qual é a renda total da sua família atualmente, somados os salários de todos os que moram na sua casa, sem considerar a sua renda?

- R\$0,00 a R\$399,00 R\$400,00 a R\$999,00 R\$1.000,00 a R\$1.599,00
 R\$1.600,00 a R\$1.999,00 R\$2.000,00 a R\$3.000,00 Mais de R\$3.000,00

25. Até que série escolar seu pai estudou?

<input type="checkbox"/> 1ª série	<input type="checkbox"/> 2ª série	<input type="checkbox"/> 3ª série	<input type="checkbox"/> 4ª série	<input type="checkbox"/> 5ª série	<input type="checkbox"/> 6ª série
<input type="checkbox"/> 7ª série	<input type="checkbox"/> 8ª série	<input type="checkbox"/> 1º ano	<input type="checkbox"/> 2º ano	<input type="checkbox"/> 3º ano	<input type="checkbox"/> Curso superior

26. Até que série escolar sua mãe estudou?

<input type="checkbox"/> 1ª série	<input type="checkbox"/> 2ª série	<input type="checkbox"/> 3ª série	<input type="checkbox"/> 4ª série	<input type="checkbox"/> 5ª série	<input type="checkbox"/> 6ª série
<input type="checkbox"/> 7ª série	<input type="checkbox"/> 8ª série	<input type="checkbox"/> 1º ano	<input type="checkbox"/> 2º ano	<input type="checkbox"/> 3º ano	<input type="checkbox"/> Curso superior

27. Você precisou mudar da casa dos seus pais para jogar futebol? () Sim () Não. Caso tenha respondido “sim”, com que idade? _____ano(s)

28. Que grau de apoio seus pais podiam lhe oferecer com relação aos aspectos abaixo?

Grau de apoio	0	1	2	3	4
Aspecto	Nenhum apoio	Pouco apoio	Apoio razoável	Muito apoio	Apoio total
Transporte para treinos e jogos					
Apoio financeiro					
Incentivo a continuar treinando					
Apoio emocional em situações difíceis (contusões, dispensas, etc)					
Outro aspecto (especifique):					

29. De onde eram seus amigos antes de você se tornar jogador de futebol ou se associar a um clube de futebol (marque apenas uma resposta)?

<input type="checkbox"/> Do colégio	<input type="checkbox"/> Eram parentes	<input type="checkbox"/> Da rua ou do bairro	<input type="checkbox"/> De outro lugar. Qual? _____
-------------------------------------	--	--	--

30. Hoje, de onde são seus amigos (marques apenas uma resposta)?

<input type="checkbox"/> Do colégio	<input type="checkbox"/> São parentes	<input type="checkbox"/> Da rua ou do bairro	<input type="checkbox"/> Do futebol	<input type="checkbox"/> De outro lugar. Qual? _____
-------------------------------------	---------------------------------------	--	-------------------------------------	--

31. Você sente falta de fazer outras atividades fora do ambiente do futebol, como namorar, ir ao cinema, ir ao shopping, etc? () Não () Sim. Caso tenha respondido “sim”, do que você sente mais falta?
 _____.

32. Como ficou sua vida social depois de você ter se federado como jogador de futebol (amigos, lugares que freqüentava, tempo para lazer)?

<input type="checkbox"/> Não mudou	<input type="checkbox"/> Mudou pouco	<input type="checkbox"/> Mudou razoavelmente	<input type="checkbox"/> Mudou muito	<input type="checkbox"/> Está totalmente diferente
------------------------------------	--------------------------------------	--	--------------------------------------	--

D – Planejamento da carreira

33. Considerando os fatores abaixo, qual é o grau de suas expectativas em relação à profissão de jogador de futebol? Coloque em ordem de importância: 1 para o mais importante, 2 para o segundo mais importante e assim por diante, até 5.

Expectativa	Ordem de Prioridade
Financeira (ganhar dinheiro)	
Pessoal / auto-realização (jogar por prazer)	
Familiar (ajudar minha família)	
Social / <i>status</i> (fazer sucesso, ser famoso)	
Excelência / Competência (ser um jogador de alto nível)	
Outra (especifique):	

34. Hoje, quem é seu maior conselheiro com relação aos assuntos do futebol (marque apenas uma resposta)?

<input type="checkbox"/> Meu pai <input type="checkbox"/> Outro familiar. Quem? _____ <input type="checkbox"/> Um dirigente (supervisor ou diretor) <input type="checkbox"/> Um amigo <input type="checkbox"/> Meu técnico <input type="checkbox"/> Um outro membro da comissão técnica (preparador físico, massagista, roupeiro...) <input type="checkbox"/> Meu empresário <input type="checkbox"/> Outra pessoa. Quem? _____
--

35. Com relação às questões abaixo, indique o grau de planejamento de sua carreira esportiva:

Grau de planejamento	0 Nunca planejei	1 Planejo um pouco	2 Planejo mais ou menos	3 Planejo bastante	4 Planejo sempre
Questões					
Estudos: parar ou continuar a estudar, fazer universidade					
Formas de dar apoio à família: dar ajuda financeira, visitar os pais, etc					
Decisões relativas ao futebol: negociação de contrato ou ajuda de custo, transferências, projetos futuros					
Estabelecimento de metas nos treinos e jogos					
Cuidados pessoais: alimentação, sono, saúde					
Controle financeiro: gastos e economias					

36. Você já pensou com que idade irá parar de jogar futebol? () Sim () Não. Caso tenha respondido “sim”, com que idade? _____ anos

37. Hoje, você planeja ter uma outra profissão depois que parar de jogar futebol?
() Sim () Não. Qual? _____

38. Você acha que seria importante o auxílio de algum profissional (psicólogo, assistente social, supervisor, empresário) para ajudá-lo a planejar sua carreira esportiva? () Sim () Não
Caso tenha respondido “sim”, de quem você gostaria de receber essa ajuda (marque apenas uma resposta)?

<input type="checkbox"/> Assistente social	<input type="checkbox"/> Supervisor	<input type="checkbox"/> Psicólogo	<input type="checkbox"/> Técnico	<input type="checkbox"/> Empresário	Outros: _____
--	-------------------------------------	------------------------------------	----------------------------------	-------------------------------------	---------------

39. Você já participou de algum trabalho com um psicólogo do esporte? () Sim () Não

E – Contexto do futebol

40. Com relação às áreas abaixo, indique o grau de benefício que você obteve até hoje através do futebol:

Grau de benefício	0 Nenhum	1 Baixo	2 Razoável	3 Alto	4 Altíssimo
Áreas					
Motivação					
Status social/ fama					
Saúde					
Educação					
Formação para a vida					
Condições financeiras					
Amizades					
Outra área (especifique):					

41. Quais dos problemas abaixo você já enfrentou no futebol? Marque de acordo com a frequência dos problemas:

Problemas	0 Nenhum problema	1 Poucos problemas	2 Alguns problemas	3 Vários problemas	4 Muitíssimos problemas
Contusões					
Dificuldades nos estudos					
Falta de apoio financeiro					
Mau relacionamento com dirigentes					
Mau relacionamento com a comissão técnica					
Mau relacionamento com outros atletas					
Distância da família					
Indisciplina					
Falta de estrutura do clube (condições de treinamento)					
Outro (especifique):					

42. Quem mais o ajudou a superar esses problemas (marque apenas uma resposta)?

<input type="checkbox"/> Meu pai <input type="checkbox"/> Outro familiar. Quem? _____ <input type="checkbox"/> Um dirigente (supervisor ou diretor) <input type="checkbox"/> Um amigo <input type="checkbox"/> Meu técnico <input type="checkbox"/> Um outro membro da comissão técnica (preparador físico, massagista, roupeiro...) <input type="checkbox"/> Meu empresário <input type="checkbox"/> Outra pessoa. Quem? _____
--

43. Com relação aos aspectos abaixo, que grau de suporte ou ajuda seu clube lhe oferece?

Grau de suporte	0 Nenhum suporte	1 Pouco suporte	2 Suporte razoável	3 Muito suporte	4 Suporte total
Aspectos					
Contusões					
Estudos					
Aspectos psicológicos e emocionais					
Aspectos financeiros					
Planejamento da sua carreira esportiva					
Outro (especifique):					

44. O que você gosta e o que você não gosta no ambiente do futebol? Marque 0 para “detesto”, 1 para “não gosto”, 2 para “indiferente”, 3 para “gosto” e 4 para “gosto muito”

Ambiente do futebol	0	1	2	3	4
Ambiente de competição					
Sucesso					
Retorno financeiro					
Viajar e conhecer outros lugares					
Rotina de treinos					
Contato com os colegas					
Contato com a imprensa					
Reconhecimento social e fama					
Satisfação pessoal					
Outro (especifique): _____					

45. Escreva três fatores que ajudaram na sua carreira como jogador de futebol:

46. Escreva três fatores que dificultaram sua carreira como jogador de futebol:

Anexo 9 – Entrevista Semi-estruturada



Análise da Transição da Carreira Esportiva de Atletas de Futebol da Fase Amadora para a Fase Profissional

Entrevista Semi-estruturada – Atletas

- 1 – Fale da sua trajetória até se tornar jogador de futebol.
- 2 – Como você conciliou futebol e estudos?
- 3 – Quantas horas por dia você jogava futebol antes e depois de se federar?
- 4 – Como foi seu encaminhamento para seu primeiro clube de futebol?
- 5 – Fale sobre sua família e sua relação com o futebol. Formas de apoio, mudança de moradia, distância.
- 6 – Que mudanças o futebol trouxe para a sua vida quando você decidiu se tornar jogador de futebol? Amigos, hábitos, lazer, mudanças positivas e negativas.
- 7 – Quem é seu maior conselheiro quanto à sua carreira esportiva?
- 8 – O que você entende por planejamento da carreira? Como você faz o planejamento de sua carreira? Estudos, contratos.
- 9 – Como foram as transições que você fez entre cada categoria (risco de ser cortado)?
- 10 – E agora como está sendo a transição para o profissional? E seus colegas?
- 11 – O que você pensa em fazer quando parar de jogar?
- 12 – O que você acha do ambiente do futebol? Pontos positivos e negativos.